

## INTRODUÇÃO

---

A classificação de palavras é a mais antiga das áreas da gramática. Na verdade, o (f)ato fundador *par excellence* da chamada Tradição Gramatical do Ocidente foi o estabelecimento da distinção platônica entre *nomes* e *verbos*. Para além do encanto pós-estruturalista pelo arcaicíssimo *Crátilo*, é no último terço do *Sofista* – o trecho em que se materializa pela primeira vez a distinção entre *onoma* e *rhema*<sup>1</sup> – que se pode dizer que a gramática começa a brotar da semente. Tal distinção será a fonte da classificação “tradicional” das palavras, que vai se manter, em linhas gerais, até os nossos dias, o que levou Sylvain Auroux a caracterizar o vocabulário técnico da gramática como o mais estável dentre todos os campos do conhecimento.

A visão de uma “gramática tradicional” fossilizada, teimando em manter as distinções dionisianas contra todas as evidências, certamente é uma caricatura grosseira e injusta, elaborada por quem fez da Tradição Gramatical uma leitura superficial, por demais ideologizada e marcada pela falta do senso crítico que tanto se cobra dos outros. Porém, é verdade que algumas partes da gramática foram mais ativamente discutidas do que outras – como se comprovará no capítulo 1, no contraste entre a sorte dos advérbios e a dos “indefinidos”, – e que muitas vezes as classificações tradicionais são mantidas e/ou repetidas sem que se considere a questão de ao menos melhorar-lhes a consistência. A permanência das classificações tradicionais deve, no entanto, ser vista mais como resultado de seus méritos internos do que como teimosia dos gramáticos. Afinal, elas organizam o léxico da língua de alguma maneira, o que é pressuposto para que se dê o passo seguinte, que é a análise do funcionamento das construções.

---

<sup>1</sup> Especialmente *Sofista* 262-3.

O assunto desta tese não era para ser, em sua origem, a delimitação de uma classe de palavras, mas o estabelecimento das propriedades semânticas de uma classe já previamente delimitada – ou talvez, mais especificamente, uma subclasse – a dos advérbios intensificadores, tal como definida no texto *Considerações sobre a Ordem do Advérbio* (Ilari et alii, 1993 – doravante CSOA), publicado no primeiro volume da série *Gramática do Português Falado*.

Porém, na delimitação dessa classe, formada essencialmente por *muito*, *pouco*, *mais* e *menos*, se considerou, como de advérbios, ocorrências tradicionalmente classificadas entre as dos modificadores de nomes – ou de pronomes indefinidos, conforme as gramáticas escolares mais recentes. Essa classificação colocou a questão de se recuperar também a delimitação dos pronomes indefinidos, reconfigurados na classe dos especificadores indefinidos, em classificações mais recentes. A questão que se parecia colocar, inicialmente, era a de determinar a qual das duas classes pertenciam os intensificadores – se eles eram “pronomes” ou “advérbios” – ou, ainda, uma terceira coisa que poderia funcionar como pronome ou advérbio dependendo do contexto de ocorrência.

Esse ataque por dois flancos acabou revelando um panorama bem mais complexo do que o inicialmente suposto. O campo da expressão da quantificação, no português do Brasil, se revelou extremamente vasto e rico em paisagens locais. A identificação dessa vastidão e variedade acabou modificando o próprio objeto de pesquisa em sua natureza e em sua delimitação. Isso explica por que dois capítulos inteiros – aproximadamente metade da tese – são dedicados à delimitação do objeto de estudo, e por que a discussão central desta tese demora tanto para começar. E a vastidão e a variedade do campo de estudo, espero, justifiquem por que a delimitação desse campo não se dá de uma maneira mais definitiva.

Os itens pertencentes à classe dos intensificadores, tal como proposta em CSOA, constituem o objeto mais imediato desta tese. Uma das propostas desta tese é que essas expressões pertencem a um conjunto de palavras que pode ser denominada de quantificador. Por **quantificador** eu entendo qualquer modificador que expresse quantidade. Eu entendo **conjunto de palavras** na sua acepção mais ampla, sem necessariamente implicar as classes de palavras tradicionais, ou seu

sucedâneos em qualquer outra teoria gramatical mais recente. A quantidade é uma noção expressa em diversos âmbitos, ou níveis, sintáticos e, a princípio, por modificadores de classes de palavras diferentes. As questões específicas da classificação dos quantificadores serão discutidas em 2.2, onde também se apresenta um esboço das possibilidades de (sub)classificação dos quantificadores. A rigor, dado que intensificador remete à intensificação – que é aqui definido como uma quantificação que envolve grau, essa denominação é menos abrangente do que quantificador – intensificadores seriam os quantificadores que ocorrem (ou quando ocorrem) em contextos cuja incidência se dá sobre o grau da predicação. A distinção entre os diversos tipos de quantificação, incluindo aquela sobre grau, e uma melhor caracterização da noção de grau se fará no capítulo 3.

Eu optei por seguir, na distribuição dos assuntos ao longo dos capítulos desta tese, mais as etapas em que a pesquisa se realizou, a seqüência em que as coisas foram se revelando, do que qualquer outro plano de organização. Assim, no primeiro capítulo eu parto da caracterização de advérbios intensificadores em CSOA, que é o verdadeiro deflagrador desta pesquisa, ao qual acrescento as análises feitas na outra vertente do estudo da quantificação – a vertente da modificação “nominal”. A questão que se coloca, após a análise dessas duas vertentes, é a da classificação das expressões definidas como intensificadores: são advérbios que ocorrem em contextos de modificação típicos de “quantificadores nominais”, ou seria o contrário: quantificadores que ocorrem como advérbios de “quantidade” (“intensidade”)?

No segundo capítulo, essa questão será recolocada: a circunscrição de palavras em classes vai depender essencialmente de quais critérios se adota para essa classificação. Várias classificações são possíveis, portanto, e resta testá-las para decidir qual delas é mais “natural”. Como proposta provisória de classificação, sugiro a adoção de propriedades mórficas (presença ou ausência de flexão nominal) como um critério mais básico, o que sugere um panorama de modificadores nominais que podem ter suas funções estendidas para contextos de modificação adverbial e vice-versa.

A discussão da noção de *quantificação* é objeto do terceiro capítulo, onde serão descritos, em linhas gerais os diversos âmbitos de quantificação, conforme o tipo de

“objeto” que pode ser quantificado (indivíduos, graus de predicação, eventos, intervalos de tempo). A quantificação, assim, é entendida de um ponto de vista mais amplo do que a simples expressão de relações de quantidades entre conjuntos de individuais clássicos.

Uma breve descrição dos quantificadores comparativos e de julgamento de valor iniciará o quarto e último capítulo, que consta também de um esboço de modelo teórico de interpretação para alguns quantificadores do português do Brasil, precedida de uma breve exposição de propostas formais de interpretação presentes na literatura que se aplicam a algumas ocorrências dos quantificadores estudados aqui, e que serviram de base para a formulação da interpretação constante nesta tese.

O foco desta tese não é o conjunto total dos quantificadores em português, muito menos o conjunto total dos quantificadores que ocorrem em contextos nominais e não nominais de modificação. Darei especial atenção aos quantificadores comparativos e de julgamento de valor, sobretudo às expressões *muito*, *pouco*, *mais* e *menos*, que constituem o foco original da pesquisa, ainda que considerações sobre a interpretação de outras expressões possam ter sido feitas.

## 1. INTENSIFICADORES E QUANTIFICADORES

---

A delimitação dos quantificadores como o objeto de estudo desta tese pode ser entendida de duas maneiras diferentes. A primeira, que é a predominante nas análises dos fenômenos de quantificação nas línguas naturais, é a de que os quantificadores são dados, portanto seria apenas o caso de listá-los e então, talvez apenas classificá-los conforme o tipo de quantidade, ou o tipo de operação sobre quantidades que eles denotam. A existência de outras expressões que podem ser caracterizadas como quantificadores, ou mesmo de outros contextos sintáticos em que a quantificação pode ser expressa não é sequer considerada. A segunda maneira, que é o que se busca nesta tese, é entender a delimitação dos quantificadores como um processo, uma das tarefas a ser executada.

Essa tarefa tem sido negligenciada, e não apenas nas abordagens ditas “tradicionais”. Também nas abordagens mais “modernas” observam-se carências ainda a serem superadas: tanto a identificação de todas as expressões que compartilham as propriedades definidoras do que é um quantificador não é feita, quanto nem mesmo as propriedades definidoras do que é um quantificador estão suficientemente claras. Por isso, nem todas as expressões que expressam quantidade estão devidamente caracterizadas como quantificadores, basicamente porque algumas noções não são entendidas como quantificação.

Talvez fosse mais lógico caracterizar mais apropriadamente as propriedades dos quantificadores antes de dizer quais são, ao contrário do que se vai fazer aqui. Porém, como já deixei claro na Introdução, faço a opção de partir tanto dos dados históricos quanto empíricos, remontando o percurso percorrido não só por esta tese, mas pelo conjunto de estudos que a precederam. Começo pelo percurso histórico.

Como o campo de estudo dos quantificadores está dividido entre a análise de suas ocorrências como modificadores “nominais” (= adjetivos ou pronomes-adjetivos) e “não-nominais” (= advérbios) – em geral não esclarecendo se devem ser encaradas como ocorrências das mesmas palavras ou de palavras diferentes, ainda que remotamente aparentadas –, este capítulo se divide em duas seções, uma para cada uma das classes de palavras em que os quantificadores são colocados, representando duas vertentes de análise dos fenômenos de quantificação.

A classificação em CSOA aparece em primeiro lugar aqui não só porque, como já disse na Introdução, esse texto foi o deflagrador da pesquisa que deu origem a esta tese, mas também porque é o texto que propõe a unificação do tratamento para as ocorrências dos quantificadores em contextos de ocorrência como modificadores não-nominais (= advérbios) e nominais (= adjetivos).

### **1.1. Intensificadores e Advérbios de Intensidade**

Não é de se estranhar que a mais detalhada classificação dos advérbios ao longo de vinte e dois séculos seja a encontrada precisamente na *Techné Grammatiké* de Dionísio da Trácia<sup>2</sup> (Chapanski, 2003), e que nenhuma mais detalhada possa ser encontrada após ela até o final do século XX. Ao longo dos séculos, as gramáticas continuaram a listar apenas as “principais” categorias de advérbios, e mesmo a lingüística descritiva, que se propôs a suprir todas as falhas e lacunas da gramática, demorou um pouco para acordar para as classes mais “periféricas”, dentre elas os advérbios.

No que diz respeito ao português, pouca diferença pode ser encontrada ao longo de três séculos, nas gramáticas, com relação ao quadro traçado acima. As classes apontadas têm se limitado a uma simplificação da classificação dionisiana, ainda que se possa observar uma variação entre classificações mais apressadas (quatro classes) e algumas um pouco mais detalhadas (*cf.* Quadro 1). De maneira geral, o que tem predominado, ao menos em português, é a repetição de um mesmo

---

<sup>2</sup> E que a mais detalhada, para o português, seja a de Barros (1540).

“vocabulário” de termos, sem que se apresente qualquer definição sobre as propriedades de cada classe, além do rótulo dado a ela, e sem nenhuma reflexão a fim de se descobrir se as classes de advérbios herdadas são só essas, ou se são mesmo essas.

Esse problema é encarado de frente em CSOA. O assunto central desse texto é a descrição das regras que regem a colocação dos advérbios na estrutura da sentença. Os autores derrubam a afirmação tão trivial quanto equivocada de que a ordem dos advérbios é livre e/ou variável. Essa colocação só é válida se se atribuir à classe como um todo a soma dos padrões de colocação de cada advérbio isoladamente. Ao se considerar isoladamente as subclasses – e até certos itens lexicais –, percebe-se que a ordem, longe de ser variável, ou mesmo livre, é rigorosamente estrita.

Assim, a identificação das subclasses se torna indispensável para a descrição das regras de colocação dos advérbios e, mais do que isso, se impõe como pré-requisito para a investigação. Por isso é que as duas primeiras seções do artigo (47 das 77 páginas) se dedicam a propor uma subclassificação mais consistente dos advérbios do que aquelas apresentadas nas gramáticas escolares. E, muito embora a proposição de uma subclassificação dos advérbios esteja no texto apenas para permitir a descrição dos padrões de distribuição dos advérbios nas sentenças, não hesito em dizer que essa proposição – muito mais do que a derrubada dos equívocos, muito mais do que a descrição da ordem dos advérbios – é o ponto mais extremamente rico em conseqüências de todo o texto, porque suscita uma série de questões ainda por serem respondidas.

Em CSOA, advérbios são definidos como expressões que funcionam como modificadores em uma construção endocêntrica, ou seja, modificadores em construções em que o valor do argumento é igual ao valor total da construção formada por ele e pelo modificador. Assim, em uma construção como:

(1) [muito [triste]<sub>ADJ</sub>]<sub>ADJ</sub>

*muito* é um modificador que toma como argumento um adjetivo. Ora, a expressão *muito triste*, do ponto de vista funcional, equivale a um adjetivo – ou seja, o

seu valor é o de um adjetivo. Daí que a expressão completa tem o mesmo valor do seu argumento. É o que de Swart (1993: 3) chama de “categoria X/X”, aludindo à formalização dos advérbios presente nas gramáticas categoriais. Assim, numa formalização categorial de (1), um adjetivo como *triste* tem o tipo (N\N), um advérbio modificador de adjetivo, como *muito*, tem o tipo ((N\N)/(N\N)). A adjunção das duas expressões resultaria numa expressão de tipo (N\N), ou seja, equivalente a um adjetivo:

$$(2) \quad [\text{muito}_{((N\backslash N)/(N\backslash N))} \quad [\text{triste}]_{(N\backslash N)}]_{(N\backslash N)}$$

Os advérbios podem ser divididos (*cf.* quadro 2) em duas grandes classes: os predicativos –que são advérbios que “predicam uma propriedade da qualidade ou ação que se predica do sujeito” (CSOA: 89), e os não-predicativos, que estabelecem outros tipos de predicação (não definidos muito claramente, por sinal). Os advérbios predicativos, por sua vez, estão divididos em quatro grandes classes, conforme o tipo de propriedade que é predicada: advérbios qualitativos (3); intensificadores((8)-(10)); modalizadores ((4)-(6)) e aspectualizadores (7):

(3) Pedro saiu *precipitadamente*.

[CSOA: 90]

(4) *Humanamente*, é impossível fazer tanto processo ao mesmo tempo.

[CSOA: 82]

(5) Ainda não... *Felizmente*, [as crianças] ainda não começaram [aquela fase mais difícil]

[CSOA: 84]

(6) Ele está assumindo tarefas assim muito precocemente. *Possivelmente* passe essa fase.

[CSOA: 83]

(7) *Normalmente*, eu acordo às nove da manhã.

[CSOA: 83]



Considerando-se o valor sintático das expressões modificadas, essas subclasses podem ser reagrupadas em dois grupos: modalizadores e aspectualizadores são essencialmente advérbios sentenciais, ou seja, o objeto de sua predicação é a sentença como um todo; qualitativos e intensificadores, por outro lado, são eminentemente advérbios de constituintes, diferindo entre si pelo tipo de *propriedade* que cada um deles predica da qualidade ou ação expressa pelo sujeito (*qualificação* e *intensificação*, respectivamente). Os advérbios intensificadores compreendem, basicamente, as expressões *muito*, *pouco*, *mais* e *menos*:

(8) ...embora eu fique quase biruta porque é **muito**, a gente vive de motorista quase o dia inteiro.

[CSOA: 75]

(9) Eu **pouco** sei disso.

[CSOA: 119]

(10) O endocrinologista proibiu terminantemente que eu tenha **mais** filhos.

[CSOA: 75]

(11) A UPC era o quê? Quarenta cruzeiros, até **menos**.

[CSOA: 75]

CSOA, em diversos pontos<sup>3</sup>, parece sugerir que há um grupo bem pequeno e delimitado de intensificadores *típicos* (termo meu) – formado por *muito*, *pouco*, *mais* e *menos* – aos quais se podem acrescentar alguns itens que apenas em algumas de suas ocorrências podem ser encarados como intensificadores. É o caso de *igual*, *bastante*, *demais*, *meio*, *bem*, *quase*, *absolutamente* e *extras*:

(12) Em casa o café é muito demorado, muito complicado, quer dizer, então, até eles comerem todas as coisas que fazem parte do café eles demoram; um briga com o outro, a divisão tem que ser absolutamente exata, porque se um tiver mais do que o outro sai um monte de briga; na

---

<sup>3</sup> P.ex., p. 73; p. 74, p. 91-2.

realidade não acabam tomando tudo não, comendo tudo que têm. Mas precisa ter **igual**. Basta ser **igual**.

[CSOA: 73]

- (13) Realmente deve ser uma delícia ter uma família bem grande com **bastante** gente.

[CSOA: 73]

- (14) Gostaria **demais** de ter tido mais irmãos.

[CSOA: 119]

- (15) ...ela também está **meia** desiludida.

[CSOA: 74]

- (16) Os que ficam em casa têm atividades **extras**.

[CSOA: 74]

- (17) (uma família) **bem** grande  
**quase** nem aparece  
**absolutamente** exata

[CSOA: 96]

Finalmente, numa rápida passagem, e a fim de explicar por que *demais* é posposto, ao contrário do que ocorre com todas as outras expressões que funcionam como intensificadores, os autores aludem à semelhança de significação com os intensificadores de algumas expressões compostas como *pra burro/chuchu*, *de doer* e *pacas*:

- (18) É sabido **pra burro/chuchu**.

- (19) É feio **de doer**.

- (20) Um cara inteligente **pacas**.

A circunscrição dos advérbios intensificadores em CSOA coincide, em termos gerais, à circunscrição dos advérbios de intensidade das gramáticas escolares, e mesmo o uso do termo *intensificador*, sugere essa correspondência. O nome de “advérbios de intensidade”, aliás, não é o único nem o mais freqüente dentre os muitos utilizados para designar esse conjunto de advérbios, ao longo da tradição

gramatical. Na *Tekhné Grammatiké*, de Dionísio da Trácia, aparecem pelo menos três classes que podem ser relacionadas aos advérbios descritos em CSOA como intensificadores (Chapanski, 2003: 33-35):

<4> Alguns são de quantidade, como *pollákis* (“muitas vezes”), *oligákis* (“poucas vezes”).

(...)

<18> Alguns, de comparação, como *mállon* (“mais”), *hêtton* (“menos”).

(...)

<20> Alguns, de intensidade, como *lían* (“completamente”, “extremamente”), *sphódra* (“severamente”, “completamente”), *pánu* (“completamente”, “muito”), *ágan* (“demasiado”, “demais”), *málista* (“muito”, “demais”).

Nas gramáticas, o termo mais usado ao longo da história tem sido “advérbios de quantidade”<sup>4</sup>. Os advérbios de quantidade formam um par simétrico com os “advérbios de qualidade” – que é a designação historicamente mais freqüente para os advérbios mais recentemente caracterizados como “de modo” (os qualitativos de CSOA) – garantindo assim a distinção aristotélica entre qualidade e quantidade. Apenas em gramáticas mais recentes, da segunda metade do século XX em diante, é que aparece o termo “advérbios de intensidade”<sup>5</sup>. Outra noção referida pelas gramáticas é a noção de *grau*. Em Said Ali (1964), “grau” é apresentado como sinônimo de “intensidade”; em Vázquez e Luz (1970), advérbios de grau são apresentados como uma classe em separado dos de intensidade, comportando não só *mais* e *menos* (que também figuram entre os de intensidade), mas também outras expressões envolvidas em construções comparativas (*tanto/tão, quanto/quão, como, melhor e pior*).

Qualitativos e intensificadores, à parte a distinção de predicarem *qualificação* e *intensificação*, também diferem entre si pelo tipo de constituintes que modificam: enquanto os qualitativos modificam apenas adjetivos e verbos<sup>6</sup>, os intensificadores podem aparecer em muito mais contextos de modificação:

<sup>4</sup> Argote (1725: 171), Lobato (1770: 171), Barboza (1830: 337), Silva Jr. e Andrade (1907: 155), Gomes (1920: 155), Pereira (1921: 150) e Sousa (1957: 288)

<sup>5</sup> Said Ali (1964: 97), Melo (1968: 134), Almeida (1969: 291), Vázquez e Luz (1970: 453), Melo (1978: 104), Rocha Lima (1979: 154-5), Cegalla (1985: 221), Cunha e Cintra (2001: 541) e Bechara (2004: 290)

<sup>6</sup> Um exemplo de advérbio qualitativo modificando advérbios é citado (*maravilhosamente* bem). Parece ser um uso bem restrito; além de *bem*, advérbios qualitativos parecem modificar unicamente adjetivos em posição adverbial (ele fala *escandalosamente* alto).

## Contextos de Modificação dos Advérbios

- I. modificando nomes comuns, ou melhor, núcleos de SNs: (21)-(24);
- II. modificando adjetivos: (25)-(28);
- III. modificando verbos: (29)-(32);
- IV. modificando numerais (apenas *mais* e *menos*): (33) e (34);
- V. modificando outros advérbios (35)-(38);
- VI. como núcleo de predicados nominais (39)-(42);
- VII. ou em posição de argumento em sintagmas verbais (43)-(46).

Abaixo ((21)-(46)) apresento exemplos da ocorrência dos quatro intensificadores “básicos” – *muito*, *pouco*, *mais* e *menos* –, em que a parentetização expressa a função do intensificador, em cada caso, dentro da construção em que ocorre:

### Contexto I:

- (21) eu, graças a deus, não tenho criança pequena, né? mas eu vejo **[muitas [mães]<sub>N</sub>]<sub>SN</sub>** aí que têm criança pequena, tem que pôr na creche.  
[PRCTB08/SLIN:0208]
- (22) Em Ipanema, na mesma hora de ontem, **[poucas [lojas]<sub>N</sub>]<sub>SN</sub>** apresentavam movimento digno de quatro dias do Natal, e os comerciantes fogem dos detalhes quando o assunto é expectativa de faturamento nesta época.  
  
[<http://jbonline.terra.com.br/editorias/economia/papel/2006/12/21/economia20061221002.html>]
- (23) Atualmente existem **[mais [crianças]<sub>N</sub>]<sub>SN</sub>** no mundo em conflito do que em todos os séculos.  
[<http://www2.uol.com.br/oviajante/estucri.htm>]
- (24) é... cinema, você vê, ele até tinha certo movimento naquele tempo, né? quer dizer, [quando]- quando **[menos [povo]<sub>N</sub>]<sub>SN</sub>** tinha|,|ele ainda estava estabelecido, quando começou a crescer, ele sumiu, (*falando rindo*).

[PRCTB05/SLIN:0900]

### Contexto II:

- (25) agora, muitas pessoas ainda dizem assim: "ah! ainda bem que não está **[muito [desenvolvido]<sub>ADJ</sub>]<sub>ADJ</sub>** o bairro, senão ficava assim mais [é]-movimentado, **[mais [perigoso]<sub>ADJ</sub>]<sub>ADJ</sub>**, né? então, acham assim que- uns preferem que seja assim calmo, tranqüilo, que não tenha grande comércio.

[PRCTB10/ SLIN:0048]

- (26) o judeu é **[muito [sem vergonha]<sub>ADJ</sub>]<sub>ADJ</sub>** [e]- e quebram telha e sabe como é que é, né?

[PRCTB02/SLIN:0144]

- (27) Pais sobregarregados pelo trabalho, extremamente preocupados em garantir o sustento em tempos difíceis parecem hoje estabelecer um contato **[pouco [tranqüilo]<sub>ADJ</sub>]<sub>ADJ</sub>** com seus filhos.

[[http://www.puc-rio.br/editorapucurio/docs/texto\\_beatriz\\_gang\\_palestra.rtf](http://www.puc-rio.br/editorapucurio/docs/texto_beatriz_gang_palestra.rtf)]

- (28) então [não]- não houve assim aquele que foi **[mais [prejudicado]<sub>ADJ</sub>]<sub>ADJ</sub>** ou **[menos [prejudicado]<sub>ADJ</sub>]<sub>ADJ</sub>**.

[PRCTB05/ SLIN:1113]

### Contexto III:

- (29) não, eu quase não ia porque eu não **[[jogava]<sub>v</sub> muito]<sub>sv</sub>**, então, tinha, vamos supor, nós tínhamos nosso timinho [de]- de piazzada, né?

[PRCTB 01/SLIN:0913<sup>7</sup>]

- (30) apesar que os coloniais agora **[[estão vindo]<sub>v</sub> pouco]<sub>sv</sub>**, (est) não estão vendendo quase, eles estão vendendo mesmo agora é o comendador que é fabricação própria do pedroso, né? que a gente faz aqui.

[PRCTB03/SLIN:0925]

- (31) eu, principalmente, assim, não era, mas eu **[[sacaneava]<sub>v</sub> mais]<sub>sv</sub>** a Vera – (*falando rindo*) essa que nós estávamos conversando ontem.

[PRCTB04/SLIN:0150]

<sup>7</sup> Nos exemplos retirados do corpus do Projeto VARSUL, a abreviação antes da barra, PRCTB01, é o código da entrevista – no caso a entrevista 01 feita em Curitiba (CTB), Paraná (PR) – enquanto que o código após a barra indica a linha da transcrição onde começa o trecho selecionado.

- (32) Aquele que tem orientação externa **[[acredita]<sub>v</sub> menos]<sub>sv</sub>** na relação entre ação individual e resultado, e enfatiza forças externas como o destino, a religião, a sorte e outros poderosos.  
[[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0004-282X2003000300017](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0004-282X2003000300017)]

#### Contexto IV:

- (33) aí eu mandei levantar a casa **[mais [oitenta]<sub>NUM</sub>]<sub>NUM</sub>** centímetros e fiz um aterro de oitenta centímetros do lado de lá **[mais]- de | mais de oitenta centímetros**, quase um metro, aí depois, nunca mais entrou água aqui, porque o terreno ficou bem mais alto.  
[PRCTB02/SLIN:0240]
- (34) Uma rede classe A (máscara de rede: 255.0.0.0) permite até 16.777.214 ( $2^{24}$  - **[menos [dois]<sub>NUM</sub>]<sub>NUM</sub>** IDs reservados) dispositivos conectados e a existência de até 126 **redes**.  
[<http://www.interney.net/intranets/?p=9755323>]

#### Contexto V:

- (35) pra mim, no meu ver, estava atrasado, porque quando eu fosse adulto, né? com a idade que eu tenho hoje, né? **[muito [mais]<sub>ADV</sub>]<sub>ADV</sub>** evoluído o bairro em si, ah, daí viessem me entrevistar.  
[PRCTB11/SLIN:1018]
- (36) E em silêncio, também à noite, choro a saudade latina, choro as feridas desta terra, ou simplesmente choro, esperando que o frio me congele as lágrimas, mas não adianta, elas rolam sem cessar até que a alma que as originou se canse e me faça dormir **[pouco [tranquilamente]<sub>ADV</sub>]<sub>ADV</sub>**.  
[<http://www.recantodasletras.com.br/contoscotidianos/157658>]
- (37) Tanto não está sendo cumprida – o que causa indignação no povo sul-mato-grossense – que já está até em andamento, no Ibama, o licenciamento para a construção, por uma empresa norte-americana, em território boliviano, de uma termelétrica, e para a construção de 18

quilômetros de uma linha de transmissão em território sul-mato-grossense, **[mais [precisamente]<sub>ADV</sub>]<sub>ADV</sub>** em Corumbá.

[<http://www.senado.gov.br/web/senador/JFonseca/aprm.htm>]

- (38) Angle (1899) já afirmava que embora o diagnóstico seja a questão de maior importância ainda é, pelo menos aparentemente, o **[menos [inteligentemente]<sub>ADV</sub>]<sub>ADV</sub>** estudado e compreendido.

[[http://www.tanaka.com.br/art1\\_10.html](http://www.tanaka.com.br/art1_10.html)]

### Contexto VI:

- (39) Na soma das cargas horárias é muito comum que se trabalhe algo por volta de 60 horas semanais – o que **[é [muito]<sub>CP</sub>]<sub>SV</sub>**, se forem feitas contas simples...) e o valor de tais plantões tende a ser mais constante variando entre R\$250 a R\$600 por 12 horas em salas de emergências a algo entre R\$350 a R\$800 em UTIs.

[<http://www.fm.usp.br/pdf/Medicina%20Urgencia.pdf>]

- (40) Medi a resolução da EX-Z850 em aproximadamente 1600 linhas, que **[é [pouco]]** para uma câmera de 8 MP.

[[http://pcmag.uol.com.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=616&Itemid=4](http://pcmag.uol.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=616&Itemid=4)]

- (41) O que o argentino vai ganhar líquido **[é [[mais]<sub>TC1</sub> [do que os outros jogadores do clube ganharão bruto]<sub>TC2</sub>]<sub>CP</sub>]<sub>SV</sub>**<sup>9</sup>.

[<http://www.unafisco.org.br/noticias/clipping/2005/SRF%20300105.doc>]

- (42) Contem quantos jogos este ano a Record transmitiu do Glorioso. **[É [[menos]<sub>TC1</sub> [do que os outros três clubes de torcida no Estado]<sub>TC2</sub>]<sub>CP</sub>]<sub>SV</sub>**.

[<http://www.saopaulofc.com.br/articles.php?id=134>]

---

<sup>8</sup> Chamo os complementos de verbo cópula em questão de “complementos do predicado”, adotando a terminologia de Perini (1998: 81-84), que eu acho que captura o dado importante de que esse tipo de complemento difere numa série de características dos complementos tipo objeto direto (que caracterizei unicamente como SN) de verbos transitivos. Intensificadores equivalem, no contexto VII, a SNs, e SNs podem ocupar a posição de CP. Porém, essa não é uma posição privativa dos SNs. Outras expressões podem ocupar a posição de CP (“advérbios de lugar”, cf. *Curitiba é aqui, Curitiba é no leste do Paraná*), e os intensificadores podem receber outros valores sintáticos. Além disso, nessa posição, os SNs tem uma função “atributiva”, não conservando as mesmas propriedades referenciais que conservam em posição de sujeito ou objeto direto, por exemplo.

<sup>9</sup> Na verdade, a estrutura comparativa pressupõe uma estrutura de variável ligada com uma operação paralela: **[é [[mais (x)]<sub>TC1</sub> [do que [o que os outros jogadores [vão ganhar bruto (y)]]<sub>TC2</sub> ]<sub>SATR</sub>]<sub>SV</sub>**. (Cf. 4.1.2).

### Contexto VII:

- (43) eu acho que os filmes eram muito mais [é]- (...) a gente **[aprendia [muito]<sub>SN</sub>]<sub>SV</sub>** com os filmes, né?  
[PRCTB11/SLIN:0320-0321]
- (44) Apesar de tudo o simples conhecimento da sequência **[informa [pouco]<sub>SN</sub>]<sub>SV</sub>** sobre a função da proteína e como ela exerce a função.  
[http://www.amtechs.com/folding/science.html]
- (45) depois, pra lá daí **[tem [mais]<sub>SN</sub>]<sub>SV</sub>**, né? juntando todos aí eu não sei, pode ser até que dê uns cem, duzentos funcionários, né?  
[PRCTB03/SLIN:0877]
- (46) Todos os cinco filhos falaram e ele foi o que **[falou [menos]<sub>SN</sub>]<sub>SV</sub>**, apenas duas frases, proferidas com lágrimas: “Deus é amor. Alzira, minha mãe, também é amor”.  
[http://www.metodistavilaisabel.org.br/docs/AlziraDuarte.pdf]

Nem todos os quatro intensificadores em questão se distribuem em todos os contextos de I-VII. Apenas *mais* e *menos* modificam numerais. *Muito* e *pouco* não podem aparecer nessa situação, porque denotam quantidades, não relações entre quantidades, como *mais* e *menos*:

- (47) \*Eu mandei elevar a casa **[muito [oitenta]<sub>NUM</sub>]<sub>NUM</sub>** centímetros.

Esse, aliás, é um traço que *muito* e *pouco* compartilham com os numerais, que também não incidem recursivamente uns sobre os outros (até porque numerais estão entre os especificadores que atuam na periferia esquerda do SN, incidindo mais caracteristicamente sobre seus núcleos<sup>10</sup>):

- (48) \*Eu mandei elevar a casa **[dois [oitenta]<sub>NUM</sub>]<sub>NUM</sub>** centímetros.

---

<sup>10</sup> Mas não só sobre os núcleos; eles podem incidir, por exemplo, sobre algum modificador presente nessa região do SN – cf. a diferença de leitura entre  $\alpha$  e  $\beta$ :

- $\alpha$ . Os [três [primeiros]] candidatos  
 $\beta$ . Os [três [primeiros [candidatos]]]

Devo essa observação à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lígia Negri.



A incidência da quantificação efetuada por numerais – ou de expressões que denotam quantidades fechadas, mesmo as “indefinidas” –, umas sobre as outras, possui recursos sintáticos bem definidos para ser expressa:

- (49) Eu mandei elevar a casa muitas vezes oitenta centímetros.
- (50) Eu mandei elevar a casa duas vezes oitenta centímetros.

Os exemplos de contextos de ocorrência dos intensificadores citados em CSOA têm sido citados como correspondendo a palavras de classes diferentes: nos contextos I e VII, eles costumam figurar, nos manuais de gramática mais recentes, como pronomes indefinidos; nos demais contextos, como advérbios de quantidade ou intensidade. Inclusive um dos autores, em sua gramática, repete a classificação tradicional, listando os usos I e VII entre os pronomes indefinidos, e os demais entre os advérbios intensificadores (*cf.* Neves, 2000:236-7, 536), o que pode ser caracterizado até como um recuo da proposta veiculada em CSOA, mas que também configura a proposição de uma solução possível para o problema que a classificação de todas essas ocorrências como advérbios coloca. Esse problema pode ser identificado tanto na caracterização dos intensificadores como advérbios – modificadores em construção endocêntrica – como na sua caracterização como de predicadores de segunda ordem. Na verdade, ambas as noções, tal como caracterizadas em CSOA, apresentam problemas.

Em primeiro lugar, a caracterização de predicação como uma “propriedade da qualidade ou ação que se predica do sujeito” pressupõe advérbios modificando verbos e adjetivos, o que sugere que os autores estavam pensando, basicamente, nos advérbios qualitativos. Não só as demais classes de advérbios predicativos – os intensificadores, por um lado, e as classes de advérbios sentenciais (modalizadores, aspectualizadores), por outro lado, – modificam outros tipos de expressão, que não expressam qualidades e ações (adjetivos e verbos), como também exercem um tipo de predicação diferente da exercida pelos advérbios qualitativos sobre ações e qualidades expressas pelos verbos e adjetivos que modificam.

Advérbios sentenciais não predicam diretamente sobre as ações denotadas pelos verbos, mas sobre as sentenças, como um todo. De qualquer forma, mesmo essa noção de “predicar sobre a sentença” se mostra muito rudimentar quando se pensa nos advérbios sentenciais citados em CSOA. A própria distinção entre advérbios modalizadores e aspectualizadores, bem como a divisão dos modalizadores em três grupos (*hedges*, quase-modais, de atitude proposicional), sugere que eles predicam coisas diferentes de instâncias diferentes na sentença<sup>11</sup>, como é, de resto, brilhantemente, ainda que superficialmente, caracterizado no texto (CSOA:82-84).

Os intensificadores apresentam dificuldades semelhantes. Como foi apontado acima, os intensificadores se distribuem em sete contextos de ocorrência; para apenas dois deles a noção de expressar uma propriedade da “qualidade ou ação” – os contextos II e III, respectivamente, – pode fazer algum sentido. Podemos interpretar os numerais como um tipo de adjetivo, o que estenderia a definição para o contexto IV, mais ainda assim sobrariam os outros quatro contextos – cada um com um problema diferente, mas todos os quatro desafiando a caracterização dos intensificadores não só como advérbios predicativos, mas até mesmo como advérbios.

No contexto I e no contexto VI, os intensificadores parecem ocupar uma posição típica de adjetivos (ou de sintagmas nominais em função atributiva), que são definidos como exercendo uma predicação de primeiro grau, não de segundo. No contexto V, os intensificadores se predicam sobre advérbios de diferentes tipos; como advérbios já são predicadores de segunda ordem, seria o caso de pensarmos em predicções de ordem ainda superior para dar conta do significado dessas expressões em (35) – (38), por exemplo? E, finalmente, no contexto VII, os intensificadores aparecem com valor de sintagma nominal, não sendo expressões “predicadoras”, nem de segundo grau (advérbios), nem de primeiro grau (verbos e adjetivos).

---

<sup>11</sup> *Hedges*, como *humanamente*, em (3), limitam “o ponto de vista sob o qual pode ser considerada correta a asserção” (CSOA: 83); quase-modais, como *possivelmente*, em (5), “modalizam a asserção”(…) “seu papel lembra vagamente o dos operadores da lógica modal” (idem); aspectualizadores, como *normalmente*, em (6), indicam “a frequência que um evento se reitera” (CSOA: 83); advérbios de atitude proposicional, como *felizmente*, em (4), “referem uma apreciação, geralmente do falante, sobre o conteúdo da asserção” (CSOA: 84). Nos quatro casos, a predicação não é entendida como “da sentença”, propriamente, mas de alguma coisa com relação à sentença, o que sugere a existência de um nível intermediário de predicação entre o advérbio sentencial e a sentença (ou a proposição) propriamente dita.

No fim das contas, como não existe uma explicitação mais clara do que seja exatamente essa noção de “intensificação” expressa pelos intensificadores, não há exatamente como explicitar o tipo de predicação que eles exercem – ou mesmo se essa noção deve ser caracterizada como uma predicação.

Em segundo lugar, não só a definição de modificadores em construções endocêntricas não é totalmente adequada para todas as ocorrências dos intensificadores, como a identificação dos advérbios como modificadores em construções endocêntricas apresenta problemas. Com efeito, os adjetivos caem, da mesma forma que os advérbios, tal como caracterizados em CSOA, na classe dos modificadores em construções endocêntricas, já que, para efeitos sintáticos, um nome mais um adjetivo têm o mesmo valor sintático de um nome isoladamente:

(51) [[filme<sub>N</sub>] triste<sub>ADJ</sub>]<sub>N</sub>

Uma possibilidade de contornar esse problema seria o de definir dois tipos de modificadores em construção endocêntrica: modificadores de núcleo nominal, que incluiriam exclusivamente os adjetivos e pronomes indefinidos e modificadores de outras categorias, que incluiriam os assim chamados advérbios. Essa distinção teria o efeito de capturar alguns fenômenos morfossintáticos importantes – como a possibilidade de haver concordância para os modificadores de núcleo nominal e a impossibilidade para os outros modificadores. Porém, ela exigiria que as ocorrências dos intensificadores nos contextos I a VII fossem consideradas como ocorrências de dois conjuntos de palavras bem definidos – advérbios intensificadores, nas ocorrências II a V, e pronomes (adjetivos) indefinidos no contexto I (e talvez VI). Além disso, como as ocorrências no contexto VII não podem ser associadas a ocorrências de modificadores, já que as expressões nesse caso têm valor de SN, teríamos que pressupor uma terceira classe, composta não só dos intensificadores nesse contexto, mas de todos os outros pronomes indefinidos substantivos.

Uma dificuldade adicional é representada pelo fato de que expressões ocorrendo em construções como as que caracterizam o contexto I deixaram de ser encaradas como equivalentes a adjetivos comuns há algum tempo, devido algumas

de suas propriedades sintáticas. Uma delas envolve justamente a mudança do valor das construções em que elas ocorrem. Versões mais recentes das gramáticas categoriais têm encarado os SNs como construções em que o valor da expressão complexa não é o mesmo do seu núcleo – ou seja, SNs e nomes comuns não possuem o mesmo valor sintático:

(52) [muitas [pessoas]<sub>N</sub>]<sub>SN</sub>

Funcionalmente, aceitar a parentetização indicada em (52) significa aceitar que nomes comuns e sintagmas nominais não têm o mesmo valor, do ponto de vista funcional. Construções como (52) são exocêntricas, não têm o mesmo valor do núcleo. Operadores como *muito* em (52) modificam o valor da construção em que aparecem.

Em todos esses casos, fica claro que a delimitação, em uma única classe, de todas as ocorrências, nos contextos I a VII das expressões citadas em CSOA como intensificadores apresenta grandes dificuldades. A própria definição de advérbios constante de CSOA apresenta-se no mínimo incompleta e imprecisa. Além disso, mesmo que se entenda que as expressões em questão pertencem a uma mesma classe não significa necessariamente entendê-las como advérbios intensificadores. Uma hipótese alternativa existe, e não é muito recente, aliás: Pereira (1921: 314) e Almeida (1969: 195-6), listam, entre as funções que um pronome indefinido pode desempenhar, a de advérbio de intensidade, o que concorda com o que é dito em CSOA, de que as ocorrências de I a VII pertencem a uma única classe de palavras, mas continua conflitando no que diz respeito a qual classe se trata.

Por fim, a caracterização de intensificação como sendo a noção expressa pelos advérbios intensificadores continua tão intuitiva e/ou evocativa quanto as caracterizações de intensidade, quantidade e grau das antigas gramáticas. CSOA define a predicação referida pelos advérbios predicativos como um tipo de “predicação de segunda ordem”, conforme a conceituação de Reichenbach (1947). Porém, os exemplos dados referem-se apenas a advérbios qualitativos, não havendo maiores pistas de como se pode entender a intensificação como uma predicação de

segunda ordem, nem que tipo de propriedade a diferencia de outros tipos de predicção de segunda ordem, como a qualificação, por exemplo. Por outro lado, as noções de quantidade e grau têm sido arroladas também em estudos dedicados à significação das expressões caracterizadas como pronomes indefinidos, tanto as que também são classificadas em CSOA como intensificadores, quanto a outras. No entanto, a relação que possa haver entre todos esses termos - *intensidade*, *intensificação/intensificador*, *quantidade*, *quantificação/quantificador* e *grau*, quando é traçada, também o é de forma intuitiva e/ou evocativa. Ora, apenas a ocorrência de *mais*, *menos*, *muito* e *pouco* em contextos de modificação “nominal” e “adverbial” parece configurar evidência de que se está diante de uma mesma noção - ou, no mínimo, de um conjunto de noções estritamente aparentadas -, denominada de “quantidade” ou “intensidade”, que possui instâncias sintáticas diferentes de expressão.

O estudo da delimitação da classe de expressões denominadas “pronomes indefinidos” - e mais recentemente, especificadores indefinidos - se impõe, seja para um melhor entendimento das ocorrências dos intensificadores no âmbito do SN, seja para a o entendimento mais amplo da expressão de noções como quantidade e intensidade, também referidas no estudo dessas expressões.

## 1.2. Pronomes Indefinidos e Quantificadores

O uso do termo *pronome indefinido* para nomear um certo grupo de palavras é algo relativamente recente nos manuais de gramática. Das obras consultadas, a primeira que utiliza esse termo é Sousa (1957). Ao longo da história da gramática, a circunscrição da classe dos pronomes tem mudado bastante, bem como a situação dos chamados indefinidos. Em Dionísio, a classe dos pronomes consistia exclusiva e simplesmente nos pronomes hoje ditos pessoais e possessivos (Chapanski, 2003: 32-33). Algumas classes semânticas mais modernamente associadas aos pronomes encontram-se na *Tekhné* como espécies dos nomes, de onde foram posteriormente transferidas para a classe dos adjetivos, e daí para a dos pronomes. O próprio

adjetivo (= *epíthetos*), para Dionísio, é apenas uma espécie de nome, e corresponde a apenas uma das espécies de adjetivos reconhecidas na seqüência, aqueles que posteriormente seriam caracterizados como adjetivos qualificativos. É assim que encontramos, entre as espécies dos nomes, em Dionísio (Chapanski, 2003: 27-30):

- os comparativos e superlativos, constando das formas “flexionais” gregas que indicam grau: *andreióteros*, “mais forte que”, *oxútatos*, “o mais rápido”;
- os epítetos, como *rápido*, *lento*, *rico*, *pobre* e os interrogativos, como *quê?*, *quem?* etc.
- os indefinidos (*aóriston*), empregados “em oposição aos interrogativos”, como *hostis*, “quem quer que”, *hopoîos*, “qualquer tipo”, *hopósos*, “quanto quer que”, *hopalíkos*, “tão durativo que”.
- os distributivos (*epimerizómenon*), que são os que “entre dois ou mais faz[em] referência a um por um”, como *hekáteros*, “um e outro”, *hékastos*, “cada um”.
- os ordinais (*táktikon*), como *primeiro*, *segundo* etc., e os numerais (*arithmétikon*), como *um*, *dois*, *três* etc.

Os pronomes, em Dionísio, estão divididos em primitivos e derivados, uma divisão que vai se manter até o nosso século, ao menos nas gramáticas do português. Os primitivos são os designativos de pessoa propriamente ditos, incluindo também, amiúde, os demonstrativos, considerados como pronomes de terceira pessoa (Barros, 1540: 15; Castel Branco, 1643: 6; Arnauld e Lancelot, 1992: 57-62; Argote, 1725: 43; Lobato, 1770: 38), enquanto os derivados compreendem os possessivos, que estão para os pronomes pessoais como certos adjetivos “derivados” estão para os substantivos de que se derivam: Barros (1540: 8) inclusive classifica alguns nomes “ajetivos” como possessivos; é o caso de *christãa*, que é o possessivo derivado de *Christo*.

As gramáticas que surgem imediatamente após o florescimento das gramáticas razoadas (mas não Arnauld e Lancelot, por exemplo), vão apresentar uma categorização melhor tanto da classe dos pronomes, quanto da classe dos adjetivos, que é onde vão incorporar os adjetivos comparativos (também identificados por Barros (1540: 8-9), partitivos, numerais, além dos nomes relativos e interrogativos, estes últimos nem sempre caracterizados como “nomes adjetivos”, e aparecendo duplamente: tanto na seção sobre os nomes adjetivos, como na seção dos pronomes<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> É o caso de Argote (1725: 26-30), Lobato (1770: 33).

Entre os partitivos eram citados sobretudo *tudo, hum e algum*, mas Barboza (1830: 137-70) apresenta uma lista bem maior, que inclui *mais, muito e certo*.

A partir de Barboza (1830), encontramos uma classificação mais complexa da classe dos adjetivos, que vai se refletir nas gramáticas durante cerca de uns cem anos. Barboza (1830) e Pestana (1849) sequer reconhecem uma classe dos pronomes, fundindo-a junto da classe dos adjetivos; mesmo os pronomes pessoais são caracterizados como “nomes adjectivos determinativos”. Nas gramáticas do começo do século XX<sup>13</sup> essa classe incluía as expressões que “substituem” ou “lembram” o substantivo, de “modo” ou “com sentido vago ou indeterminado”. Faziam parte dela as expressões que sempre tinham valor de SN, como *tudo, nada, algo, alguém, ninguém*.

Todo o resto do que hoje figura na classe dos pronomes, incluindo aí possessivos, demonstrativos, bem como os numerais e até os artigos, era circunscrita na classe dos adjetivos, que era geralmente dividida em duas grandes subclasses. A primeira incluía os adjetivos “explicativos” e “restritivos”, em geral, mas nem sempre, reunidos sob a designação de “qualificativos”. À segunda pertenciam os chamados “determinativos” (Barbosa, 1830; Silva Jr. e Andrade, 1907: 138; Gomes, 1910: 48), “articulares” (Pestana, 1849: 8) ou “designativos” (Maciel, 1910: 117). Silva Jr. e Andrade (1907: 138-9) e Gomes (1910: 48-52) reconhecem, entre os determinativos, a subclasse dos “quantitativos”, que corresponde em linhas gerais aos “adjectivos de quantidade” de Barboza (1830: 170), e que agrupa as expressões recorrentemente reconhecidas como numerais (ordinais e cardinais) e os indefinidos (cf. quadro 3). Já Maciel (1910: 123) separa os numerais e os indefinidos em subclasses diferentes dentro da classe dos adjetivos.

A partir de Sousa (1957), observa-se a classificação atualmente mais corrente nos manuais escolares, com os antigos adjetivos determinativos – ou seja, demonstrativos, possessivos, indefinidos, e às vezes até os numerais, – sendo classificados como pronomes, em cuja definição geral troca-se o “substitui o substantivo” para “substitui ou acompanha o substantivo”, ou expressões equivalentes. Também a partir dessa obra se firma a tendência de classificar os pronomes em adjetivos *vs.* substantivos (conforme o papel de especificador ou

---

<sup>13</sup> Por exemplo Silva Jr. e Andrade (1907), Maciel (1910), Gomes (1910), Pereira (1921).

núcleo de SN que possam desempenhar, respectivamente), variáveis *vs.* invariáveis (conforme exibam ou não morfologia flexional nominal), que desde então é quase que universalmente encontrada.

Essa mudança de classificação reflete uma mudança de foco com relação à natureza dos critérios de classificação. A antiga e extensa subclassificação de base semântica que figurava nas antigas descrições da classe dos adjetivos e que reconhecia, por exemplo, a distinção entre “collectivos” e “distributivos”, ou entre “universaes” e “partitivos” não mais aparece. Por outro lado, as distinções entre pronomes adjetivos e substantivos, ou entre variáveis e invariáveis caracterizam uma valorização das propriedades (morfos) sintáticas em detrimento do semântico, o que reflete, possivelmente, a influência de posturas típicas da lingüística de meados do século passado, que consideravam a preocupação com material semântico uma “herança maldita” da “gramática tradicional” a ser purgada a todo custo. As gramáticas – escolares ou não – publicadas na última virada de século, ou no início deste<sup>14</sup> repetem ainda a tradição firmada nos últimos 50 anos de uma expansão da classe dos pronomes pela inclusão de categorias retiradas da antiga classe dos “nomes adjectivos”.

Dentre as classificações que figuram nos autores mais “modernos” chama a atenção a de Said Ali (1964) que, além de fazer referência aos pronomes indefinidos, ainda inclui na classe dos numerais, também chamados de quantitativos, a subclasse dos quantitativos indefinidos, que “designam quantidade ou porção sem fixá-la numericamente. Tais são as palavras *muito* (comparativo *mais*), *pouco* (comparativo *menos*), *todo*, *algum*, *tanto*, *quanto*, as plurais *uns*, *vários*, *diversos*.” (Said Ali, 1964: 60) E, numa observação ao final da seção, ele ainda diz que “os quantitativos se confundem com os pronomes indefinidos” (*idem*).

Similarmente ao que ocorreu com os advérbios em CSOA, também a classe dos pronomes foi alvo de revisão nas últimas décadas, como consequência da aplicação, para a descrição do português, de pressupostos teóricos da lingüística estruturalista em diante. Neste caso, porém, o panorama é mais movimentado. Há, desde muito, uma tradição mais forte no estudo de fenômenos como a referência e a

---

<sup>14</sup> Mais conspicuamente Azeredo (2000), Neves (2000), Cunha e Cintra (2001) e Bechara (2004).



quantificação no SN e conseqüente descrição da função que os *determinantes* – nova terminologia adota para os termos que acompanham o núcleo do SN e que se distinguem funcionalmente dos adjetivos – desempenham com relação a esses fenômenos.

Castilho (1993: 213-4) prefere, acompanhando Mateus (1989: 184-97), o termo *especificador* para a classe dos modificadores que ocorrem na periferia esquerda do SN, reservando a denominação de *determinante* para uma subclasse dos especificadores formada pelos “modificadores que se combinam com os nomes para produzir expressões cuja referência é determinada *em termos da identidade do referente*” (Lyons, 1977:453, *apud* Castilho, 1993: 213, grifos de Castilho), distinguindo-se dos *quantificadores*, que “são modificadores que se combinam com os nomes *em termos do tamanho do conjunto de indivíduos ou em termos da totalidade da substância que está sendo referida* (Lyons, 1977: 454-5, *apud* Castilho, 1993: 213-4, grifos de Castilho). Uma formulação completa para a classe das expressões que podem ser encontradas na periferia esquerda do SN baseada em Mateus (1989) e Castilho (1993) pode ser vista no quadro abaixo. A principal diferença entre as duas propostas é que Castilho acrescenta a classe dos não-especificadores à proposta de Mateus.

Especificadores	Determinantes
	Quantificadores
	Expressões Qualitativas
Não-especificador: Delimitadores	

Os quantificadores são divididos em definidos e indefinidos. Os definidos compreendem as expressões tradicionalmente classificadas como numerais, enquanto que os quantificadores indefinidos correspondem largamente aos pronomes indefinidos dos manuais de gramática da segunda metade do século XX. Por indefinido, a autora entende (1993: 214): “um número indeterminado de objetos (“muitos dias”), uma quantidade indeterminada (“bastante água”) ou um grau indeterminado (“demasiado calor”). A indefinidade, em Castilho (1993), parece ser entendida como uma propriedade dessas três noções básicas. Isto é, os quantificadores indefinidos podem denotar um *número indefinido*, uma *quantidade*

*indefinida* e um *grau indefinido*; a referência a essas três noções, porém, não parece depender da escolha de um ou de outro quantificador, mas de propriedades semânticas intrínsecas dos itens lexicais que servem de núcleo para o SN.

Os quantificadores ainda são subclassificados (*cf.* Quadro 4.1) com relação a propriedades morfológicas (possibilidade de se flexionar em gênero e/ou número), sintáticas (“posição” no SN, *i.e.*, se funcionam com núcleo ou como modificador) e semântica (traços [ $\pm$ humano] e [ $\pm$ afirmativo]). Com relação às propriedades morfológicas (*cf.* Quadro 4.2), há os que são marcados tanto para gênero quanto para número (*algum, certo, muito, nenhum, outro, pouco, todo*), há os que são marcados apenas para gênero (*diversos, inúmeros, vários*) e *qualquer*, que só tem marca de número, não de gênero. Com relação às propriedades sintáticas (*cf.* Quadro 4.3), há os estritamente marginais, que somente ocorrem em posição de modificador de um núcleo preenchido, como *cada, certo* e *qualquer*, os estritamente nucleares, como *algo, nada, tudo, ninguém* e *alguém* e, que ocorrem somente em posição de núcleo de SN, nunca modificando termo nenhum, e um grupo muito maior, constando de todos os demais quantificadores, que podem figurar tanto como modificador de um núcleo preenchido quanto como núcleo de um SN. Finalmente, cada uma das matrizes de traços referida permite estabelecer distinção conforme o quantificador exprima exclusivamente o valor positivo ou o negativo, ou ainda, seja indiferente para qualquer valor. Assim, é possível distinguir entre uns poucos quantificadores que designam exclusivamente individuais ou conjuntos de individuais com um traço [ $+$ humano], como *alguém* e *ninguém*, em contraste com *algo, tudo* e *nada* que designam exclusivamente individuais ou conjuntos de individuais com um traço [ $-$ humano], sendo os demais quantificadores indiferentes com relação à expressão desses traços. Já com relação à outra matriz de traço, é possível distinguir entre um pequeno grupo de quantificadores negativos formado por *nada, nenhum* e *ninguém*, que se opõem aos demais quantificadores, que podem ser caracterizados como afirmativos.

A recorrência a noções de natureza semântica para o estabelecimento de subclasses dentro da classe dos especificadores não deixa de representar uma importante mudança de ponto de vista com relação ao que predominou no final do século XX, configurando, de certa forma, um retorno às detalhadas classificações das

espécies de adjetivos do começo do século. Mas esse retorno de consideração de material semântico está ancorado numa análise mais refinada da estrutura sintática do contexto de ocorrência dos especificadores, ou seja, a periferia esquerda do SN. Talvez a mais acabada dessas análises é a que pode ser encontrada em Perini (1998), e que classifica as expressões que ocorrem na periferia esquerda do SN conforme a posição em que cada uma delas ocorre com relação ao núcleo do SN e às demais, a fim de chegar a um levantamento completo de todas as posições desta área do SN e quais os termos que podem preenchê-las. Perini chega à estrutura que denomina “SN máximo”, o sintagma em que todas as posições estão preenchidas. Na verdade, o SN máximo é uma abstração, já que, “na prática (...) um SN máximo realizado seria tão longo e sobrecarregado que acabaria sendo rejeitado pelos falantes por razões que nada têm a ver com sintaxe” (Perini, 1998: 96). O quadro abaixo ilustra o SN máximo de Perini (1998:97):

SN												
ÁREA ESQUERDA									ÁREA DIREITA			
Det	PV4	Poss	PV3	Ref	PV2	Qf	PV1	PNE	PNI	Núcleo	ModI	ModE

Nessa tabela, na área esquerda, reconhece-se a existência de posições fixas (**determinante**, **possessivo**, **reforço**, **quantificador**, **pré-núcleo externo**, **pré-núcleo interno**), ao lado de posições variáveis (PV1 a PV4), que podem ser ocupadas por um **numerador**. Junto com a descrição da estrutura do SN apresentada em Perini (1998) pode-se entrever também uma subclassificação das expressões modificadoras do núcleo do SN (= modificadoras de nome), que se faz em bases rigorosamente sintáticas, mas que também incorpora – embora de uma maneira um tanto secundária – elementos semânticos, que podem ser vislumbrados nos nomes dados às subclasses. Cada uma das posições fixas corresponde a tantas classes de expressões, e mesmo as posições de **modificador interno** e **modificador externo** podem ser entendidas senão como subclasses de adjetivos, ao menos como elementos importantes para a sua classificação.

De fato, cada uma dessas posições é preenchida por um conjunto pré-determinado de expressões, que costumam sempre ocorrer apenas em sua posição e

sua função pré-estabelecida. Dos numeradores o que se pode dizer é que sua posição é variável, mas não sua função. Em Perini (1998: 99) temos um quadro com as expressões que podem ocupar cada função:

<b>Função</b>	<b>Itens que podem desempenhá-la</b>
<b>Det</b>	<i>o, este, esse, aquele, algum, nenhum, um.</i>
<b>Poss</b>	<i>meu, seu, nosso etc.</i>
<b>Ref</b>	<i>mesmo, próprio, certo</i>
<b>Qf</b>	<i>poucos, vários, diversos, único, primeiro (segundo, terceiro) etc.</i>
<b>PNE</b>	<i>mero, pretenso, meio, suposto, reles, inesquecível, ilusório, simples, bom, velho, novo etc. (classe aberta)</i>
<b>PNI</b>	<i>mau, novo, velho, claro, grande.</i>
<b>Num</b>	<i>outro, dois (três, quatro etc.)</i>

A classe dos quantificadores, tanto em Castilho (1993) quanto em Perini (1998), possui basicamente a mesma circunscrição, e corresponde fortemente à classe dos pronomes indefinidos (ou dos adjetivos [de quantidade] indefinidos) das antigas classificações. A principal diferença entre a classificação dos quantificadores em Perini (1998), por um lado, e em Mateus (1989) e Castilho (1993), por outro, diz respeito à situação do conjunto de expressões tradicionalmente caracterizado como numerais. Para Perini, por conta de sua posição variável com relação aos outros modificadores, os “numeradores” são identificados em uma classe distinta, que inclui também expressões como *outro*, caracterizado como quantificador indefinido em Castilho (1993). Também *certo*, *algum* e *nenhum* são excluídos da classe dos quantificadores, por Perini por seu padrão de distribuição com relação a outras expressões da área esquerda. Expressões caracterizadas como pertencendo a subclasses diferentes em Perini podem co-ocorrer num mesmo SN:

- (53) **Certos poucos** homens vêem certas feridas chagadas; por sob meias de seda e certos lábios pintados com bom baton de papel.

[[www.guesaerrante.com.br/2005/11/30/Pagina341.htm](http://www.guesaerrante.com.br/2005/11/30/Pagina341.htm)]

- (54) Atualmente o suporte é precário para **alguns poucos** seletores CSS3, para declaração hsl de cores, e mais umas poucas propriedades, em alguns navegadores.  
[<http://www.maujor.com/tutorial/sel-css3.php>]
- (55) Depois de **alguns muitos** anos batalhando, estudando, ralando pra caralho, vem um imbecil, fala uma merda destas, daih eu tenho que ouvir piadinhas por todos os lados.  
[<http://listas.linuxchix.org.br/pipermail/linuxchix/2005-January/004040.html>]
- (56) E foi assim que se criou o mito que "não existe solução" para muitos dos problemas que existem no nosso dia a dia como a fibromialgia, as dores miofasciais, as dores crônicas e **muitas outras** condições.  
[<http://sacrocraniana.no.sapo.pt/lmf.html>]
- (57) Até que se depara com zumbis assassinos e têm de fugir para qualquer lugar, na companhia de **algumas poucas outras** pessoas não infectadas para sobreviver.  
[<http://infernoticias.blogspot.com/2006/12/marcello-simo-branco-co-editor-do.html>]

Por outro lado, os itens caracterizados como quantificadores por Perini não ocorrem modificando os mesmo núcleos:

- (58) \***[Muitas<sub>Qf</sub> [diversas<sub>Qf</sub> [pessoas]<sub>N</sub>]<sub>N</sub>]<sub>SN</sub>** reclamaram da organização do evento.
- (59) \***[Poucos<sub>Qf</sub> [muitos<sub>Qf</sub> [amigos]<sub>N</sub>]<sub>N</sub>]<sub>SN</sub>** o procuraram para parabenizá-lo.

As ocorrências encontradas por uma pesquisa com o buscador Google™, na internet, sugerem pouco domínio sobre as regras de concordância do português padrão culto escrito (ou mesmo erro de digitação) em ocorrências em que um quantificador atua como modificador de outro quantificador:

- (60) As condições físicas na floresta atlântica variam muito, dependendo do local estudado, assim, apesar de a região estar submetida a um clima

geral, há microclimas **muitos diversos** e que variam de cima para baixo nos diversos estratos.

[<http://educar.sc.usp.br/licenciatura/trabalhos/mataatl.htm>]

- (61) E também tô insatisfeito com as áreas verdes de São Paulo, queria muito mais, e queria que ela fosse toda bem arborizada como é Buenos Aires, mas que em Buenos Aires existem **muitos poucos** parques, que em São Paulo existem mais, e que Buenos Aires tem pouquíssimas áreas com fiação aterrada (menos até do que São Paulo), é a verdade, você se doendo ou não!

[<http://www.skyscrapercity.com/archive/index.php/index.php?t-402557.html>]

As normas do português padrão exigiriam *muito diversos* em (60) e *muito poucos* em (61), de qualquer forma configurando *muito* como modificador não do núcleo do SN, mas de *pouco* e *diverso*, respectivamente. De qualquer forma, *diverso*, em (61) ocorre como adjetivo em posição de complemento de verbo cópula, não como modificador de núcleo nominal.

Algumas ocorrências, que na língua escrita pressupõem o uso de vírgula, de seqüências como *muitos diversos*, fazem pensar numa interpretação com múltiplas estruturas paralelas em ordenação aditiva que inclua algum tipo de mecanismo de elipse com anáfora:

- (62) Nesse mundo sistêmico, são **muitos, diversos**, integrados e descontraídos os subsistemas mais ou menos relevantes: corporações transnacionais, Estados nacionais, entidades regionais, organizações multilaterais, mercados nacionais, regionais e mundiais, redes de informática, corporações da mídia, organizações religiosas, campanhas de publicidade, fundações destinadas ao incentivo e à problematização da pesquisa científica e tecnológica.

[[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69091998000200002&script=sci\\_arttext&tlng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69091998000200002&script=sci_arttext&tlng=en)]

(62) pode ser representado, como uma ordenação, em que os elementos “repetidos” seriam elididos, sobrando apenas aqueles que configuram informação nova:

(63) Nesse mundo sistêmico

**os subsistemas mais ou menos relevantes são muitos**

os subsistemas mais ou menos relevantes são **diversos**

os subsistemas mais ou menos relevantes são **integrados**

**e os subsistemas mais ou menos relevantes são  
desencontrados**

E, finalmente, o exemplo proverbial em (64) indica a ocorrência de *poucos* como núcleo do SN, não como um modificador que ocupe a mesma posição do modificador *muito*:

(64) **Muitos poucos** fazem um muito.

[[http://www.hkocher.info/minha\\_pagina/port/port\\_m05.htm](http://www.hkocher.info/minha_pagina/port/port_m05.htm)]

Por fim, a delimitação dos ordinais entre os quantificadores, proposta por Perini não tem fundamento do ponto de vista semântico, dado que as noções denotadas por uns e outros é de natureza bastante diferente. Além disso, o critério sintático não ajuda, dado que quantificadores podem co-ocorrer com ordinais modificando núcleos de SN:

(65) Encontramos **muitos primeiros** episódios entre os 14 e os 18 anos.

[<http://www.psicosite.com.br/tra/ali/anorexia.htm>]

(66) Por exemplo, se Ayrton Senna e Alain Prost fossem amarrados no fim de uma estação, e Prost teve seis vitórias e três segundos revestimentos do lugar, mas Senna teve seis vitórias e o segundo lugar quatro termina (mesmo se teve **poucos terceiros** lugares do que Prost, etc.), Senna seria campeão.

[[http://enpt.explicatus.org/wiki/Formula\\_One\\_regulations](http://enpt.explicatus.org/wiki/Formula_One_regulations)]

De qualquer forma, o que fica claro após a leitura tanto de Castilho (1993) quanto de Perini (1998) é que a simples caracterização de “modificador de núcleo de SN” e mesmo de “modificador ocorrendo na área esquerda do SN” são muito rudimentares devido à complexa organização dessa área. Em que pese o fato de as expressões caracterizadas como intensificadores em CSOA ocorrerem em posições bastante delimitadas, algumas questões ainda permanecem.

Em primeiro lugar, nem Mateus (1989), Castilho (1993) ou Perini (1998) sequer fizeram menção seja à possibilidade de ocorrência de quantificadores em posição de modificador em outra estrutura que não seja o SN, ou mesmo à correspondência – ou qualquer tipo de relação – com expressões ou fenômenos expressando quantidade/intensidade (/grau) fora do âmbito do SN. No entanto, essas ocorrências não se restringem às expressões reconhecidas como quantificadores em Castilho (1993) e Perini (1998) e também reconhecidos em CSOA como intensificadores – nomeadamente *muito*, *pouco* e *demais*. Também *mais*, *menos* e *bastante* podem ocorrer em contexto de modificação dentro do SN (*cf.*, acima, *p.ex.*, (10), (13) e (24), assim como outras expressões caracterizadas como quantificadores podem ocorrer em contextos de modificação fora do SN, como de resto já tinha sido notado por Almeida (1969: 135-6), entre outros autores:

- (67) Amália ficara *algo* triste com a carta recebida.
- (68) Houve cenas *nada* agradáveis.
- (69) O prédio foi *todo* destruído pelo fogo.

Em segundo lugar, embora a delimitação da classe dos quantificadores indefinidos pareça bastante tranqüila, também é desafiada pela ocorrência de quantificadores – e não só *muito*, *pouco*, *mais* e *menos* – no contexto VII de ocorrência, ou seja, com valor sintático de SN:



- (70) Anoto **tudo**, fotografo, faço medições, recolho amostras da água e do ar, analiso, estudo – e, porém, **nada** indica que **algo** aconteça no interior da réptil nuvem.

[[http://www.verbeat.org/blogs/cidadescronicas/arquivos/2006/12/dentro\\_do\\_nevoeiro.html](http://www.verbeat.org/blogs/cidadescronicas/arquivos/2006/12/dentro_do_nevoeiro.html)]

A distinção de Castilho (1993: 220-1) entre as posições “nucleares” e “marginais” de ocorrência dos quantificadores não livra sua classificação dos mesmos problemas que a caracterização dos intensificadores como modificadores em construções endocêntricas encontra nesse contexto de modificação. Especificadores têm sido definidos de maneira diferente conforme o quadro teórico utilizado, mas as definições têm em comum a sua caracterização como um tipo de modificador, de categoria “satélite”, que não é o núcleo da expressão. Nesse sentido, a definição de especificador, constante em Mateus (1989) e Castilho (1993), se deve ser encarada como tem sido na literatura, por outro lado não cobre os quantificadores em posições nucleares – isto é, se ela deve ser encarada como uma classificação de palavras, não como uma mera descrição de suas funções sintáticas. No entanto, ambas as propostas classificam os indefinidos nessas posições como especificadores em posição “nuclear”, o que parece indicar uma interpretação um tanto lassa da noção de especificador.

Por fim, parece haver um detalhamento melhor do tipo de noção denotada pelos quantificadores na distinção entre número, quantidade e grau. Além disso, a referência à quantificação remete a um conjunto de noções cujo estudo está bastante aprofundado em dentro de uma larga tradição dentro das teorias semânticas de base lógica (a adesão, tácita ou não, de Castilho e Perini a essa tradição não é aqui pressuposta). Porém, novamente, nenhuma relação pode ser inferida entre a expressão de noções como quantidade, número e grau no âmbito do SN e fora dele, embora relações intuitivas possam ser tentadas. A mesma tradição de estudo da quantificação muito recentemente têm incluído no seu escopo de investigação os fenômenos de quantificação que ocorrem fora do SN, mas nenhuma referência a

esses estudos existe em qualquer dos autores estudados, estando a investigação dessa relação totalmente por fazer.

### 1.3. Conclusão

Como foi visto nas seções anteriores, ocorrências das mesmas palavras têm sido classificadas, na literatura, em duas classes diferentes, dependendo do tipo de construção em que aparecem – mais especificamente, dependendo do valor sintático do núcleo modificado: ora como advérbios “de quantidade” ou “intensidade” (contextos II-V), ora como “adjetivos determinativos” ou “pronomes indefinidos” (contextos I, VI e VII). As exceções a esse tratamento em separado são a proposta constante em Pereira (1921: 314) e Almeida (1969: 195-6), de que os pronomes indefinidos aparecem como advérbios de intensidade em alguns contextos de ocorrência, e a de CSOA, de que todas as ocorrências dessas expressões devem ser caracterizadas como advérbios predicativos intensificadores. No cômputo geral, as propostas nesse sentido são tão poucas que podem ser entendidas como uma opinião muito marginal, mas não necessariamente destoante das concepções gramaticais vigentes, uma vez que nada na literatura permite concluir também a situação contrária, ou seja, de que obrigatoriamente essas expressões devam ser encaradas como distintas, apesar de sua semelhança fonética.

CSOA apresenta um aprofundamento notável no que diz respeito à circunscrição da classe que os autores desse texto denominaram intensificadores, bem como sua caracterização a partir de suas propriedades semânticas e sintáticas – aprofundamento que tem seu paralelo nos trabalhos de Mateus (1989), Castilho (1993) e Perini (1998). Porém, embora tenha o mérito de levantar a questão da extrema similaridade entre os usos “adverbiais” e “nominais” da classe de palavras a que denominaram intensificadores, sua caracterização dessa classe, seja com relação às suas propriedades semânticas, seja com relação às suas propriedades sintáticas, levanta mais questões do que responde. Do ponto de vista semântico, falta uma mínima definição do que seja a noção de “intensificação” denotada pelos

intensificadores e a caracterização dessa noção como uma predicação de segunda ordem encontra sérias dificuldades. Do ponto de vista sintático, a caracterização dos advérbios intensificadores como modificadores em construções endocêntricas apresenta problemas: em primeiro lugar porque essa definição falha em circunscrever apenas os advérbios, visto que há mais itens que podem ser definidos como modificadores em construções endocêntricas; em segundo lugar, porque ela falha em se aplicar a todos os contextos de modificação dos intensificadores, seja porque eles apareçam como categoriais argumentais e não modificadores (contextos VI e VII), seja porque eles sejam melhor interpretados como modificadores exocêntricos (contexto I). Esses problemas se refletem no campo da análise dos quantificadores indefinidos: considerar as ocorrências no contexto VII como especificadores apresenta as mesmas dificuldades do que considerá-las como advérbios.

Parece que a fronteira entre modificadores “nominais” e “não-nominais” (ou “adverbiais”) não é tão precisa, ou então que não pode ser utilizada como critério exclusivo para distinguir adjetivos e advérbios, respectivamente. Parece também que ambas as propostas descreveram razoavelmente bem as regiões mais centrais, e que os limites não foram precisamente estabelecidos. Isso significa um retorno ao ponto em que a discussão tinha parado no final da seção anterior. É certo que temos muitas razões para classificar todas as ocorrências em I-VII das expressões tratadas aqui como ocorrências das mesmas palavras, mas ainda resta a questão de determinar a que classe elas pertencem. Parece haver uma unidade semântica mais ou menos evidente tanto nas ocorrências no âmbito nominal quanto no âmbito adverbial, mas nenhuma caracterização minimamente aceitável das noções denotadas pode ser encontrada onde quer que seja, para além do uso de palavras semelhantes: quantidade/ quantificação/quantificador, intensidade/intensificação/intensificador, grau.

Mesmo a determinação exata de quais são “as expressões tratadas aqui” está por se fazer. Não existe nenhuma indicação de que a lista apresentada em CSOA seja absolutamente exaustiva – e já se sabe que, pelo menos, *todo*, *nada* e *algo* devem ser incluídos como advérbios modificadores de adjetivos em alguns de seus contextos de

ocorrência - e não existem nem mesmo garantias mais fortes de que o “núcleo nítido” da classe dos intensificadores se restrinja, absolutamente, a  *muito, pouco, mais e menos*. Ao contrário, como se verá no próximo capítulo, a circunscrição da classe dos intensificadores está muito superficialmente traçada em CSOA. Por isso, um levantamento mais detalhado dessas expressões, em português, será apresentado antes de, e como subsídio para, a discussão acerca da colocação dessas expressões em classes de palavras, que será apresentado no próximo capítulo. Essa discussão aplainará o caminho para o enfrentamento da questão central desta tese: uma definição mais satisfatória da noção de quantidade - bem como da situação da noção de grau (=intensidade) como um tipo de quantificação - e da sua expressão nos diversos âmbitos sintáticos, e que se fará a partir do capítulo 3.

## 2. DO CAMPO DE EXPRESSÃO DA QUANTIFICAÇÃO

---

Como a classe dos intensificadores, tal como ela é definida em CSOA, é o núcleo do conjunto de palavras que pretendo denominar quantificadores, esta seção vai partir da caracterização presente em CSOA acerca dos limites dessa classe – mais especificamente, da lista de palavras que fariam parte dela – e expandi-la, a fim de identificar tanto os diversos contextos em que a quantificação ocorre, como também, e principalmente, ter um panorama mais geral e abrangente das palavras que podem funcionar como quantificadores, sobretudo naqueles contextos de ocorrência não tradicionalmente identificados como contextos de quantificação – que é justamente o caso dos contextos “adverbiais” de ocorrência.

Ao longo do capítulo anterior tivemos algumas pistas sobre alguns itens, não citados em CSOA, que podem ser caracterizados como intensificadores no sentido de CSOA. Além disso, pode-se buscar nas expressões listadas nas gramáticas como advérbios de intensidade/quantidade possíveis candidatos a intensificadores. Essa lista varia bastante nas gramáticas, mais do que o inventário dos pronomes/adjetivos indefinidos. *Muito, pouco, mais e menos*, similarmente ao que é encontrado em CSOA, aparecem em todas as obras estudadas, e sempre encabeçando a lista. Ao lado deles, aparece um conjunto de outros “advérbios de intensidade” bastante variável, tanto em quantidade, como no tipo das expressões abrangidas. No entanto, em nenhuma gramática pode-se encontrar uma distinção como da feita em CSOA entre aqueles intensificadores mais “típicos” ou “básicos” (termos meus), e aquelas expressões que podem ser interpretadas como intensificadores apenas em alguns contextos de ocorrência. A existência dessas expressões figura, para os autores de CSOA, como

evidência contra a maneira com que a delimitação das classes de palavras tem sido concebida ao longo do tempo:

A observação de todos esses fatos mostra que as classes de palavras devem ser entendidas não como recortes categóricos do léxico, e sim como um conjunto de pontos nítidos separados uns dos outros por faixas sem nitidez. (CSOA: 74)

Muito embora não se encontre em CSOA nenhuma pretensão de que a lista feita seja exaustiva, acredito que ela não cobre muitos dos casos de palavras que podem ser encarados como intensificadores em pelo menos alguma de suas ocorrências. Mais: não foi feita em CSOA nenhuma caracterização dos critérios que devam ser usados para delimitar quais são os *pontos nítidos*, quantas e quais são as faixas sem nitidez, e qual o grau de nitidez (ou de falta de nitidez) de cada faixa.

De qualquer forma, não é possível afirmar que seja um assunto fechado a delimitação dessa ou de qualquer das subclasses propostas em CSOA, e muito menos a exata caracterização de suas propriedades semânticas essenciais. Apesar de a classe dos intensificadores ser provavelmente a que é objeto de um melhor detalhamento dentre as classes de advérbios esboçadas em CSOA, esse detalhamento serve antes para indicar o tipo de trabalho que deve encontrar quem quer que se disponha a estudá-las:

[...] observações como esta mostram que sabemos muito pouco sobre o papel dos intensificadores ou, melhor que a semântica das expressões como *meio, muito, mais, menos*, etc. é um campo até hoje inteiramente inexplorado. (CSOA: 92)

Nem eu gostaria que as questões levantadas aqui ou em qualquer ponto desta tese sejam encaradas como defeitos de CSOA: a incompletude desse trabalho com relação a uma melhor caracterização dos advérbios intensificadores se deve, basicamente, ao fato de que essa caracterização não era objeto daquele trabalho como é deste. O fato de que tantas questões possam ter sido levantadas a partir daquilo que vai dito em CSOA já em si demonstra a importância daquele trabalho não só para a construção desta tese, mas para qualquer trabalho que se dedique a sondar os pouco sondados domínios dos advérbios.

Antes de prosseguir com uma análise mais cuidadosa da caracterização dos quantificadores, me parece muito útil inventariar o conjunto de expressões que podem ser assim caracterizadas em pelo menos algum de seus contextos de ocorrência. A partir da lista constante em 2.1. pretendo aprofundar a discussão sobre os critérios com que uma expressão pode ser ou não caracterizada como quantificador, e de que maneira a aplicação desses critérios permite classificar uma expressão como um quantificador “típico”, “essencial” ou “nuclear”, por um lado, ou “periférico” ou “eventual”, por outro. A seção 2.2. portará essa explicitação sob o ponto de vista de suas implicações para a questão da situação dos diversos quantificadores em classes de palavras.

## **2.1. Inventário das Quantificadores no Português do Brasil**

O levantamento apresentado a seguir partiu da pequena lista de expressões citadas em CSOA, à qual se adicionaram expressões que figuram como advérbios de intensidade nas gramáticas consultadas, além daqueles pronomes indefinidos que ou podem figurar em outros contextos de ocorrência que não a modificação nominal, ou cuja denotação corresponda à de expressões que podem figurar nesses contextos. Em termos mais diretos, isso significa que incluí nesta lista apenas os quantificadores que figuram em mais contextos do que o contexto I, ou que podem ser interpretados como sinônimos de expressões como *muito*. Alguns quantificadores foram excluídos desta classificação, em vista desses dois critérios. São eles os “universais” *cada*, *qualquer*, e outros “partitivos”, como *ambos* etc., bem como os numerais. Uma análise mais geral dos quantificadores em português deverá, certamente, também incluí-los. Optei por não fazê-lo aqui porque o escopo desta tese já está suficientemente amplo. Afora isso, a lista tem a pretensão de ser o mais abrangente possível, o que não significa exatamente que se pretenda exaustiva.

### 2.1.1. *Bastante e demais*

*Demais*<sup>15</sup> e, sobretudo, *bastante*<sup>16</sup> estão entre os advérbios de intensidade mais citados, além de  *muito, pouco, mais e menos*. Significativamente, não são listados entre os advérbios “de quantidade”, nas gramáticas mais antigas, o que talvez expresse o fato de que tanto um como o outro constituem gramaticalização de expressões que originalmente não eram advérbios: *demais* era, originalmente, uma locução adverbial formada por preposição + SN – uma dentre as muitas que existem (*cf.*, adiante, 2.1.6); *bastante* é um adjetivo derivado de raiz verbal com o sufixo // -nte//, descendente do morfema flexional latino para os participípios presentes. Seus significados “originais” se mantêm em contextos que, atualmente, são marginais com relação ao conjunto de expressões em que eles tomam parte:

- (71) tenho um mano só que está residindo em Santa Catarina, faz pouco tempo que ele foi pra lá, e **os demais** temos um, moramos em três aqui e [três]- três fora, mas aqui em Curitiba mesmo.

[PRCTB17/SLIN:0085]

- (72) Enquanto isso, a cineasta Anne Fletcher (coreógrafa veterana que aqui faz sua estréia na direção) apela sempre para o óbvio ao ilustrar cada aspecto da trama: para justificar as ações criminosas do protagonista, por exemplo, ela retrata o pai adotivo do rapaz como um alcoólatra que passa os dias sentado em uma poltrona diante da televisão e que só abre a boca para xingar a família ou pedir mais cerveja (isto é **o bastante** para atirar um adolescente no mundo do crime?).

[[http://www.cinemaemcena.com.br/frm\\_Versao\\_Impressao.aspx?ID=8802&codigo2=5700&tabela=criticas&campo=cod\\_critica&campo2=cod\\_filme&tipo=criticas](http://www.cinemaemcena.com.br/frm_Versao_Impressao.aspx?ID=8802&codigo2=5700&tabela=criticas&campo=cod_critica&campo2=cod_filme&tipo=criticas)]

---

<sup>15</sup> Sousa (1957: 157), Almeida (1969: 296), Vázquez e Luz (1970: 453), Rocha Lima (1979: 154), (1985: 221), Azeredo (2000: 144), Cunha e Cintra (2004: 543).

<sup>16</sup> Gomes (1910: 58), Pereira (1921: 151)Sousa (1957: 157), Almeida (1969: 296), Vázquez e Luz (1970: 453), Melo (1978: 74), Rocha Lima (1979: 154), Cegalla (1985: 221), Azeredo (2000: 144), Cunha e Cintra (2004: 543).



Em (71), pode-se entender *demais* como significando “aquilo que se acrescenta (que está de mais) ao que já foi contado” – correspondendo mais ou menos ao significado original da expressão *de mais*. Em (72), *o bastante* significa “o que basta”, aproximando o significado original de *bastante* de outros adjetivos derivados do mesmo sufixo (*o restante* = “o que resta”, *pendente* = “o que pende” etc.). *Bastante*, em contextos como (72) – aqui analisada em (73) –, ocorre como núcleo do SN, mas não como ocorre no contexto VII; neste caso específico, o SN tem uma configuração toda especial: sempre existe artigo, e *bastante* funciona como um substantivo ocupando o núcleo do sintagma. Além disso, *o bastante*, de uma certa forma, configura algum tipo de julgamento sobre valor.

- (73) (...) isto é [o [**bastante**]<sub>N</sub>]<sub>SN</sub> para atirar um adolescente no mundo do crime?

*Demais* tem um comportamento semelhante, em contextos como (71), ocorrendo sempre com artigo, e nunca em posição de núcleo, função que é desempenhada sempre por nome, que pode estar elíptico, como em (71), elipse que é autorizada pelo referente *mano*, um pouco acima. Diferentemente do que acontece em suas ocorrências mais canônicas no contexto I (*cf. adiante*, 87) – em que *demais* figura na extrema direita do SN, mas ainda assim ocupando a posição de “determinante” – em ocorrências como (71), *demais* ocorre sempre à esquerda do núcleo. (74) é um exemplo similar, com o núcleo preenchido, e analisado a fim de mostrar o contexto de ocorrência de *demais*, que funciona como um adjetivo ocorrendo na periferia esquerda do SN:

- (74) Empolgado, depois de alguns meses, convidou [os [**demais** [**irmãos**]<sub>N</sub>]<sub>SN</sub>, João e Maria.

[<http://conjur.estadao.com.br/static/text/41733,1>]

De resto, *muito* e *pouco* também ocorrem nesse mesmo tipo de contexto:

(75) A liberalização financeira produziu um monstro, e resolver **[os [muitos<sub>ADJ</sub> [problemas]<sub>N</sub>]<sub>N</sub>]<sub>SN</sub>** que emergiram é dificilmente possível para aqueles que recusam controles sobre os que querem ganhar dinheiro por quaisquer meios.

[[http://resistir.info/eua/kolko\\_15jun06.html](http://resistir.info/eua/kolko_15jun06.html)]

(76) A intenção era fazer valer **[os [poucos [trocados]<sub>N</sub>]<sub>N</sub>]<sub>SN</sub>** que eu tinha no bolso e comprar um ou dois livros que valessem cem vezes aqueles cruzados (ou cruzeiros, novos ou velhos, não me lembro).

[[http://www.releituras.com/ne\\_rambrosio\\_arteimp.asp](http://www.releituras.com/ne_rambrosio_arteimp.asp)]

*Demais* e *bastante* podem ser interpretados como um tipo de nuance do significado de *muito*. A substituição dessas expressões por *muito* demonstra essa semelhança:

(77) a. Realmente deve ser uma delícia ter uma família bem grande com **bastante** gente.

b. Realmente deve ser uma delícia ter uma família bem grande com **muita** gente.

(78) a. Gostaria **demais** de ter tido mais irmãos.

b. Gostaria **muito** de ter tido mais irmãos

*Muito* poderia ser entendido como tendo dois significados básicos: a) um significado de “em grande quantidade” e b) um significado de “em quantidade acima das expectativas”. É o que se pode entender como uma instância “mais fraca” e “mais forte” de *muito*. *Bastante* corresponderia a essa instância mais fraca de *muito* sem denotar essencialmente “quantidade acima das expectativas”, ou ainda a uma instância ainda inferior a *muito* (79). *Demais* corresponderia à instância mais forte, “superlativa”, em que se dá ênfase ao caráter de superação das expectativas expresso por *muito*, ou em um grau ainda maior do que o expresso por *muito*:

(79) progrediu **bastante** mas muito não.

[PRCTB08/SLIN:0630]

- (80) o ensino público está [muito]- muito defasado **demais**.  
[PRCTB18/SLIN:1505]

Essa significação fraca de *bastante*, que não expressa a “superação das expectativas”, pode ser vista em ocorrências como (81):

- (81) Então o povo do teatro veio aqui gravar, Gente como esse povo é sem educação, minha mãe fez **bastante** comida pq eram 10 pessoas mas aqui em casa, e daí quando a gente tava gravando uma cena com os meninos (a 1º cena ) as meninas ficavam indo lá comer!  
[<http://bayvillegirls.weblogger.terra.com.br/>]

A substituição de *bastante*, no exemplo acima, por *muito* não causa a estranheza que causa a sua substituição por *demais*:

- (82) Minha mãe fez **muita** comida porque eram 10 pessoas.  
(83) Minha mãe fez comida **demais** porque eram 10 pessoas.

*Demais*, em (84), embora não contrarie necessariamente a relação causal estabelecida por *porque*, parece estar oferecendo informação além daquela que é exigida por essa relação, o que não ocorre com *bastante* e *muito*, que parecem se situar no mesmo nível de informatividade, em (81) e (82). *Demais* parece, antes, sugerir uma oposição, melhor expressa por uma concessiva:

- (84) Embora fossem 10 pessoas, minha mãe fez comida demais.

Por outro lado, a substituição de *demais* por *bastante*, no trecho abaixo, não parece modificar significativamente o sentido:

- (85) Shiva [Keshavan] está na sua terceira olimpíada, mas ainda usa o mesmo trenó velho que ele comprou usado antes das Olimpíadas de 98.

Falta patrocínio, pelo pouco reconhecimento desse esporte na Índia. Ele até pensou em dar uma garibada no equipamento, mas gastou dinheiro demais investindo num super uniforme com as cores de seu país, que custou 300 dólares, e aí, não deu.

[[http://www.verbeat.org/blogs/stuckinsac/arquivos/2006/02/fatos\\_e\\_fotos\\_v\\_1.html](http://www.verbeat.org/blogs/stuckinsac/arquivos/2006/02/fatos_e_fotos_v_1.html)]

- (86) Shiva até pensou em dar uma garibada no equipamento, mas gastou **bastante** dinheiro no uniforme, e aí, não deu.

Isso parece indicar que, em todo caso, o contraste entre *bastante* e *demais* talvez não seja tão forte assim, e que o componente de significado que equivale, em linhas gerais, ao significado de *muito* é muito mais forte do que as pequenas nuances que eles possam indicar.

Ao mesmo tempo em que seus significados podem ser relacionados com os de *muito*, tanto *bastante* quanto *demais* ocorrem exatamente nos mesmos contextos que *muito*, e em todos os contextos em que ocorrem (exceto em expressões como *o bastante*) eles têm uma significação que pode ser entendida como da mesma natureza da de *muito*, admitindo a substituição:

Contexto I:

- (87) e minha mãe sempre tem alguns afazeres fora, né? mas ajudam, principalmente épocas de final de ano, sábado que é um dia que a gente assim geralmente tem **[bastante [movimento]<sub>N</sub>]<sub>SN</sub>**, né? então eles dão uma força muito grande aí também.

[PRCTB??/SLIN:1205]

- (88) Há, por exemplo, **[[criança]<sub>N</sub> demais]<sub>SN</sub>** sendo explorada sexualmente - e milhões que trabalham no lugar de irem à escola.

[<http://revistacrescer.globo.com/Crescer/0,19125,EFC1096770-2450,00.html>]

Contexto II:

(89) era um serviço **[bastante [sujo]<sub>ADJ</sub>]<sub>ADJ</sub>**, porque o material que a gente trabalhava lá é tipo uma areia, sabe?

[PRCTB08/ SLIN:0356]

(90) estão cantando **[[fininho]<sub>ADJ</sub> demais]<sub>ADJ</sub>**, né? e eles não cantavam tão fino assim.

[PRCTB03/SLIN:1323]

Contexto III:

(91) entrou água lá no açougue, porque mas **[[choveu]<sub>v</sub> demais]<sub>v</sub>**, também, e a canalização de água aqui estava com problema, porque eles tinham o esgoto que eles fizeram da água pluvial, eles fizeram do lado de lá, aquelas árvores cresceram e rebentaram todo o esgoto por baixo, entupiu.

[PRCTB02/SLIN:0265]

(92) mas o problema é minha esposa, né? que tem esse problema que me **[[entristece]<sub>v</sub> bastante]<sub>v</sub>**, de ver ela assim- [ela]- ela quer dizer as coisas e não pode.

[PRCTB08/SLIN:1062]

Contexto V:

(93) então a gente ia com um balde lá ou uma vasilha qualquer pra ir buscar lá, sabe onde é a sanepar, né? naquela época era **[bastante [longe]<sub>ADV</sub>]<sub>ADV</sub>**, né?

[PRCTB09/ SLIN:0189]

(94) Também se pode concluir que faltaria aos tupiniquins que vivem “**[[longe]<sub>ADV</sub> demais]<sub>ADV</sub>** da capitais” a mesma postura diante da produção mais próxima.

[<http://www.overmundo.com.br/overblog/longe-demais-das-capitais>]

Contexto VI:

(95) As cooperativas de crédito são responsáveis por apenas 2,14% do volume de financiamentos oficiais concedidos no Brasil - o que até **[é**

[**bastante**]<sub>CP</sub><sub>SV</sub> se comparado ao índice de 1997, de apenas 0,97% das transações.

[<http://www.desafios.org.br/Edicoes/10/artigo12951-1.asp?o=s>]

- (96) tem que deixar, né? tem que deixar, e [está]- devia de voltar a censura e muita coisa devia de ser cortada, porque [é [**demais**]<sub>CP</sub>]<sub>SV</sub>.

[PRCTB17/SLIN:0866]

- (97) que hoje, a gente sabe que hoje em dia [tem]- a pessoa tem que ter a cabeça firme no lugar porque se fraquejar adeus, que esse negócio de droga [está [**demais**]<sub>CP</sub>]<sub>SV</sub>.

[PRCTB18/SLIN:0707]

Contexto VII:

- (98) A editora da Farol, Ethel de Paula, respondeu a essa entrevista avisando que não teria muito tempo e que seria breve. No final, no meio da edição da número 2, que sai em meados de dezembro, ela [**falou** [**bastante**]<sub>SN</sub>]<sub>SV</sub>, empolgada com o trabalho.

[[http://revistaraiz.uol.com.br/portal/index.php?option=com\\_content&task=view&id=302&Itemid=184](http://revistaraiz.uol.com.br/portal/index.php?option=com_content&task=view&id=302&Itemid=184)]

- (99) no meu modo de entender um deputado, senador não devia ganhar o que está ganhando, um juiz não devia de estar [ganhando o que está]- ganhar o que está ganhando, eles [**ganham** [**demais**]<sub>SN</sub>]<sub>SV</sub> pra não fazer nada.

[PRCTB17/SLIN:0569]

A relação entre *demais* e *bastante* com *muito* aparece num outro traço compartilhado por todas essas expressões: nenhuma delas aparece no contexto IV – modificadores de numerais:

- (100) \*Eu mandei elevar a casa [**bastante** [**oitenta**]<sub>NUM</sub>]<sub>NUM</sub> centímetros.

- (101) \*Eu mandei elevar a casa [ [**oitenta**]<sub>NUM</sub> **demais**]<sub>NUM</sub> centímetros.

### 2.1.2. *Tão e tanto; quão e quanto*

*Tão/tanto*, assim como *quão/quanto* e *como* são também muito citados nas gramáticas como advérbios de intensidade assim como, também, entre os pronomes (ou adjetivos) indefinidos<sup>17</sup>. A alternância entre suas formas curtas (*tão, quão*) e longas (*tanto, quanto*) reflete um fenômeno que já foi mais comum em português: opunha as formas *mui* e *muito*, e explica a alternância *são/santo*. No caso dessas expressões em particular, a oposição entre as formas curtas e as longas indica o contexto de ocorrência – as formas curta ocorrem nos contextos II e V e as longas nos demais contextos:

#### Contexto I:

- (102) Participe!Colabore! ajude a mudar a realidade de **[tantas [famílias]<sub>N</sub>]<sub>SN</sub>** e **[tantas [crianças]<sub>N</sub>]<sub>SN</sub>**, o país de hoje pede por isso.

[[http://www.cecif.org.br/bo\\_f\\_03.htm](http://www.cecif.org.br/bo_f_03.htm)]

- (103) **[Quantos [amigos]<sub>N</sub>]<sub>SN</sub>** te ajudaram nas horas mais difíceis de sua vida?

[<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20061228170212AAAb1xw2>]

#### Contexto II:

- (104) Um deles é **[tão [independente]<sub>ADJ</sub>]<sub>ADJ</sub>**, mas **[tão [independente]<sub>ADJ</sub>]<sub>ADJ</sub>**, que tem a CUT entre os sócios-fundadores.

[<http://www.midiasemmascara.com.br/artigo.php?sid=3115>]

- (105) Tudo que temos de mais belo e devemos desfrutar é a vida, vive-la com muita felicidade não sermos egoístas. Passarmos mais tempo com quem realmente amamos, sorrirmos, sermos felizes, olhar para o céu como se fosse a primeira vez e ver **[quão [romântico]<sub>ADJ</sub>]<sub>ADJ</sub>** é a beleza das estrelas e sedutora a doce Lua.

[[http://link.estadao.com.br/user/index.cfm?id\\_usuario=B4CBE45F045DB4CE67E91DDED8BC4D5F3000184303846](http://link.estadao.com.br/user/index.cfm?id_usuario=B4CBE45F045DB4CE67E91DDED8BC4D5F3000184303846)]

#### Contexto III:

---

<sup>17</sup> Said Ali (1964: 97), Melo (1968: 134), Almeida (1969: 291), Vázquez e Luz (1970: 453), Cegalla (1985: 221), Cunha e Cintra (2001).

- (106) Último filme do diretor taiwanês Tsai Ming-liang, "O sabor da melancia", **[[incomoda]<sub>v</sub> [[tanto]<sub>TC1</sub> [quanto a falta de água]<sub>TC2</sub>]]<sub>v</sub>** e deslumbra como um grande copo de suco em dia de verão seco.  
[<http://receitaseliteratura.blogspot.com/2006/11/um-novo-significado-para-melancias-por.html>]
- (107) Tem ciência destes desafios? **[Quanto [trabalhou]<sub>v</sub>]** neles? Conhece a origem dos mesmos?  
[<http://www.vanessatuleski.com.br/artigos/personalizada.htm>]

### Contexto V:

- (108) Mas, ao elegê-lo, nós não sabíamos que João Paulo 2º se transformaria no adversário irreduzível da colegialidade na organização da igreja, que trabalharia **[tão [incansavelmente]<sub>ADV</sub>]** para retirar o poder das conferências episcopais, centralizando todas as decisões na Cúria Romana."  
[[http://www.montfort.org.br/index.php?secao=imprensa&subsecao=igreja&artigo=igreja20050419\\_1&lang=bra](http://www.montfort.org.br/index.php?secao=imprensa&subsecao=igreja&artigo=igreja20050419_1&lang=bra)]
- (109) Quando um peixe nada no oceano, não há limites para a água, não importa **[quão [longe]<sub>ADV</sub>]** ele nade.  
[<http://www.neosurrealismo.com/chungtao/Sutras/sutras.asp?ZenID=113&ID=Sutras>]

### Contexto VI:

- (110) Em inglês, design **[é [[tanto [um substantivo]]<sub>TC1</sub> [quanto [um verbo]]<sub>TC2</sub>]<sub>CP</sub>]<sub>SV</sub>**.  
[<http://forum.ievolution.com.br/index.php?showtopic=4147>]
- (111) R\$ 420 milhões: **[é [quanto o comércio eletrônico espera faturar neste Natal]<sub>CP</sub>]<sub>SV</sub>**.  
[[http://www.ebitempresa.com.br/sala\\_imprensa/html/clip.asp?cod\\_noticia=379&pi=1](http://www.ebitempresa.com.br/sala_imprensa/html/clip.asp?cod_noticia=379&pi=1)]



### Contexto VII:

(112) Já falei [**tanto**]<sub>N</sub> **de amor**]<sub>SN</sub>,

De sonhos e palavras,

Já falei tanto de lágrimas,

Tritezas e sons.

[<http://www.revista.agulha.nom.br/lmathe03.html>]

(113) Como as pessoas podem ter salários dignos ou justos se em uma simples reunião o judiciário decide **[[quanto]**<sub>N</sub> **merece ganhar**]<sub>SN</sub>?

[<http://www.lucianopires.com.br/idealbb/pview.asp?topicID=1994&pageNo=1&num=20>]

A alternância entre as formas breves e longas pode ter a ver mais com a posição em relação aos constituintes do que com o escopo de modificação. Assim em (114) o escopo de *quanto* é *romântico*, como em (105). Porém, dado que a palavra que vem logo em seguida é o verbo *é*, o termo assume a forma *quanto*..:

(114) (...) olhar para o céu e ver (o) **quanto** é romântica a beleza das estrelas e sedutora a doce lua

*Tão/tanto* podem aparecer sozinhos, sem a companhia de *quão/quanto* ou *como*; nestes casos, são sinônimos de *muito*, sobretudo no sentido “fraco” (= “em grande quantidade”):

(115) Ajude a mudar a realidade de **muitas crianças e muitas famílias**.

(116) Não sabíamos que Wojtila trabalharia **muito incansavelmente** para retirar o poder das conferências episcopais.

Sozinho, *Quão/quanto* corresponde ao pronome interrogativo (*cf.* (103), (107) e (113)) ou ao relativo (todas as outras) de quantidade, porém pode ocorrer, de maneira semelhante ao que ocorre com *como*, também com o significado de *muito*, em algumas construções:

- (117) A **quantas** conclusões não chegamos! **quantos** mundos não visitamos! por isso entendo que seja natural... sua mania de perseguição.  
[<http://www.taedium.com.br/?p=46>]
- (118) Pensativa, ela ainda comenta: "**Como** trabalhei no Mini-Golf e nessa Itanhaém!" – recorda.  
[<http://www.itanhaemvirtual.com.br/Pessoas.htm>]

Porém, de maneira geral, *como* corresponde ao pronome interrogativo ou relativo de *modo*, e não de quantidade:

- (119) **Como** encontro os responsáveis pela rede de onde partiu o spam?  
[<http://www.antispam.br/reclamar/#4>]
- (120) Escolha uma das Loterias abaixo para saber **como** apostar, e conheça as probabilidades que você tem de ganhar.  
[[http://www.caixa.gov.br/Loterias/Como\\_Jogar/index.asp](http://www.caixa.gov.br/Loterias/Como_Jogar/index.asp)]

*Tão/tanto* e *quão/quanto* ou *como* ocorrem conjuntamente em estruturas comparativas, tal como acontece em *mais* e *menos*. Esse feito é reconhecido pelas gramáticas, que reconhecem a existência de estruturas comparativas (obviamente não com esse nome) de superioridade, com *mais*, de inferioridade, com *menos* e de igualdade, com *tanto*. A diferença está em que *mais* e *menos* sempre introduzem estruturas comparativas, ainda que a omissão do segundo termo de comparação seja um fenômeno bastante comum, como pode ser observado pelos exemplos que tenho utilizado<sup>18</sup>.

- (121) *Design* é mais um substantivo do que um verbo.
- (122) *Design* é menos um substantivo do que um verbo.
- (123) *Design* é tanto um substantivo quanto um verbo

---

<sup>18</sup> Como exemplos de sentenças comparativas em que o segundo termo não está explicitado, tome-se, por exemplo, (25), (31), (32), (35), (37), (38), para ficar apenas nos exemplos referentes à divisão dos sete contextos de ocorrência.

O reconhecimento dos fatos arrolados acima nos leva tanto a reconhecer *tão/tanto* e *quão/quanto* como um intensificador legítimo, ao lado de *mais* e *menos*, como a reconhecer que o estudo desses três intensificadores não deve ser feito somente encarando-os como palavras isoladas, mas levando em conta o fato de que eles introduzem estruturas comparativas e que seu estudo deve incluir o estudo dessas estruturas.

Um último tipo de alternância entre a forma curta e a longa pode ser exemplificado em (124) e (125), com o acréscimo de que a forma longa pede *como* introduzindo o segundo termo de comparação:

(124) Um deles é **tão** independente **quanto** o outro.

(125) Um deles é **tanto** independente **como** versátil.

A diferença, marcada sintaticamente, se dá porque, em (124), os termos de comparação envolvem o grau com que o adjetivo pode ser predicado acerca dos dois individuais denotados por *um* e *o outro*. Já em (125), os termos de comparação envolvem o grau com que os dois adjetivos (*independente* e *versátil*) podem ser predicados sobre o sujeito, denotado por *um*. Esse fenômeno pode ser encontrado em todas as construções comparativas:

(126) Um deles é **mais** independente do que o outro.

(127) Um deles é **mais** independente do que versátil.

(128) Um deles é **menos** independente do que o outro.

(129) Um deles é **menos** independente do que versátil.

### 2.1.3. *Meio, igual e mais ou menos*

*Meio*<sup>19</sup> tem sido amiúde citado como advérbio de intensidade ou quantidade pelas gramáticas em posição de modificadores de adjetivos. *Igual*, por outro lado, só

---

<sup>19</sup> Pereira (1921: 151), Melo (1968: 134-5), Cegalla (1985: 221).

é relacionado com os intensificadores em CSOA, não figurando em nenhuma das gramáticas consultadas, seja como advérbio de intensidade, seja como pronome indefinido. Ambas as expressões têm em comum, além de serem interpretados como intensificadores em apenas alguns contextos de ocorrência, o fato de poderem estabelecer pontos “médios” entre os extremos definidos pelos outros intensificadores.

*Meio* aparece apenas nos contextos I, II e III de ocorrência. Como modificador de núcleo nominal, *meio* é uma expressão que denota quantidade definida, do tipo que as gramáticas têm listado como numerais fracionários:

- (130) [**Meio [abacate]<sub>N</sub>**]<sub>SN</sub> de tamanho médio contém: zero de sódio, 8 gramas de fibras e aproximadamente 14 gramas de gordura.  
[<http://www.zegatao.muscle.nom.br/assuntos/abacate.htm>]

Esse significado mais definido (= “a metade de”) pode aparecer em construções em que *meio* aparece como modificador de adjetivos (ou de nomes em posição atributiva):

- (131) As vezes me sinto assim: / “**Meio** rosa, **meio** espinho; / **Meio** gente, **meio** animal; / **Meio** água, **meio** fogo; / **Meio** alegre, **meio** triste; / **Meio** viva, **meio** morta; / **Meio** ativa, **meio** pacata.”  
[<http://fatoimediato.zip.net/>]

Mas, nesses contextos, e em contextos de modificação de advérbio, *meio* significa algo como “um pouco”:

- (132) “Só quero saber do que pode dar certo, não tenho tempo a perder...”  
[**Meio [desiludido]<sub>ADJ</sub>**]<sub>ADJ</sub> com a política nacional, após ter apoiado e rompido com o Governo Lula, Gabeira canta a famosa música dos Titãs para descrever seu estado de espírito atual.  
[[http://www.link.estadao.com.br/index.cfm?id\\_conteudo=6238](http://www.link.estadao.com.br/index.cfm?id_conteudo=6238)]

- (133) mas eu acho que o mais importante seria um posto de saúde daí [pra]-pro pessoal porque, sabe? ó- aqui não é pessoal rico, é meio carente, coisa e tal, então se passa mal aí, você tem que procurar um hospital, coisa e tal, às vezes, correr [**meio [longinho]**]<sub>ADV</sub><sub>ADV</sub>, tá? o posto de saúde daí beneficiava todo mundo, né?

[PRCTB01/SLIN:0330]

Ou, ainda, como uma espécie de meio-termo entre  *muito*  e  *pouco* :

- (134) Hoje só de ficar na praia com aquele vento meu lábio já ficou **meio** queimado, ainda bem que não queimou muito.

[[http://www.mentesinsanas2.hpg.ig.com.br/2002\\_09\\_01\\_arquivo.htm](http://www.mentesinsanas2.hpg.ig.com.br/2002_09_01_arquivo.htm)]

- (135) É melhor aplicar esta mistura quando a tinta base cor de pele ainda estiver **meio** molhada, para que as cores se misturem.

[<http://www.ipmscuritiba.com.br/nova/index.php?option=content&task=view&id=43&Itemid=26>]

De qualquer forma, exceto em contextos como os de (131), acima, em que o uso de *meio* se faz em construções que opõem predicções contrastantes (*meio viva, meio morta; meio alegre, meio triste*), não fica totalmente claro se a interpretação é mesmo algo como “pela metade” ou se é mais algo como “um pouco”.

O fato de *meio* ainda poder aparecer modificando expressões como *milhão, dezena, dúzia, vintena* etc. não deve levar a interpretá-lo como modificador de numerais, já que essas expressões são mais substantivos coletivos que denotam quantidades fixas de individuais:

- (136) O ministro espanhol de Trabalho, Jesús Caldera, calculou hoje em "mais de **meio** milhão" o número de imigrantes que regularizarão sua situação trabalhista na Espanha.

[<http://noticias.terra.com.br/mundo/interna/0,,OI519882-EI318,00.html>]

*Igual* é um adjetivo do tipo que pode ser descrito como “comparativo” (como *similar, semelhante, idêntico* etc.) e, como os intensificadores comparativos *mais, menos* e *tanto*, pressupõe os dois termos de comparação:

(137) O dom de amar é **igual** ao dom de se doar.

[[http://www.wmulher.com.br/template.asp?canal=trabalho&id\\_mater=1208](http://www.wmulher.com.br/template.asp?canal=trabalho&id_mater=1208)]

Como adjetivo, *igual* figura normalmente nos contextos I e VI; no contexto I ele é melhor interpretado como adjetivo do que como pronome indefinido, já que ocorre tipicamente na periferia direita do SN:

(138) Um: depois de impedir, Lula deixou criar a CPI dos Correios - agiu certo. Dois: pôs a Dilma (chefe da Casa Civil) - agora ele vai ter uma tocadora de obra. Três: pôs como procurador-geral da República (Antonio Fernando Barros) [**um [homem]<sub>N</sub> [igual [ao que saiu (Claudio Fonteles)]<sub>TC2</sub>]<sub>ADJ</sub>]<sub>SN</sub>.**

[<http://www.senado.gov.br/web/senador/psimon/entrevistas1.asp?entrevista=37>]

(139) Esta crise não **[é [igual [a que derrubou Collor]<sub>TC2</sub>]<sub>CP</sub>]<sub>SV</sub>**, como não foi igual nenhuma das que ocorreram nos oito anos de FHC (e foram muitas), e nenhuma das que ocorreram nos governos Sarney e Itamar (e também foram muitas e importantes).

[<http://noblac.estadao.com.br/noblac/visualizarConteudo.do?metodo=exibirEntrevista&codigoPublicacao=7800>]

Porém, ao contrário do que é típico para adjetivos, *igual* pode aparecer no contexto VII, ou seja, como núcleo de SN, como apontado em CSOA no exemplo (12), recuperado em (140) com a parentetização indicando a função de *igual* como complemento do verbo *ter*:

(140) Em casa o café é muito demorado, muito complicado, quer dizer, então, até eles comerem todas as coisas que fazem parte do café eles demoram; um briga com o outro, a divisão tem que ser absolutamente exata,

porque se um tiver mais do que o outro sai um monte de briga; na realidade não acabam tomando tudo não, comendo tudo que têm. Mas precisa [ter [igual]<sub>SN</sub>]<sub>SV</sub>. Basta ser igual.

[CSOA: 73]

Porém, em algumas ocorrências, *igual* é melhor interpretado como ocorrendo no contexto III, ou seja, modificando verbos, numa posição típica de “advérbios”:

(141) Uma reflexão: Joinville lê pouco porque trabalha muito? Ou trabalha muito porque lê pouco? Joinville não foge ao padrão nacional de leituras. Lê bastante e [[trabalha]<sub>v</sub> igual]<sub>v</sub>.

[<http://www.dohler.com.br/revistadohler11/principal.htm>]

Nos contextos I e VI, *igual* não pode ser relacionado com nenhum dos intensificadores, apesar da noção básica de comparação, e da similaridade sintática (participação em uma estrutura igualmente “comparativa”). Já nos contextos III e VII funciona como uma espécie de instância média entre *mais* e *menos* (142), ou, talvez, entre *muito* e *pouco* (143):

(142) Um não pode ter **mais** [nem **menos**] que o outro; tem que ter **igual**.

(143) Joinville não trabalha **muito** nem **pouco**; trabalha **igual**.

Nesses contextos, pode ser substituído por *tanto quanto*, sobretudo quando estabelece a oposição entre *mais* e *menos*:

(144) Um não pode ter **mais** [nem **menos**] que o outro; um tem que ter **tanto quanto** o outro

(145) Joinville não trabalha **muito** nem **pouco**; trabalha **tanto quanto**.

Como adjetivo, por outro lado, seu elemento contrastivo não é o par *mais* ou *menos*, nem nenhuma outra expressão que envolva algum tipo de referência a quantidade ou intensidade, mas o adjetivo *diferente* – e a comparação, nesses casos,

envolve antes identidade ou qualidade. Assim, (147) é um par simétrico melhor para (137) do que (146):

(146) O dom de amar é **mais** do que o dom de se doar.

(147) O dom de amar é **diferente** do dom de se doar.

O amor à simetria não pode levar a exageros. A função de *meio e igual* como pontos intermediários entre os extremos da escala não é perfeita, como foi visto, e além disso existem diversos meios de enunciar o meio-termo:

(148) A forma que usei tem 30 x 40 acho pertinente informar, pois cresceu numa altura **perfeita**, nem muito nem pouco.

[<http://www.tudogostoso.uol.com.br/comentarios.php?cod=2313>]

(149) A massa cremosa segue para a gamela (que parece uma canoa) de madeira, onde é virada e revirada para resfriar **um tanto**, nem pouco nem muito.

[[http://www.revistahost.com.br/publisher/preview.php?edicao=1104&id\\_mat=36](http://www.revistahost.com.br/publisher/preview.php?edicao=1104&id_mat=36)]

(150) Mostrar a realidade como romance é para ele questão de medida. Nem pouco, nem muito. A dose **exata**.

[<http://revistalingua.uol.com.br/textos.asp?codigo=11220>]

Mas a discussão dos meios-termos entre os intensificadores “extremos” não poderia estar completa sem que se apresentasse o intensificador composto *mais ou menos*:

(151) O abandono é um tema **mais ou menos** freqüente em sua obra, mas tem sempre como contrapartida a revolta, a luta.

[<http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/1439,1.shl>]

Ao contrário do que a sua composição poderia fazer crer, *mais ou menos* é um meio-termo entre *muito e pouco* (*não muito nem pouco freqüente*), muito embora em muitos contextos de ocorrência, a expressão seja sinônima de algo como “aproximadamente”, mais do que um intensificador:



- (152) eu não sei porque eu nunca mandei aplicar, entende? aqui a gente só vende aqui, né? sai aí, então daí é outra firma que faz, né? mas eu acredito que fique em torno de uns quinze, vinte mil **mais ou menos**.

[PRCTB03/ SLIN:0569]

Nesses contextos *mais ou menos* pode ser classificada junto com os advérbios chamados de “focalizadores”, em CSOA: *exatamente, aproximadamente* etc. A relação entre os intensificadores e os focalizadores será abordada adiante (cf. 2.1.8).

#### 2.1.4. Bem e mal

O par maniqueísta formado por *bem*<sup>20</sup> e sua contraparte, *mal*<sup>21</sup>, são os advérbios mais universalmente apontados como advérbios de “modo”. No entanto, também têm sido citados como advérbios de intensidade, e ambos têm ocorrências que podem ser classificadas nos dois grupos. Em seu uso “típico” de advérbio – modificando verbos ou sintagmas verbais, *bem* é predominantemente um advérbio de modo (153), já em seu uso de advérbio modificador de adjetivos (154), ou de outros advérbios (155), ele é melhor interpretado como um advérbio de intensidade, significando alguma coisa como “muito” ou “bastante” (154):

- (153) FreeBSD **[[trabalha]<sub>v</sub> bem]<sub>v</sub>** em muitos laptops, com algumas advertências.

[[http://doc.fug.com.br/doc/pt\\_BR.ISO8859-1/articles/laptop/](http://doc.fug.com.br/doc/pt_BR.ISO8859-1/articles/laptop/)]

---

<sup>20</sup> Melo (1968: 134-5), Cegalla (1985: 221).

<sup>21</sup> Vázquez e Luz (1970: 453), Cegalla (1985: 221).

(154) Ela está depressiva porque não há mais festas e pessoas circulando como antes, o que deixa você [**bem [triste]<sub>ADJ</sub>**]<sub>ADJ</sub>.

[[www.terra.com.br/esoterico/fengshui/colunas/2006/10/10/000.htm](http://www.terra.com.br/esoterico/fengshui/colunas/2006/10/10/000.htm)]

(155) Achei essa placa bem legal apesar de tudo, dificilmente meu pc trava ela é muito estabilizada, trabalha [**bem [rápido]<sub>ADV</sub>**]<sub>ADV</sub> com o processador Amd Athlon XP 2.400 que eu tenho !!

[<http://forum.clubedohardware.com.br/lofiversion/index.php/t195980.html>]

Com verbos estativos, *bem* parece manter uma leitura como advérbio intensificador:

(156) Conspiracies traz uma história emocionante cheia de desafios e enigmas muito bem desenvolvidos. Quem **sabe bem** inglês não terá dificuldades em jogá-lo, já que o jogo apresenta um nível mediano de dificuldade.

[<http://advgames.gamesbrasil.com.br/review%20Conspiracies.htm>]

Parece haver, ainda, outros elementos que selecionam uma leitura “de intensidade” para *bem* mesmo em verbos não-estativos, como o aspecto perfectivo e, talvez, peculiaridades semânticas do verbo:

(157) O Arona **estudou bem** o seu jogo, e a sua falha na luta contra Yoshida em demorar a repôr a guarda após dar um low-kick, e derrubou-o com um low-kick.

[<http://forum.portaldovt.com.br/forum/index.php?showtopic=32590>]

(158) Neste momento, o pescador se feriu com a faca e, largando o peixe, **lavou bem** as mãos e se dirigiu ao lado pegando umas folhas de uma planta e, **amassando bem**, pingou algumas gotas de seu sumo no ferimento.

[[http://www.oficinadeervas.com.br/repositorio/artigos\\_aprendiz.php?subaction=showfull&id=1149687734&archive=&start\\_from=&ucat=3&](http://www.oficinadeervas.com.br/repositorio/artigos_aprendiz.php?subaction=showfull&id=1149687734&archive=&start_from=&ucat=3&)]

- (159) Ou seja, se alguém tentar entrar com instruções HTML as instruções não serão executadas, mas exibidas, tirando a graça de qualquer hacker amador e demonstrando que você realmente **construiu bem** sua página.

[<http://www.bufaloinfo.com.br/dicas.asp?cod=45>]

Nas sentenças acima, as seqüências *estudou bem*, *amassando bem* e *lavou bem* parecem selecionar mais a leitura “de intensidade” do que a leitura “de qualidade” (muito embora *lavou bem* pareça selecionar as duas); já *construiu bem* parece selecionar apenas a leitura de qualidade.

*Bem* aparece em situações de ocorrência de adjetivos, como complemento de verbo cópula - (160) e (161) - ou como predicativo do sujeito - (162) e (163):

- (160) **Estou bem**, estou perfeito – disse o dr. Ambrósio com aquele tom decidido de quem está acostumado a dar ordens sem ser questionado, que era sua marca.

[[http://www.releituras.com/japmachado\\_beatriz.asp](http://www.releituras.com/japmachado_beatriz.asp)]

- (161) Eu gostei muito do comercial do disparada, você **ficou bem** lá.

[<http://www.gametv.com.br/blog.entrydetails.chain?blogEntry.id=35154>]

- (162) Rodrigo pergunta a Collor se ele esperava **chegar bem** eleitoralmente em tão pouco tempo de campanha.

[<http://jc.uol.com.br/blogs/eleicoes/videos.php>]

- (163) Aos 29min, Ono lançou na área turca, mas Rustu **saiu bem** e segurou a bola.

[<http://esporte.uol.com.br/copa/2002/ultimas/2002/06/18/ult883u6292.jhtm>]

Porém, ele não aparece na situação mais canônica dos adjetivos, modificando diretamente raiz nominal, nem com a cópula *ser*:

- (164) \*[Um [[rapaz]<sub>N</sub> bem]<sub>N</sub>]<sub>SN</sub> apareceu por aqui.

- (165) \*Eu gostei muito do comercial, você **é bem** lá.

Finalmente, em Neves (2000: 240) aparece uma terceira leitura de *bem*, como advérbio de verificação, em que se classifica junto com *exatamente* e *justamente*:

(166) O outro sabe que não é **bem** assim.

*Mal* ocorre menos com adjetivos, e tipicamente ocorre com adjetivos derivados de participípios, sendo raro, ou mesmo impossível, o seu uso com outro tipo de adjetivos ((169) e (170)), ou mesmo modificando advérbios ((171) e (172)). Aqui, ele tanto pode ser interpretado como um “advérbio de qualidade” (167), como um advérbio “de intensidade” (168), podendo ser interpretado como “muito pouco” ou “não o suficiente”:

(167) Mas um dia em que passeava ataviado com seu novo traje, se topou com um cavaleiro [**mal** [**vestido**]<sub>ADJ</sub>]<sub>ADJ</sub> que havia caído na pobreza; movido à compaixão ante aquele infortúnio, Francisco mudou seus ricos roupas pelos de cavaleiro pobre.

[<http://paginas.terra.com.br/religiao/oracoes/f1.html>]

(168) A diarréia é mais associada, na RMR, à comida [**mal** [**cozida**]<sub>ADJ</sub>]<sub>ADJ</sub>, à água contaminada e à comida gordurosa (5 ou mais anos de escolaridade); à comida [**mal** [**cozida**]<sub>ADJ</sub>]<sub>ADJ</sub>, à comida gordurosa e à quentura/calor (analfabetas e com 1 a 4 anos de escolaridade).

[[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0021-](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0021-75572001000600012&script=sci_arttext&tlng=en)

[75572001000600012&script=sci\\_arttext&tlng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0021-75572001000600012&script=sci_arttext&tlng=en)]

(169) ?Ele contou uma história [**mal** [**triste**]<sub>ADJ</sub>]<sub>ADJ</sub>.

(170) ?Este sabão deixa a roupa [**mal** [**branquinha**]<sub>ADJ</sub>]<sub>ADJ</sub>.

(171) ?Essa placa trabalha [**mal** [**rápido**]<sub>ADV</sub>]<sub>ADV</sub>.

(172) ?A casa dele fica [**mal** [**longe**]<sub>ADV</sub>]<sub>ADV</sub> da cidade.

### 2.1.5. *Tudo, todo, algo e nada*

*Todo*<sup>22</sup>, *algo*<sup>23</sup> e *nada*<sup>24</sup>, que costumam ser quase que universalmente listados no topo da lista dos pronomes indefinidos mais típicos, também têm sido citados, em algumas gramáticas, como advérbios de intensidade ou quantidade, quando modificadores de adjetivos (exemplos de Almeida, 1969: 135-6):

(173) Amália ficara **algo** triste com a carta recebida.

(174) Houve cenas **nada** agradáveis.

(175) O prédio foi **todo** destruído pelo fogo.

Essas expressões introduzem mais graus na escala de “intensificação” além dos denotados por *muito* e *pouco*. Assim, pode-se entender *todo* como o grau máximo da escala, muito acima de *muito* (assim *todo destruído* é mais destruído do que *muito destruído*). Simetricamente, *nada* funciona com o grau mínimo (igual a zero) da escala, muito abaixo de *pouco*. *Algo*, no entanto, da mesma forma que pode ser interpretado como uma espécie de “quantificação particular” sobre a intensificação denotada pelo adjetivo (algo como “[pelo menos] em um grau mínimo”), também pode ser interpretado como sinônimo de *pouco* ou *um pouco*, já que a denotação destas últimas expressões se situa, também, na zona do grau mínimo de intensificação:

(176) “Fomos rebocados e esperamos conseguir continuar na prova”, explicou, **algo** preocupado, Duarte Amaral.

[<http://www.cronospeed.com.br/modules/news/article.php?storyid=7425>]

(177) Achei que quanto mais simples melhor e segui o pensamento de que a tal criatura não teria mais do que uns olhos tipo amendoas e uma boca **algo** estranha de como um sapo...

[<http://www.cosmobrain.com.br/cosmoforum/viewtopic.php?t=254&start=12&sid=212125ffcd73d378f8e578d795091f22>]

---

<sup>22</sup> Pereira (1921: 151), Melo (1968: 134-5), Almeida (1969: 296), Cegalla (1985: 221).

<sup>23</sup> Sousa (1957: 157), Melo (1968: 134-5), Almeida (1969: 296).

<sup>24</sup> Melo (1968: 134-5), Vázquez e Luz (1970: 453).

Da mesma forma, *todo*, em alguns contextos, pode ser melhor interpretado como sinônimo de *muito*, pela “vizinhança” entre essas duas expressões na região do grau máximo da escala, como observa Pires (2002: 198):

(178) O menino tá *todo* triste.

(179) O centro está *todo* agitado.

Em outros contextos ((175), por exemplo), *todo* modificador de adjetivo parece conservar seu sentido mais conspícuo, indicando o grau mais elevado da predicação do adjetivo, e não apenas um grau *muito* alto. Quanto a *algo*, em contextos de modificação de adjetivo, a sua equivalência semântica com *pouco* poderia ser derivada de um significado básico do tipo “(pelo menos) em algum grau mínimo”.

Por outro lado, há alguns contextos em que essas expressões podem ser interpretadas como modificando o sentido dos verbos das sentenças em questão, ainda que sua inclusão no SN interno seja sugerida pela concordância:

(180) Depois de sete meses de um incêndio que **destruiu todo** o seu acervo, o NPTN retoma suas atividades contando com a doação de alguns equipamentos feita pela Rede Globo de Televisão.

[<http://www.usp.br/agenciausp/repgs/2002/pags/111.htm>]

(181) Uma nota oficial **destruiu toda** a esperança que eu tinha numa saída cordial e honesta para a colaboração que por lá mantive durante nove meses.

[<http://www.midiasemmascara.com.br/artigo.php?sid=255>]

A substituição de *todo* por expressões mais inequivocamente modificadoras de verbo, como *completamente*, *totalmente*, nos exemplos acima, demonstra melhor esse traço:

(182) Um incêndio destruiu totalmente o acervo da Rede Globo.

- (183) Uma nota oficial destruiu completamente a esperança em uma saída cordial e honesta.

Ao menos em alguns dialetos do português brasileiro falado, *todo* é relativamente raro em contextos como (180) e (181), sendo substituído por *tudo*, que é invariável. Nesses dialetos, nos casos acima, teríamos algo como *destruiu tudo o acervo* ou *destruiu tudo a esperança*, conforme pode ser observado abaixo:

- (184) mas era como eu falei, umas brincadeiras **tudo** sadias, umas brincadeiras assim.

[PRCTB04/SLIN:0071]

- (185) amassou | **tudo** | a lataria.

[PRCTB04/ SLIN:1275]

- (186) e fazendo janta, as crianças **tudo** sentadinho ali, né?

[PRCTB08 SLIN:0518]

A ausência de concordância em *tudo*, nesses casos, reforça a possibilidade de interpretá-lo como advérbio e não como parte integrante do SN, ainda que se possa especular se a posição de *todo/tudo* como Pré-Determinante (no sentido de Perini, 1998: ) não enfraquece, nesses casos, o alcance da concordância nos referidos dialetos. Outras expressões que aparecem na posição de pré-determinante não recebem concordância, mesmo no português padrão:

- (187) Moderador apresenta a mensagem enviada por Minnie: eu gostaria de saber se **mesmo a menina** tomando pilula e usando preservativo, tem alguma chance de engravidar?

[<http://videochat.globo.com/GVC/arquivo/0,,GO6777-3362,00.html>]

Ainda assim, há alguns casos de uso de *tudo*, no português falado do Brasil para os quais a inclusão no SN parece mais difícil de ser pensada, ao menos no nível sintático:

- (188) ele é que | eles você fazem um palito pra dolé, esses pauzinhos pra dolé, umas colherzinhas que tem, então ele vem **tudo** já beneficiado.  
[PRCTB01/ SLIN:0658]
- (189) era umas músicas assim, vamos supor, [é]- **tudo** americana, né?  
[PRCTB01/SLIN:0867]
- (190) começaram a chorar, **tudo**, e daí a gente tinha que trabalhar [é]- [é]- assim em escritório [<nu->]- negócio de peças [de]- [de]- peças, acessórios [de]- [de]- de ferro#velho, trator e coisarada.  
[PRCTB04/SLIN:0610]
- (191) é, depois foi lá, fui fazer a carteira, **tudo**.  
[PRCTB04/SLIN:1189]

Em vigorando a tese de que os usos adverbiais devem ser atribuídos a advérbios, que são itens diferentes dos especificadores, como aparece em CSOA, mesmo com os usos padrões de *todo*, *nada* e *algo* como modificadores de adjetivos teríamos mais três itens na classe dos advérbios intensificadores. Apesar de esses termos não aparecerem em todos os contextos em que *mais*, *menos*, *muito* e *pouco* aparecem, temos praticamente as mesmas razões para citá-los como intensificadores.

### 2.1.6. Os muitos *muito*

Uma série de expressões têm sido citadas na literatura como advérbios de intensidade ou quantidade, e podem ter seu significado interpretado como (ou ao menos relacionado com) o mesmo de *muito* (ou *demais*, ou *bastante*). Entre as mais citadas estão *assaz*<sup>25</sup> – que é mais citado na bibliografia do que *demais* e *bastante* – *sobremaneira*<sup>26</sup>, *sobremodo*<sup>27</sup> e *demasiado*<sup>28</sup>, que ocorrem predominantemente nos contextos adverbiais, ou seja: II ((190) e (192)), III (191) e V ((193) e (194)):

<sup>25</sup> Barboza (1830: 339), Silva Jr. e Andrade (1907: 157), Gomes (1910: 58), Pereira (1921: 151), Sousa (1957: 157), Melo (1968: 134-5), Almeida (1969: 296), Vázquez e Luz (1970: 453), Cegalla (1985: 221).

<sup>26</sup> Melo (1968: 134-5), Almeida (1969: 296).

<sup>27</sup> Para ambos: Pereira (1921: 151), Melo (1968: 134-5), Almeida (1969: 296).

<sup>28</sup> Cegalla (1985: 221).



- (190) Como uma música escrita especificamente para ser um hino gay [*Go West*, do Village People] virou um hino futebolístico é **[assaz [curioso]<sub>ADJ</sub>]<sub>ADJ</sub>**. Ou **[assaz [óbvio]<sub>ADJ</sub>]<sub>ADJ</sub>**, sei lá.  
[\[http://oglobo.globo.com/blogs/ximenes/default.asp?a=10&periodo=200607\]](http://oglobo.globo.com/blogs/ximenes/default.asp?a=10&periodo=200607)
- (191) Tendo ficado Cego desde a idade de um ano e oito meses em razão de um acidente clínico, sou da opinião de que a sociedade brasileira ainda mantém enormes preconceitos em relação aos portadores desta deficiência, o que **[[dificulta]<sub>v</sub> sobremaneira]<sub>v</sub>** o exercício de nossa cidadania.  
[\[http://intervox.nce.ufrj.br/dosvox/usuarios/feitosa.html\]](http://intervox.nce.ufrj.br/dosvox/usuarios/feitosa.html)
- (192) Em visita recente a um pastor amigo, na cidade de Marataízes-ES, em data anterior à história desse menino, enquanto conversávamos reservadamente em uma das dependências da igreja, o colega nos relatou que uma irmã da sua igreja estava internada em estado gravíssimo, e **[sobremodo [avançado]<sub>ADJ</sub>]<sub>ADJ</sub>**, de leucemia, já sem nenhuma esperança humana de salvamento...  
[\[http://blog.imoemolaria.com.br/2006/09/29/foi-o-anjo-do-senhor/\]](http://blog.imoemolaria.com.br/2006/09/29/foi-o-anjo-do-senhor/)
- (193) Diante desta constatação, qualquer pretensão conta com apenas dois caminhos de igual possibilidade: o poder igualitário do átomo, **[demasiado [longe]<sub>ADV</sub>]<sub>ADV</sub>** para os países pobres, ou o recurso à guerra assimétrica: a guerrilha e o terrorismo.  
[\[http://www.cienciapolitica.org.br/encontro/relint6.2.doc\]](http://www.cienciapolitica.org.br/encontro/relint6.2.doc)
- (194) Já que a Igreja não pode dispensar subsídios financeiros para realizar sua obra evangelizadora, as espórtulas atendem (**[assaz [modestamente]<sub>ADV</sub>]<sub>ADV</sub>**, aliás) a tal necessidade.  
[\[http://www.petcanabrava.hpg.ig.com.br/pastor13.html\]](http://www.petcanabrava.hpg.ig.com.br/pastor13.html)

*Demasiado*, além disso, pode ocorrer no contexto I, ao contrário das demais:

- (195) No passado, algumas pessoas acreditavam que não se poderiam ingerir **[demasiadas [proteínas]<sub>N</sub>]<sub>SN</sub>**.

[<http://www.clubeamigosdosanimais.com.br/vegetarianismo.htm>]

De ocorrência mais rara é *que*<sup>29</sup> (ou *que!*), significando *quanto* (o exemplo é de Sousa, 1957: 53):

(196) O **que** eu gostava de ser também um dia ator dramático.

A essas expressões pode-se adicionar *certo* e os *pluralia tanta* de Castilho - *diversos, vários, inúmeros, incontáveis* etc., que ocorrem apenas no contexto I de modificação, e são amiúde citados como adjetivos ou pronomes indefinidos:

(197) Ocorrendo empate na última colocação de **[certo [curso]<sub>N</sub>]<sub>SN</sub>**, serão corrigidas as provas de todos os candidatos nessa condição.

[[www.comperve.ufrn.br/conteudo/psanteriores/ps2002/documentos/EditalPS2002.pdf](http://www.comperve.ufrn.br/conteudo/psanteriores/ps2002/documentos/EditalPS2002.pdf)]

(198) A situação é contraditória. Justamente no momento em que a Revista possui sua melhor avaliação em **[diversos [Qualis]<sub>N</sub>]<sub>SN</sub>** de diferentes disciplinas, quando **[inúmeras [pessoas]<sub>N</sub>]<sub>SN</sub>** confiam à Revista seus artigos e quando a equipe se expande, incorporando novas colaboradoras, e mais, quando a Revista muda sua periodicidade, passando a ser uma publicação quadrimestral, parte do trabalho tem que ser destinado a buscar formas de sobrevivência do periódico que, evidentemente, não pode manter-se sem aportes públicos.

[[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2005000100001&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2005000100001&script=sci_arttext)]

(199) Esta nem é muito a praia deste blog, mas como no post de processadores **[vários [amigos]<sub>N</sub>]<sub>SN</sub>** citaram as vantagens da arquitetura 64 bits, resolvi dar aqui esta informação, que na verdade nem é tão nova.

[<http://oglobo.globo.com/blogs/login/default.asp?a=75&periodo=200606>]

---

<sup>29</sup> Sousa (1957: 157), Pereira (1921: 151), Melo (1968: 134-5), Almeida (1969: 296), Cegalla (1985: 221).

A esses “dublês” de  *muito* pode-se adicionar uma série de locuções adverbiais de significado equivalente ou semelhante, além das já citadas em CSOA (*pra burro/chuchu, de doer e pacas*), que se distribuem por praticamente todos os contextos de ocorrência dos quantificadores (exceto IV e VI):

- (200) Foi a própria velhinha, **[um pouco [irritada]<sub>ADJ</sub>]<sub>ADJ</sub>** com as constantes interrupções do seu tricô e do seu programa na TV, quem atendeu.  
[[http://portalliteral.terra.com.br/verissimo/biobiblio/ostipos/velhinha/velhinha\\_cronica.shtml?biobiblio2](http://portalliteral.terra.com.br/verissimo/biobiblio/ostipos/velhinha/velhinha_cronica.shtml?biobiblio2)]
- (201) Há um percurso, um caminho, ele precisa aprender **[uma porção de [coisas]<sub>N</sub>]<sub>SN</sub>** para se tornar rei.  
[<http://www.usp.br/espacoaberto/arquivo/2004/espaco50dez/0capa.htm>]
- (202) A Via-Láctea tem **[[estrelas]<sub>N</sub> pra caralho]<sub>SN</sub>**, o Sol é **[[quente]<sub>ADJ</sub> pra caralho]<sub>ADJ</sub>**, o universo é **[[antigo]<sub>ADJ</sub> pra caralho]<sub>ADJ</sub>**, eu **[[gosto de cerveja]<sub>SV</sub> pra caralho]<sub>SV</sub>**, entende?  
[[www.felizpracaralho.hpg.ig.com.br/home.htm](http://www.felizpracaralho.hpg.ig.com.br/home.htm)]
- (203) Queria apreciar a Rua Forte de São Pedro, as Mercês, a Igreja das Mercês, a Avenida Sete, quão diferentes, lojas e mais lojas de eletrodomésticos; a parte térrea dos casarões, desfigurada, camelôs e mais camelôs, **[[comerciantes]<sub>N</sub> a dar com um pau]<sub>SN</sub>**, Vixe Maria Mãe de Deus!  
[<http://www.cronopios.com.br/site/prosa.asp?id=1975>]
- (204) Peguei o trem de volta + um ônibus (é **[[longe]<sub>ADV</sub> pra caramba]<sub>ADV</sub>** o lugar) e cheguei morta em casa.  
[[http://www.andandonasnuvens.weblogger.terra.com.br/200506\\_andandonasnuvens\\_arquivo.htm](http://www.andandonasnuvens.weblogger.terra.com.br/200506_andandonasnuvens_arquivo.htm)]
- (205) Sou absolutamente contra a realização da Copa, dê uma olhada no Pan, lembra-se do Nuzman dizendo que os recursos seriam oriundos da iniciativa privada, balela, a prefeitura do Rio já **[gastou [um monte]<sub>SN</sub>]<sub>SV</sub>**, assim como o Estado e a União.  
[[http://www.lancenet.com.br/blogs\\_colunistas/pvc/comentarios.asp?idpost=1405](http://www.lancenet.com.br/blogs_colunistas/pvc/comentarios.asp?idpost=1405)]

Um levantamento mais completo pode listar ainda mais expressões – tanto itens lexicais isolados como, sobretudo, locuções idiomáticas – que podem ser interpretadas como intensificadores. Trata-se, muito provavelmente, de uma classe aberta, e uma análise dela pressuporia, mais do que uma simples listagem de termos e locuções, uma descrição dos mecanismos de construção desse tipo de expressão.

### 2.1.7. Advérbios de intensidade em *-mente*

Também são citados ocasionalmente como advérbios de intensidade, na literatura, alguns advérbios em *-mente* como *excessivamente*<sup>30</sup> e *abundantemente*<sup>31</sup>, este último também citado em CSOA. Cegalla (1985: 221) cita um punhado deles: *completamente, excessivamente, profundamente, demasiadamente, ligeiramente, levemente*. A lista pode ser ainda mais aumentada:

- (206) "Estamos **extremamente** preocupados com a deterioração em termos de segurança em Darfur e a falta de uma política clara para a chegada de tropas de paz da ONU", disse ele, em Nova York.  
[[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/story/2006/08/060819\\_sudandarfurrc.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/story/2006/08/060819_sudandarfurrc.shtml)]
- (207) Israel deve sair **totalmente** do Líbano em dias, diz parlamentar.  
[<http://noticias.terra.com.br/mundo/interna/0,,OI1146305-EI308,00.html>]
- (208) O juiz substituto da 2ª vara federal de Mato Grosso, Marcos Alves Tavares, considerou "**completamente** desnecessária" a prisão temporária de Freud Godoy, já que ele compareceu espontaneamente à Polícia Federal (PF) de São Paulo.  
[<http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2006/09/20/materia.2006-09-20.3771864871/view>]
- (209) O impacto da ação antrópica tem modificado **grandemente** o equilíbrio ecológico das dunas costeiras da APA Lagoas e Dunas do Abaeté no município de Salvador.

<sup>30</sup> Melo (1968: 134-5), Cegalla (1985: 221).

<sup>31</sup> Silva Jr. e Andrade (1907: 157).

[<http://www.adaltech.com.br/evento/museugoeldi/resumoshtm/resumos/R1205-1.htm>]

- (210) A tentativa de implantação da cultura européia em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas, **largamente** estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em conseqüências.

[[http://72.14.209.104/search?q=cache:k3mL2RX8dr4J:200.19.73.201/exameselecao/gabarito/prova\\_ver\\_2006.pdf+largamente&hl=pt-BR&gl=br&ct=clnk&cd=13](http://72.14.209.104/search?q=cache:k3mL2RX8dr4J:200.19.73.201/exameselecao/gabarito/prova_ver_2006.pdf+largamente&hl=pt-BR&gl=br&ct=clnk&cd=13)]

Quanto à significação, *extremamente*, *excessivamente*, *largamente* etc. correspondem ao significado (ou à região da escala) de *muito*; *ligeiramente*, *levemente* etc. ao de *pouco*; por fim, *totalmente*, *completamente*, *inteiramente* etc. correspondem às funções de *todo* como modificador de adjetivos.

Esses advérbios aparecem modificando verbos ou, mais tipicamente, adjetivos. Alguns deles, inclusive, não aparecem modificando verbos:

- (211) \*João trabalha **extremamente**.

- (212) ?João trabalha **ligeiramente**.

A distribuição de alguns desses advérbios parece estar relacionada com componentes do significado do verbo ou do SV, como a classe aspectual, por exemplo. É o caso de *inteiramente*, *completamente*. Eles ocorrem em construções de *accomplishment* e *achievement*, como (213) e (214), bem como com verbos estativos (215), mas não em construções de atividade (*cf.* (216) e (217)):

- (213) A construção foi dada como acabada em 1938, mas só terminou **completamente** na década de 1950.

[[http://www.aprenda450anos.com.br/450anos/vila\\_metropole/2-1\\_convento\\_igreja\\_saofrancisco.asp](http://www.aprenda450anos.com.br/450anos/vila_metropole/2-1_convento_igreja_saofrancisco.asp)]

- (214) No Cidade Nova, a prefeitura construiu **totalmente** a nova unidade.

[<http://www2.fozdoiguacu.pr.gov.br/Portal/Noticias/wfrmNoticia.aspx?IdNoticia=23214>]

(215) Cadê você que me ama **totalmente**, incondicionalmente, exatamente do jeito que eu sou, exatamente do jeito que eu quero?

[[http://www.vivatranquilo.com.br/vida/colaboradores/alexandre\\_perlingeiro/textos/textos\\_abril/mat8.htm](http://www.vivatranquilo.com.br/vida/colaboradores/alexandre_perlingeiro/textos/textos_abril/mat8.htm)]

(216) \*João trabalhou **completamente**.

(217) \*João correu **inteiramente**.

A ocorrência em construções de *accomplishment* e *achievement*, mas não em verbos de atividade, se dá porque esses advérbios expressam o atingimento do ponto final do evento (*endpoint*), o que não é possível em construções de atividade.

A lista apresentada aqui talvez nem sequer represente uma quantidade razoável desses advérbios; devem existir muitos mais. Provavelmente o que se tem é uma classe aberta de advérbios formados a partir de adjetivos “de medida”.

### 2.1.8 Quase, apenas, só, mesmo, sequer etc.

Completam o quadro das expressões citadas como advérbios de intensidade na gramáticas consultadas, um conjunto bastante heterogêneo, formado por *quase*<sup>32</sup>, *apenas*<sup>33</sup> e, mais raramente, *só*<sup>34</sup>, *mesmo*<sup>35</sup> e *sequer*<sup>36</sup>. Apenas em CSOA, e assim mesmo só para *quase* (*quase nem aparece*), é que aparece uma pista do tipo de construção em que essas expressões funcionariam como advérbios de intensidade. As gramáticas escolares se limitam a enumerá-los junto aos demais, restando a quem quer que pretenda fazer essa verificação apenas agir por conta própria e torcer para que os resultados obtidos correspondam ao que pensaram os antigos gramáticos.

A relação entre o significado dessas expressões e o dos intensificadores não se dá do mesmo jeito para todas elas. Das expressões citadas, *quase*, *só* e *apenas* mantêm relações semelhantes com os intensificadores:

<sup>32</sup> Barboza (1830: 339), Pereira (1921: 151), Sousa (1957: 157), Melo (1968: 134-5), Almeida (1969: 296), Vázquez e Luz (1970: 453), Cegalla (1985: 221).

<sup>33</sup> Barboza (1830: 339), Silva Jr. e Andrade (1907: 157), Sousa (1957: 157), Vázquez e Luz (1970: 453), Cegalla (1985: 221).

<sup>34</sup> Sousa (1957: 157).

<sup>35</sup> Vázquez e Luz (1970: 453).

<sup>36</sup> Para os dois últimos, Barboza (1830: 339).

(218) Li **apenas** este volume da série de quatro livros e fiquei impressionado principalmente com os pequenos detalhes culturais que transparecem, de forma sincera e inocente, sob o ponto de vista de uma criança iraniana.

[[http://www.submarino.com.br/books\\_productdetails.asp?Query=ProductPage&ProductId=1&ProdId=264992&franq=147678#synopsys](http://www.submarino.com.br/books_productdetails.asp?Query=ProductPage&ProductId=1&ProdId=264992&franq=147678#synopsys)]

(219) Destes que o Flamengo contratou, **só** conheço o Claiton, que atuou no Japão, e o Juninho Paulista", criticou.

[<http://www.tribunadobrasil.com.br/?ned=1885&ntc=33206&sc=5>]

Semelhante ao que ocorre com *quase*, no trecho citado em CSOA, as sentenças acima podem ser entendidas como implicando algum tipo de afirmação contendo o quantificador *pouco*. Assim, se ele quase não aparece, eu posso dizer que ele aparece pouco, e assim por diante: se eu li apenas um volume de uma série de quatro, eu li poucos volumes; se eu só conheço um jogador dos que o Flamengo contratou, eu conheço poucos.

Mas essa associação com *poucos* não é necessária; pode até acontecer o oposto: eu poderia dizer que dos quatro volumes de *Persépolis* só li, ou apenas li, os três primeiros. Daí, embora seja inexato eu dizer que *quase* não li *Persépolis*, por outro lado eu tanto posso dizer que li *pouco* da obra de Marjane Satrapi, quanto que li *muito* de *Persépolis*. Mas a melhor implicação será que não li *toda* a série (ou que *quase* li *toda* a série). Em todo caso, nenhuma dessas implicações se dá exclusivamente pela significação de *quase*, *só* ou *apenas*, mas principalmente pelas quantidades e/ou proporções sobre o todo indicadas pelos numerais envolvidos.

De qualquer forma, o significado dessas expressões não é exatamente da mesma natureza que a do significado dos quantificadores. Embora as relações que eles estabelecem possam ser resolvidos em termos de uma relação parte/todo, eles parecem focalizar muito mais a exclusão/inclusão<sup>37</sup>, ou antes, o grau de inclusão/exclusão de argumentos em seus predicados.

---

<sup>37</sup> A denominação de advérbios (não-predicativos) de inclusão/exclusão, para essas expressões, consta em CSOA (*cf.* p. 93-4 e 109-13)

Também são expressões que operam sobre inclusão/exclusão os acima citados *sequer* e *mesmo*:

(220) Muitos deles não falam português fluentemente e outros **sequer** aprenderam a língua, devido à distância de suas aldeias dos centros urbanos.

[[http://ext02.tst.gov.br/pls/no01/no\\_noticias.Exibe\\_Noticia?p\\_cod\\_noticia=4060&p\\_cod\\_area\\_noticia=ASCS](http://ext02.tst.gov.br/pls/no01/no_noticias.Exibe_Noticia?p_cod_noticia=4060&p_cod_area_noticia=ASCS)]

(221) A pecuária, a mineração, a produção artesanal e **mesmo** o comércio eram atividades que existiam, de forma secundária.

[<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=295>]

É de uma maneira mais fraca que se pode entender que *sequer aprenderam* implica que eles *não aprenderam nada*; seria mais fácil, antes de associar *sequer* com o significado de *nada* via expressão de intensidade/quantidade, associá-lo como expressão também negativa. *Mesmo*, em (221), pode ser substituído por *mais*, preservando senão o mesmo significado, pelo menos o componente básico do significado:

(222) A pecuária, a mineração, a produção artesanal **mais** o comércio eram atividades que existiam, de forma secundária.

Mas isso, antes de situar *mesmo* entre os intensificadores, serve para apontar o fato de que *mais*, e *menos*, funcionam como expressões de inclusão/exclusão, em alguns de seus contextos de ocorrência:



- (223) Após o dia do lançamento, cada livro continua custando R\$ 11,50 **mais** o preço do jornal.  
[<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u49374.shtml>]
- (224) Comente tudo no fórum Oops!, **menos** o beijo gay que não teve, por favor.  
[<http://www1.folha.uol.com.br/folha/colunas/oops/ult340u1056.shtml>]
- (225) Enquanto aguarda os reforços prometidos pela diretoria, o técnico do Palmeiras, Caio Júnior, já faz planos para 2007 e afirma que o grupo precisa conquistar **pelo menos** um título para satisfazer os torcedores.  
[<http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u111146.shtml>]

*mais* e *menos*, nas situações em que aparecem como operadores de inclusão/exclusão, ocupam a posição sintática típica dessas expressões, que é o que Perini chama de pré-determinante. Eles são o que se poderia denominar de “modificadores endocêntricos de SN”, operadores do tipo X/X, que tomam um SN como argumento e dão uma expressão com valor de SN:

- (226) [menos [o beijo gay que não teve]<sub>SN</sub>]<sub>SN</sub>

Ao que parece, em todos esses casos, a relação entre os intensificadores e os operadores de inclusão/exclusão se faz numa esfera maior que é a da expressão da quantidade e das relações entre quantidades. Porém, não há razão maior para incluir essas expressões na conjunto das expressões que podem funcionar como intensificadores, porque claramente não é o caso. A caracterização dessas expressões nas gramáticas mais antigas se faz talvez tanto pelo parentesco acima aludido quanto por não haver uma classe para elas (e talvez por uma resistência dos gramáticos em detalhar mais a classificação dos advérbios).

## 2.2. Circunscrição e Delimitação do Campo da Quantificação

O levantamento das expressões que podem ser caracterizadas como intensificadores, feito em 2.1, mostrou um conjunto bem maior do que o inicialmente suspeitado em CSOA. A atribuição da denominação de intensificador se mostra, porém, como era previsto naquela obra, impossível de se fazer de maneira categórica, sendo melhor se falar, antes, em uma caracterização feita em “graus” diferentes – o que corresponde tanto faixas de nitidez variável, de que se fala em CSOA.

Entretanto, para a delimitação tanto do núcleo nítido quanto das faixas, seria importante apresentarem-se critérios bem definidos e explícitos, o que não se encontra em CSOA. Entender, por outro lado, quais são os critérios implícitos que levaram os autores do referido texto a uma tal caracterização talvez não seja totalmente possível, mas podemos entrever duas propriedades que, se não correspondem totalmente a esses critérios, podem ser entendidas como critérios bastante relevantes para tal caracterização. Essas propriedades podem ser expressas da seguinte maneira:

### **Condição A:**

Uma expressão é um intensificador quando em pelo menos uma de suas ocorrências ela expressa intensidade/quantidade.

### **Condição B:**

A expressão é um intensificador típico quando ocorre em todos os contextos de I-VII.

### **Condição C:**

A expressão é um intensificador típico quando todas as suas ocorrências expressam intensidade/quantidade.

Assim, o núcleo nítido seria formado pelas expressões que atenderiam às condições A e B; as faixas com grau variável de nitidez seriam formadas pelas

expressões que atenderiam apenas parcialmente a essas condições. A aplicação, porém, das condições acima como necessárias teria como resultado que talvez nem os intensificadores tidos como essenciais poderiam ser assim caracterizados, já que *muito* e *pouco* não aparecem no contexto IV, falhando na Condição A; ainda que se fixasse a ocorrência nesse contexto como privativa de *mais* e *menos*, salvando *muito* e *pouco*, ainda sobraria a dificuldade de que *mais* e *menos*, em contextos de ocorrência como os de (184) a (186) são operadores de inclusão/exclusão, o que é ainda mais grave, dado que, das duas propriedades expressas acima, a Condição B é mais relevante porque é a que caracteriza os intensificadores como tal. Por outro lado, há uma série de expressões que expressam quantidade/intensidade em todas as suas ocorrências, mas que não ocorrem em todos os contextos de I-VII, como é o caso de *tudo*, *todo*, *nada*, *algo* e dos advérbios terminados em *-mente* citados em 2.1.7.

Essa dificuldade poderia ser contornada por uma reformulação das condições como abaixo:

**Condição A (suficiente):**

Uma expressão é um intensificador quando em pelo menos uma de suas ocorrências ela expressa intensidade/quantidade.

**Condição B (suficiente):**

Um intensificador é um intensificador típico quando ocorre em pelo menos um dos contextos de I-VII e atende à condição C, de outra forma ele é um intensificador não-típico.

**Condição C (necessária):**

Um intensificador é um intensificador típico quando suas ocorrências nos contextos I-VII expressam intensidade/quantidade.

Essa formulação teria a virtude de contornar não só a dificuldade representada por *mais* e *menos* ocorrerem como operadores de inclusão/exclusão, mas também a representada por *muito* e *pouco* de não aparecerem em contexto de modificação de numerais. *Muito* e *pouco* ficam desobrigados de aparecerem em todos

os contextos – basta-lhes poderem ser classificados como intensificadores em todos os contextos que aparecem. E, como se viu em 2.1.8, *mais* e *menos*, nas situações em que aparecem como operadores de inclusão/exclusão, ocupam a posição sintática típica dessas expressões, que é o que Perini (1998) chama de pré-determinante. Ora, esse contexto de ocorrência não consta dos contextos listados em I-VII, de maneira que a reformulação da Condição B implica a caracterização de *mais* e *menos* como intensificadores.

A aplicação das condições de A a C, acima, teria como imediata consequência a delimitação de duas classes bem definidas: os quantificadores típicos e os não-típicos. Os quantificadores típicos compreenderiam, além do núcleo nítido identificado em CSOA, formado por *mais*, *menos*, *muito* e *pouco*, as seguintes expressões:

a) *demais* e *bastante*, que parecem ter todas as propriedades que se exige de um intensificador: ocorrem em todos os contextos de I-VII, menos no contexto IV – como era de se esperar de uma expressão da mesma família do *muito*; e em todos esses contextos mantêm um significado que ou é o mesmo de *muito*, ou representa nuances do significado dessa expressão. Mesmo o fato de haver contextos de ocorrência diferentes dos sete contextos acima referidos (*cf.* as ocorrências de *os demais* e *o bastante*, em (71) e (72), respectivamente) não constitui dificuldade, pois mesmo nesses contextos, como se viu, pode-se entendê-los como expressando algum tipo de quantificação/intensificação.

b) *tão/tanto* e *quanto*, têm todas as características exigidas para serem caracterizados como intensificadores: aparecem em todos os contextos de I-VII, exceto no contexto IV, que é privativo de *mais* e *menos*, e expressam, em alguns contextos, um significado do mesmo tipo do de *muito*, enquanto em outros contextos constroem a estrutura comparativa *tanto... quanto...* que forma o tripé superioridade-igualdade-inferioridade com *muito* e *menos*, preenchendo os requisitos da Condição B, exposta acima.

c) *todo*, *tudo*, *algo* e *nada* têm, igualmente, características suficientes para serem caracterizados como intensificadores em pé de igualdade com os demais. Apesar de não ocorrerem em todos os contextos de I-VII, expressam significados da mesma

natureza do significado de *muito* e *pouco*, podendo funcionar como sinônimos dessas expressões (*todo* e *algo*, em alguns contextos), ou podendo expressar outros graus na escala em que *muito* e *pouco* se inserem (o grau “zero”, com *nada*, o grau mínimo com *algo* e o grau máximo com *todo* e *tudo*).

d) *assaz*, *demasiado*, *sobremodo*, *sobremaneira* etc. também satisfaz integralmente as condições.

e) os advérbios terminados em *-mente* formados a partir de adjetivos de medida, muito, embora só ocorram em contextos mais tradicionalmente associados com os advérbios – modificação de adjetivos e verbos

O conjunto dos intensificadores não-típicos seria formado tão-somente por *igual*, *meio*, *bem* e *mal* que não satisfazem do mesmo modo as exigências expressas pela condição C. *Igual* aparece nos contextos I (como adjetivo na periferia direita do SN), II, III VI e VII, mas apenas nos contextos III e VII expressa intensidade/quantidade. Nos demais contextos expressa uma relação de identidade referente à qualidade. *Meio*, muito embora seja, em todos os contextos, uma expressão de intensidade/quantidade, e dessa forma satisfaz às condições tal como elas foram expostas, no contexto I expressa uma quantidade definida, do tipo da expressa pelos numerais e artigos definidos. Finalmente, *bem* e *mal* figuram nos contextos II e V como expressões de intensidade/quantidade, mas no contexto III podem aparecer tanto expressando maneira como expressando intensidade/quantidade.

Desses três casos, *meio* pode ser considerado um intensificador, por ser uma expressão de quantidade/intensidade em todos os seus contextos de ocorrência, enquanto *igual*, *bem* e *mal* são adjetivos e advérbios que podem figurar como intensificadores em alguns de seus contextos de ocorrência. Por outro lado, no fim das contas, se tivermos que caracterizar expressões que ocorrem no contexto I e que expressam quantidade/intensidade, toda a classe dos quantificadores tal como definida em Castilho (1993) será integrada à classe dos intensificadores. Não há maneira segura de excluir as outras expressões e incluir apenas *muito* e *pouco*. O critério de ocorrer em outros contextos definiria não se um intensificador não é típico, mas se ele possui um escopo mais ou menos amplo no que diz respeito às

instâncias sintáticas em que pode ocorrer. A “faixa sem nitidez” se revelou bastante estreita, no fim das contas, e bastante nítida.

O grupo de intensificadores típicos desenhado da maneira sugerida acima, se é relativamente homogêneo em suas propriedades semânticas, por outro lado, é bastante heterogêneo, tanto em suas propriedades sintáticas, quanto em suas propriedades mórficas. Por essas propriedades, podemos identificar dois grupos razoavelmente nítidos:

A) um grupo de quantificadores estritamente “adverbiais”, formado pelos terminados em *-mente*, como *totalmente, absolutamente, estritamente, largamente* etc.; eles não apresentam o menor traço de flexão, e aparecem apenas nos contextos II, III, IV e V, claramente associados a advérbios;

B) um grupo de quantificadores estritamente “adjetival”, formado por expressões como *algum, nenhum, diversos, vários, certos, inúmeros, outros*, e talvez mais um ou outro; eles apresentam flexão quase completa (a despeito de alguns só aparecerem, no contexto I, na sua forma plural) e ocorrem apenas em contextos de modificação nominal (I e VI).

Ao lado desses dois grupos, pode se encontrar um campo misto, formado expressões que possuem propriedades mórficas do grupo A ou do grupo B, mas que ocorrem tanto em contextos de modificação nominal quanto adverbial. Esse grupo pode ser dividido em dois, conforme o tipo de propriedade mórfica que apresenta: há os que, embora apareçam em contextos em que a flexão pode ser exigida, são invariáveis, compartilhando assim das propriedades mórficas do grupo A: *mais, menos, demais, bastante, bem, mal*; há os que se apresentam flexionados nos contextos nominais, embora apareçam também em outros contextos, quando a flexão, por não ser exigida, não aparece: *muito, pouco, todo*. Integram ainda esse campo algumas expressões que a) aparecem em contextos estritamente nominais, mas não apresentam flexão (*alguém, ninguém*); e *tudo, nada, algo*.

A classificação acima apresentada revela propriedades importantes das expressões a que se aplica, que acredito devam ser levadas em consideração para a

distribuição dessas expressões em classes de palavras, sobretudo no que diz respeito às subclassificações. Mas não ousou afirmar que essa classificação seja entendida como uma classificação de palavras no seu sentido tradicional, basicamente porque isso exigiria uma definição do que seriam as propriedades definidoras das classes de palavras, o que me parece ser um assunto bem longe de ser resolvido. De qualquer forma, empreender uma tentativa de resposta a essa questão transcenderia não só aos objetivos desta tese como levaria suas dimensões muito além de seus limites de exequibilidade.

Partindo do pressuposto de que classes de palavras deveriam possuir propriedades mórficas e sintáticas bastante – ou ao menos razoavelmente – definidas, o conjunto de palavras caracterizado ao longo desta seção como intensificadores – típicos ou não – é por demais heterogêneo para ser considerado uma classe. Antes, o que parece é que a expressão da intensidade/quantidade é um campo onde atuam predicadores provenientes de diversas classes diferentes. Esse campo de atuação possuiria instâncias diferentes de atuação, aqui representadas pelos contextos de I-VII.

Assim, poderíamos desenhar uma grande classe dos modificadores nominais, composta pela classe dos adjetivos, por um lado, e pela classe dos “especificadores”, por outro lado. As diferenças entre as duas classes dizem respeito à possibilidade de aparecerem em posições diferentes dentro do SN. À essa grande classe se associam, além da propriedade sintática básica de aparecerem como modificadores/especificadores no âmbito do SN (e, ao menos em alguns casos a propriedade de aparecerem como complementos de verbo cópula (contexto VI)), a propriedade mórfica de conterem morfologia flexional do tipo nominal ([±feminino], [±plural]). Alguns desses “modificadores” nominais parecem ter se estendido para instâncias de modificação além do SN, no campo da chamada modificação nominal, e essa extensão parece ter se efetuado em graus e em direções diferentes para cada modificador: *todo* aparece apenas como modificador de adjetivos; *igual* não aparece como modificador de adjetivos, mas aparece como modificador de verbos, *muito* e *pouco* aparecem em quase todos os âmbitos de modificação, nominais ou adverbiais.

Parece que dentro mesmo da classe dos adjetivos se encontram outros exemplos de extensão para o âmbito de modificação adverbial. Muitos adjetivos aparecem como advérbio, mas isso não pode ser entendido como sistemático para a classe:

(227) As pessoas nunca reconhecem seu trabalho, você **trabalha certo** sempre, um dia que você faz algo errado, você simplesmente não vale nada.

[ [http://www.assediomoral.org/site/noticias/NO\\_02.php](http://www.assediomoral.org/site/noticias/NO_02.php)]

(228) O ex-ministro **confia mesmo** no poder se seu nome.

[[http://www.jornaldoestado.com.br/ze\\_beto/index.php?archives=Setembro-2006](http://www.jornaldoestado.com.br/ze_beto/index.php?archives=Setembro-2006)]

(229) O Helio já **respondeu correto** lá no início, basta vocês usarem a massa cinzenta para entender (ou o Tico e o Teco, conforme o caso, hehehe).

[<http://heliopereiriano.iforums.com.br/viewtopic.php?t=303&view=next&sid=e5ee944822026effe76ec42633d2e0fc>]

A situação inversa parece ser igualmente verdadeira no que diz respeito aos intensificadores/quantificadores. Alguns itens lexicais formados por raízes que não comportam morfologia nominal, e que aparecem basicamente e/ou primeiramente em contextos de modificação adverbial, parecem ter migrado para contextos de modificação nominal. Entre os casos que podem ser citados, com abundantes exemplos ao longo desta tese, estão os próprios *mais* e *menos* e, de uma maneira mais branda, *bem* e *mal*. *Demais*, embora tenha se originado de uma locução complexa que se lexicalizou, pode ser também entendido como uma expressão sem morfologia nominal que ocorre modificando diretamente núcleos de SN.

Estudos mais apurados da relação entre a filogenia e a ontogenia das expressões na língua natural deverão, acredito, comprovar o quadro traçado aqui. Acredito, inclusive, que nenhuma classificação de palavras tentada sem a consideração dos casos de “extensão do escopo de modificação sintática” da expressão, ou mesmo de fenômenos como a gramaticalização, pode ser levada a sério.



O esquema traçado acima dá muito mais importância a propriedades mórficas como critério definidor das classes de palavras, e aparentemente relativiza bastante a importância das propriedades sintáticas. Porém, o que se relativiza é, na verdade, a rígida associação entre determinadas propriedades sintáticas e determinadas classes de palavras. Uma visão desse tipo, por exemplo, associa rigidamente às classes dos adjetivos e especificadores a propriedade de modificação de núcleo de SN, e aos advérbios uma propriedade de modificação de itens que não sejam núcleo de SN<sup>38</sup>. Os casos estudados ao longo desta tese sugerem antes um esquema de associação menos rígida, que ao lado dos contextos sintáticos essenciais preveja a existência de contextos estendidos, ou extensíveis – contextos de ocorrência para onde os itens de uma determinada classe poderiam se estender, como aparecer como adjetivos, no caso dos nomes, aparecer como nomes, nos casos dos verbos.

### 2.3. Conclusão

O quadro traçado aqui, em todo caso, acaba por, ao mesmo tempo, unindo e contrariando os quadros traçados em CSOA e por Pereira (1921) e Almeida (1969): ele sugere que há tanto casos de pronomes indefinidos (e adjetivos) que podem funcionar como advérbios, como de advérbios que podem funcionar como pronomes indefinidos, mas que nenhum dos dois esquemas pode resumir o funcionamento e/ou a origem da classe dos intensificadores.

Não considero, porém, o quadro da alocação dos intensificadores em classe(s) de palavras satisfatoriamente fechado com as colocações feitas aqui, mas pretendo deixar a questão como ela se encontra no momento: em aberto. Como já deixei claro, discutir a classificação de palavras não é o objetivo desta tese; basta-me a definição da expressão da intensidade/quantidade como um campo de ação que transcende as fronteiras de um único tipo de sintagma.

---

<sup>38</sup> No segundo caso, falo apenas hipoteticamente. Como se pode ver no tratamento dado pela literatura aos advérbios, sua classificação não tem nada de rigorosa. Essa afirmação pode ser feita, grosseiramente, da delimitação de advérbios constante em CSOA, mas já foi visto que ela é inquietantemente mais abrangente do que “modificadores de categorias não-nominais”.

Em todo caso, parece não haver diferença funcional importante entre intensificadores e quantificadores, tal como definidos na literatura. A diferença que poderia haver entre eles dependeria de se estabelecer que *intensificação* e *quantificação* são coisas diferentes – o que, como se verá adiante, não se pode sustentar. Ao contrário, a intensificação, entendida como um tipo de quantificação sobre o grau das predicções, é um tipo de quantificação. Dessa forma, os intensificadores são os quantificadores em contextos em que eles expressam quantificação sobre o grau. A denominação *quantificadores*, portanto, é mais abrangente, e passará a ser a única adotada a partir deste ponto.

### 3. QUANTIDADE E GRAU

---

Como se viu nos capítulos anteriores, os termos utilizados para designar o tipo de noção, ou noções, denotada(s) pelas expressões estudadas nesta tese têm girado em torno de *intensidade* (*intensificação*, *intensificador*), *quantidade* (*quantificação*, *quantificador*, *quantitativo*) e *grau*, com uma referência isolada a *número*. Nenhuma definição foi apresentada de qualquer uma dessas noções, nenhuma distinção foi feita, para além de poucos – raríssimos – exemplos evocativos de distinções intuitivas. A tarefa que se impõe, agora, é a de refinar essas intuições em direção a uma definição mais explícita do que denotam os intensificadores/quantificadores.

A questão central desta tese – a tarefa que se impõe de que falei acima – não é exatamente descobrir o que é – muito menos o que se tem querido dizer com – *intensidade*, *quantidade* e/ou *grau*, mas quais são as noções denotadas pelas palavras que optei, na esteira de outros estudos que vieram antes do meu, por denominar intensificadores/quantificadores. Dado que não há mais indicações do que seja a referência desses termos, eles, por enquanto, devem ser vistos como “caixas vazias”, de que se pode ou não fazer uso para denominar as noções em cujo encaixo este trabalho está, conforme elas se mostrem intuitivamente adequados, ou reflitam as intuições que têm baseado a escolha desses termos na literatura.

Na literatura da semântica formal os termos que ocorrem são *quantificação* e *grau* e isso, principalmente, motiva a minha opção por eles. Nas próximas seções, portanto, longe de justificar minha escolha por este ou aquele termo, parto de alguns dados intuitivos, a fim de identificar que tipo de elemento no Universo do Discurso está no escopo dos intensificadores em cada um dos contextos de identificação.

### 3.1. Quantidade e Número

Sugiro que partamos da melhor pista que temos a respeito da definição e/ou distinção entre as diversas noções que parecem residir nessa diversidade de raízes. A pista mais clara no sentido de algum tipo de distinção dentro do conjunto de noções denotado pelos intensificadores/quantificadores vem de Castilho (1993: 214), e é a distinção entre *número de objetos* (“muitos dias”), *quantidade* (“bastante água”) e *grau* (“demasiado calor”) na denotação dos quantificadores indefinidos aplicados a núcleos de sintagma nominal.

Dos três termos empregados por Castilho (1993), *número* e *quantidade* parecem se referir a coisas de uma mesma natureza, em oposição a *grau*. A distinção entre “número” e “quantidade” parece dizer respeito à distinção, encontrada na literatura sobre quantificação<sup>39</sup>, entre quantidades contáveis ((230)-(235)) e não-contáveis ((236)-(241)):

(230) eu, graças a deus, não tenho criança pequena, né? mas eu vejo **[muitas mães]<sub>N</sub>** aí que têm criança pequena, tem que pôr na creche.

(PRCTB08/SLIN:0208)

(231) um pouco vem de berço, né? mal-criado, mal-nutrido, vivendo na rua, mal-educado, né? depois **[pouco [emprego]<sub>N</sub>**, não sabe fazer nada, não tem estudo.

(PRCTB07/SLIN:0222)

(232) Por que, nesse mundo virtual, deparamos com **[mais [pessoas sacanas]<sub>N</sub>** que no mundo real?

(<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20060926154138AASAdkG>)

(233) Lula obteve maior vantagem em cidades com **[menos [crianças e jovens]<sub>N</sub>**.

(<http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2006/10/12/materia.2006-10-12.5004918017>)

(234) Depois de um mês e dois dias ele teve seis lindos cachorrinhos, muito lindos também, não tinha condições de cuidar de **[tantos**

<sup>39</sup> Para referências mais detalhadas sobre essas distinções, ver Wachowicz (1997); Ojeda (1998), etc.

**[cachorros]<sub>N</sub>**<sub>SN</sub> pois além da July, meu irmão já tem à uns dois anos uma Labradora com Rotwailer, não teria espaço para tantos animais, se não ficaria com todos pois adoro muito animais.

[[http://tools.hpg.ig.com.br/guestbook/guest\\_read.php3?guest\\_user=uijadoacao&pag=575&tampag=25&bExibicaoHorizontal=](http://tools.hpg.ig.com.br/guestbook/guest_read.php3?guest_user=uijadoacao&pag=575&tampag=25&bExibicaoHorizontal=)]

- (235) “Mesmo faltando 844 doses para chegar a nossa meta, até o dia 31 de outubro este número deverá ser superado, já que nas comunidades distantes os moradores têm **[bastante [animais]<sub>N</sub>]**<sub>SN</sub>”, comenta, ressaltando ainda que em 2001 foram vacinados 64 mil animais.

[<http://www.campos.rj.gov.br/noticia.php?id=370>]

- (236) Comia **[muita [carne]<sub>N</sub>]**<sub>SN</sub> de baleia que é igual à carne de boi, só que tem um pouco mais de sangue, aprendi tudo com a minha mãe, tudo o que eu sei.

[<http://www.unisantos.br/pos/revistapatrimonio/artigos.php?cod=82>]

- (237) Mas, a partir deste último valor, essa relação não se mostrou linear em milho, observando-se que a planta perde **[pouca [água]<sub>N</sub>]**<sub>SN</sub> para o ambiente, ou seja, numa taxa menor do que 2 mm dia<sup>-1</sup>, indicando uma perda muito pequena de água pelo solo.

[[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-204X20000008000005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-204X20000008000005&lng=pt&nrm=iso)]

- (238) A cada paciente que referiu tomar bebidas alcoólicas, interrogou-se qual era ingerida preferencialmente. Todos consumiam maior quantidade de aguardente de cana ou de cerveja, exceto um doente com Pcm aguda que ingeria **[mais [vinho]<sub>N</sub>]**<sub>SN</sub> e um paciente do grupo Controle-C que ingeria **[mais [conhaque]<sub>N</sub>]**<sub>SN</sub>.

[[www.scielosp.org/pdf/rsp/v26n1/03.pdf](http://www.scielosp.org/pdf/rsp/v26n1/03.pdf)]

- (239) Este ano, mesmo de longe, dá para ver à distância, com olhos leigos, que sobra **[menos [neve]<sub>N</sub>]**<sub>SN</sub> nos cumes do que seria de esperar num começo de verão.

[<http://arruda.rits.org.br/notitia/servlet/newstorm.ns.presentation.NavigationServlet?publicationCode=6&pageCode=77&textCode=20264&date=currentDate&contentType=html>]

- (240) Ele disse que não esperava **[tanta [chuva]<sub>N</sub>]<sub>SN</sub>** neste início de ano, mesmo sendo janeiro um mês chuvoso.

[<http://www.cruzeironet.com.br/run/3/246634.shl>]

- (241) A quantidade de água resultante do descongelamento de um alimento às vezes pode gerar dúvidas no consumidor: será aquele volume correto ou havia **[[gelo]<sub>N</sub> demais]<sub>SN</sub>** na embalagem?

[<http://blog.estadao.com.br/blog/advdefesa/?m=20061010>]

Quantidades contáveis são aquelas que possuem uma parte mínima (ou átomos), ao contrário das não-contáveis. Parte mínima é aquela parte que não tem partes que pertençam ao conjunto que se está quantificando. Assim, por exemplo, a expressão *um mês* expressa uma quantificação sobre um conjunto (o conjunto dos meses), e expressa a parte mínima desse conjunto. Qualquer parte menor que ela não é parte do conjunto quantificado, quer dizer, qualquer parte menor que *um mês* (27 dias, digamos) não é (um) *mês*. Por outro lado, qualquer parte de uma quantidade não-contável pertence ao conjunto quantificado: a chuva que caiu entre o Ano Novo e o dia do desabamento da Estação Pinheiros (12.01.07) é chuva.

A referência a quantidades não-contáveis já esteve ligada à identificação de alguns nomes como “termos de massa”, i.e., à idéia de que a qualidade de ser ou não ser contável era propriedade intrínseca dos conjuntos referidos pelos nomes comuns. Assim, haveria nomes “contáveis”, como *mãe, emprego, pessoa, criança, jovem, cachorro*, etc. e nomes não-contáveis, ou de massa, como *água, vinho, carne, neve, chuva* etc. Embora a distinção permaneça válida, a perspectiva de baseá-la exclusivamente em uma natureza intrínseca do nome, no entanto, já foi superada há muito<sup>40</sup>. Um SN denotando uma quantidade contável (242) e um SN denotando uma quantidade não-contável (243) podem ser construídos tendo exatamente o mesmo nome como núcleos:

---

<sup>40</sup> Para uma discussão dessa questão, cf. Guimarães (1996: 81-83).

- (242) Verificou-se uma tendência dos **dois corações** trabalharem sincronizadamente, com ejeção do ventrículo artificial esquerdo e o coração natural de forma alternada, podendo, desta forma, auxiliar na recuperação das funções de bomba no próprio coração natural.  
[[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-76381999000200010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-76381999000200010)]
- (243) Para se ter idéia, **100 gramas de coração** de frango tem o equivalente a 2 mil mg de colesterol, isto é dez vezes mais que a quantidade indicada por dia.  
[<http://www2.uol.com.br/debate/1307/cidade/cidade09.htm>]

Em que pese o fato de um dos corações referidos em (242) ser artificial, a presença do numeral *dois* marca um SN contável; por outro lado, a presença da “locução de medição” *100 gramas*, em (243), marca um SN tipicamente de massa.

A referência no plural sempre seleciona leitura de contável para o SN, de modo que mesmo termos tradicionalmente tidos como “de massa” pluralizados denotam quantidades “atômicas”:

- (244) Na opinião do sommelier, **os dois vinhos** sustentam agradavelmente o cordeiro, cada um com suas qualidades.  
[[http://winexperts.terra.com.br/artigos\\_detalhes.asp?cod\\_artigo=49](http://winexperts.terra.com.br/artigos_detalhes.asp?cod_artigo=49)]
- (245) Quanto ao vinho tinto realmente não se dá com a maioria dos peixes, mas o vinho branco tem afinidades com **muitas carnes**.  
[<http://www.acavnet.com.br/harmonizacao.asp>]

Os quantificadores do português que modificam núcleos de SN podem ser divididos em duas categorias conforme a distinção entre quantidades contáveis e não-contáveis: a) os exclusivamente atômicos, que sempre selecionam leituras contáveis, como os cardinais (por razões óbvias), *meio*, os *pluralia tanta* (*diversos*, *vários*, *inúmeros* etc.), os “unitários” (*algum*, *nenhum*, *um*) e os “distributivos” das antigas gramáticas: *todo*, *cada*, *qualquer*, etc; e b) aqueles que, indiferentemente, podem denotar quantidades contáveis e não-contáveis, quando usados no singular

(já que o plural é sempre contável):  *muito, pouco, mais, menos, tanto, quanto, demais e bastante.*

*Meio* é o mais interessante dos quantificadores estritamente contáveis: apesar de os SN em que ele atua como quantificador não chegarem a denotar a mínima quantidade contável (= *um*), *meio* sempre quantifica, em posição de modificador de núcleo de SN, metades de quantidades contáveis:

(246) Abri a geladeira e havia ainda **meia garrafa** de vodca e meia garrafa de Coca.

[<http://paginas.terra.com.br/arte/familiadacoisa/IRD/hell2.html>]

(247) Aprenderia muito na vida vendendo **meias quartas** de carne seca, bicadas de aguardente, cuias de farinha e **meias garrafas** de querosene.

[<http://www.fundaj.gov.br/notitia/servlet/newstorm.ns.presentation.NavigationServlet?publicationCode=16&pageCode=285&textCode=2081&date=currentDate>]

Em vista do que foi dito acima, não vejo motivo para manter a distinção *quantidade* e *número* de Castilho (1993). Em primeiro lugar, tanto quantidades contáveis quanto não-contáveis têm sido entendidas como quantidades, na literatura, e não há motivo aparente para abandonar essa caracterização. E mais: a noção de grau pode ser entendida como um tipo de quantificação, a distinção entre ela e os tipos de quantificação expressos no âmbito do SN está no tipo de “coisa” quantificado no universo do discurso, não na quantificação em si. Em segundo lugar, o termo *número* tem seu uso estabilizado para dar conta de determinado tipo de oposição nas línguas naturais (singular *vs.* plural *vs.* dual).

Talvez se mostre útil distinguir entre quantificadores definidos e indefinidos, já que recorrentemente os quantificadores são referidos assim em suas ocorrências no contexto I. **Quantificadores definidos** seriam aqueles que denotam quantidades contáveis com cardinalidade definida, ou seja, os numerais, especialmente os cardinais<sup>41</sup>: *um, dois, três, quatro* etc. Um caso à parte seria o numeral *meio*, que embora *denote* uma quantidade de cardinalidade inferior ao menor número inteiro, sempre *pressupõe* uma quantidade de cardinalidade 1 (*meio X* sempre pressupõe *um*

---

<sup>41</sup> Não me parece fazer sentido a caracterização dos ordinais como quantificadores; eles me parecem melhor classificados como especificadores de ordem, junto com expressões como *anterior, posterior, último* etc.



X para ser dividido pela metade). Seria, então, o único exemplo de **quantificador definido** que expressa indiretamente cardinalidade.

Os **quantificadores indefinidos** do português nunca expressam quantidades com cardinalidade definida; quase todos eles (exceto, talvez, *cada*) podem expressar tanto quantidades contáveis como não-contáveis, quando no singular (já que o plural sempre expressa quantidades contáveis).

### 3.2. Quantificadores em Função Argumental

Já me referi, no Capítulo 1, aos quantificadores que aparecem em posição argumental como representando uma dificuldade, já que eles são melhor interpretados como termos argumentais e referenciais (valor de SN) do que como modificadores – seja como especificadores nominais, seja como modificadores em construção endocêntrica (nominal ou não). Por outro lado, assumindo uma posição com relação à colocação dos termos em classes de palavras tal como se fez em 2.2., isso não significaria necessariamente uma dificuldade real, dado que o que eu basicamente propus naquela seção é que se aceite o fato lingüístico de que expressões de uma classe possam ter seu raio “funcional” de ação estendido para outras classes. Um dos casos típicos desse tipo de extensão, e não só no que diz respeito aos quantificadores, é a possibilidade, no âmbito de modificação nominal, de um modificador poder figurar com o valor total da categoria em que eles figuram como modificador; são inúmeros os casos, por exemplo, de adjetivos que funcionam como, ou se converteram em, nomes: *branco, negro, português, velho* etc.

No caso dos quantificadores, que no âmbito do SN podem ser entendidos como modificadores exocêntricos, isso significaria que eles poderiam figurar não como nomes, mas como SN, já que esse é o valor total da categoria em que eles funcionam como modificadores (ou especificadores). Isso pode, ou não, significar a derivação de uma nova expressão que corresponda a uma instância argumental de um especificador. O português tem um punhado de exemplos desse tipo, e não só de especificadores-quantificadores:

Modificador	Argumental
algum, alguma	algo, alguém
todo	tudo
nenhum, nenhuma	nada, ninguém
esse, essa	isso
aquele, aquela	aquilo

Alguns quantificadores, no entanto, não deram origem a um termo “derivado” correspondendo a sua instância argumental, figurando eles mesmos nessa função. É o caso de *muito* (43), *pouco* (44), *mais* (45), *menos* (46), *bastante* (98), *demais* (99), *tanto* (112), *quanto* (112) e *igual* (113).

Todos esses especificadores pronominalizados caracterizam-se basicamente por seu traço de expressões fóricas, portadoras de uma denotação indefinida ou pressuposta, do ponto de vista da identificação da sua classe denotacional (*i.e.*, do valor do núcleo nominal que lhes falta). Em termos mais diretos, isso significa que o tipo de objeto de que se fala ou não está definido (por várias razões), ou está pressuposto, dado por um referente a que a expressão se liga em uma cadeia fórica. A ver como isso se dá:

- (6) Em casa o café é muito demorado, muito complicado, quer dizer, então, até eles comerem todas as coisas que fazem parte do café eles demoram; um briga com o outro, a divisão tem que ser absolutamente exata, porque se um tiver **mais** do que o outro sai um monte de briga; na realidade não acabam tomando **tudo** não, comendo **tudo** que têm. Mas precisa ter **igual**. Basta ser **igual**.

[CSOA: 73]

Pode-se entender os quantificadores em negrito como uma espécie de instanciadores de anáfora, cujo antecedente poderia ser identificado como *as coisas que fazem parte do café*. As expressões em negrito, então, denotariam quantidades diferentes, não-cardinais, desse conjunto, e a situação anafórica justificaria e/ou permitiria a anáfora. Em outros casos, o valor denotacional não é especificado,

porque não foi introduzido ainda no texto (talvez se possa falar em catáfora), ou porque é ignorado, ou mesmo porque não é especificado:

(248) Quero chamar a atenção para o fato de que Wernicke viu **algo** mais, **algo** para além do problema articulatório ou de compreensão. Quero dizer que ele viu **algo** "próprio" do lingüístico, viu um possível de linguagem.

[[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44501998000200008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000200008)]

(249) No início de 2000, outro membro novo da república, Warley viu **algo** aqui em casa.

[<http://forum.cifraclub.terra.com.br/forum/11/80682/>]

(250) Excelente comprador. Contato rápido, educado e comprou **bastante**.

[<http://www.mercadolivre.com.br/jm/profile?id=6297426>]

(251) Definitivamente, as coisas NÃO acontecem por merecimento. Acontecem por acaso. Mesmo. É que, quando acontecem, a gente tenta encaixar os fatos como num quebra-cabeças, para que tudo pareça justo e correto. O bom merece **muito**. O mau merece um castigozinho. E o filho da puta... Ah! Esse merece tostar no inferno! Bom se fosse assim. (<http://www.muitosuspeito.blogspot.com.br/>)

(252) Ai eu fiquei fudido de vez com ele e virei: "Bom, vc reza o terço igual babaca, só se fode pra seguir a biblia, nao ganhou **nada** com isso até hoje, e acha que tah certo."

(<http://forum.cifraclub.terra.com.br/forum/11/149432/>)

Há casos, porém, em que não há necessidade de um antecedente, e a denotação específica, ou "nominal", é garantida por algum outro elemento do enunciado. Assim, especificadores de quantidade no plural, em posição argumental, funcionariam como expressões equivalentes a [ESP[pessoas']], ou seja, expressões em que o especificador em questão estivesse modificando um SN cujo núcleo é o nome *pessoas* (ou algum equivalente, como *gente*):

- (253) que **muitos** se mudaram do bairro, mas tem [um]-[uma]- um pouco do pessoal ainda vive por aí, a gente se encontra, bate papo ainda.  
(PRCTB01/SLIN:0032)
- (254) Microsoft, Apple e Adobe publicaram documentos sobre as mudanças, o que significa que páginas online com essas restrições podem ser codificadas para aparecerem normalmente como usuários IE. Mas as mudanças no IE provavelmente pegarão **alguns** de surpresa, de acordo com Jon Galloway, um desenvolvedores online da VelocIT. "Muitos sites não serão atualizados com o Flash corretamente", disse ele.  
([http://idgnow.uol.com.br/computacao\\_pessoal/2006/03/24/idgnoticia.2006-03-24.2265506273/IDGNoticia\\_view](http://idgnow.uol.com.br/computacao_pessoal/2006/03/24/idgnoticia.2006-03-24.2265506273/IDGNoticia_view))
- (255) Hoje, escola para **todos** ainda não significa educação para **todos**.  
(<http://www.todospelaeducacao.org.br/>)

A semântica do verbo envolvido pode dispensar a ocorrência de especificação denotacional. Um exemplo bem típico é o dos verbos de medida. Verbos de medida são os que, normalmente, solicitam especificação de quantificação em seus objetos diretos, seja pelo uso de numerais (quantidades definidas) seja pelo uso de outros quantificadores. Quando ocorrem com quantificadores, pode-se dizer que eles pressupõem - ou dispensam o uso - de especificações “de medida” no SN objeto. Verbos de medida seriam verbos como *medir, pesar,*

- (256) Em 1978 foi descoberto um satélite de Plutão: Charon cujo diâmetro mede **mais** que a metade de Plutão.  
[<http://www.cdcc.sc.usp.br/cda/boletim-supernovas/2004/01152004.txt>]
- (257) O modelo Tubular 404 pesa **muito pouco** e te dará um rendimento fantástico, mas terá que desembolsar R\$1000 a mais do que o planejado.  
[[http://www.pedal.com.br/forum/post.asp?method=Reply&TOPIC\\_ID=25881&FORUM\\_ID=10&CAT\\_ID=5&Forum\\_Title=Speed+%2F+Track+%2F+Ciclocross+%2F+Triathlon+%2F+Touring&Topic\\_Title=Rodas+Aero+Triathlon](http://www.pedal.com.br/forum/post.asp?method=Reply&TOPIC_ID=25881&FORUM_ID=10&CAT_ID=5&Forum_Title=Speed+%2F+Track+%2F+Ciclocross+%2F+Triathlon+%2F+Touring&Topic_Title=Rodas+Aero+Triathlon)]

Um grupo especial, e relativamente numeroso, entre os verbos de medida é o que se pode denominar de verbos “de custo”, e que inclui *faturar, custar, gastar*, entre outros:

- (258) Bruna Surfistinha, a ex-garota de programa que fatura **muito** com o livro "O doce veneno do escorpião", em que conta muito de suas artimanhas sexuais, nunca transou numa praia. Acredita?

(<http://ego.globo.com/Entretenimento/Ego/Noticias/0,,AA1292463-5877,00.html>)

- (259) (...) então temos sim que estar atentos e sermos responsáveis e estar atentos para fiscalizar a administração e cobrar para que a próxima administração, não sofra a consequência da atual, então, temos sim que estar lembrando e vendo as dificuldades, que o Município atravessa, tem sim a ver com atitudes da administração passada, a exemplo disso, será que não custou nada a operação tapa buraco?, Será que não custou **nada** para os cofres públicos, colocar remédios no Posto de Saúde? Então será que para arrumar as estradas vicinais também não custou **nada**? Sim, custou, então porque teve que investir tanto? Porque a administração passada não cumpriu o seu dever que era de estar trabalhando em prol da comunidade (...)

([http://www.cmt.ms.gov.br/gerencia\\_leis/atas/visualiza.php?id=14](http://www.cmt.ms.gov.br/gerencia_leis/atas/visualiza.php?id=14))

- (260) fazer um aperitivo aí com um amigo e tal ou qualquer coisa [você]- se gastava às vezes **mais** do que isso, né?

(PRCTB02/SLIN:0123)

Por outro lado, mesmo verbos que não pedem necessariamente expressões de medida podem ocorrer com quantificadores como objeto:

- (261) apaguei por uns dois segundos soh... logo depois acordei ninguem viu nao... gracias a deus!! hoje nao tomei e **corri bastante** 8 km e meio!

[<http://fisiculturismo.com.br/forum2/viewtopic.php?p=506188&sid=e86de3e9837212e432b811ac235e97e9>]

(262) Como o tempo em que fazia natação era de 50 minutos, ã tinha como eu nadar **mais** do que 2km. Nunca nadei **mais** que isso O.o"

[<http://tkp.locaweb.com.br/phpbb2/viewtopic.php?p=2127&highlight=&sid=38a8b75b04655894bc8b0f53b8999aad>]

(263) Desde o período da manhã até o momento de deitar os pés sofrem um esforço constante, seja quando andamos **demais** ou quando ficamos muito tempo em pé ou sentados.

[<http://www.acesa.com/mulher/arquivo/beleza/2006/07/28-pes/>]

(264) Isto não é normal: Exagerar no lanche com as amigas, pensar "comi **demais**" e correr para o banheiro vomitar tudo.

[[http://capricho.abril.com.br/banheiro/conteudo\\_192059.shtml](http://capricho.abril.com.br/banheiro/conteudo_192059.shtml)]

Um caso especial, que será abordado de maneira mais detalhada na seção 3.4 (*cf.*, adiante), diz respeito aos verbos de duração temporal (*demorar, durar, etc.*), e outros que pedem e/ou admitem como objeto expressões denotadoras de intervalo de tempo. Em todo caso, em posição exatamente após o verbo, um quantificador pode ser interpretado como um modificador do verbo, ou como seu complemento, o que pode levar a situações de ambigüidade.

(265) **Deborah Secco dispara: Corri muito atrás do Falcão.**

[<http://ego.globo.com/Entretenimento/Ego/Noticias/0,,AA1229964-5877,00.html>]

*Muito*, em (265), é ambíguo com relação ao que pode denotar. Pode ser que denote a distância (ainda que metaforicamente) percorrida, a quantidade de vezes em que o evento ou atividade se repetiu, ou o tempo em que esse evento/atividade se deu ou se repetiu. Para o primeiro caso, teríamos uma interpretação do quantificador como expressão argumental, nos demais como modificador. Embora o exemplo pareça desfavorecer a primeira interpretação, basicamente pela acepção especial de *correr*, todas essas interpretações formais são garantidas, a princípio, para *correr muito*, e a desambigüização depende ou da situação de produção, ou de elementos que ocorram no "co-texto":

- (266) Não corri **muito**, foram só 5 km.  
[<http://oglobo.globo.com/blogs/pulso/default.asp?a=93&periodo=200611>]
- (267) Corri **muito**, subi muito em árvores, roubei muita laranja dos vizinhos, brinquei muito de polícia e ladrão, joguei futebol e briguei muito com meu irmão, três anos mais novo.  
[<http://www.ufrgs.br/jornal/outubro2003/perfil.html>]
- (268) Corri **muito**. Duas horas por dia, todos os dias, no Parque da Cidade.  
[[http://www2.correioweb.com.br/cw/2001-12-06/cab\\_103259.htm](http://www2.correioweb.com.br/cw/2001-12-06/cab_103259.htm)]

A especificação de distância, em (266), elimina as outras leituras. Já em (267), a enumeração de sintagmas verbais com *muito*, a maioria deles com leitura inequívoca de quantificação sobre eventos, seleciona uma interpretação de *muito* como quantificando eventos. Em (268), embora uma leitura de quantificação de eventos também seja possível, pode-se entender *muito* como quantificando a quantidade total de tempo em que a atividade foi realizada.

### 3.3. Quantidade e Grau

Até onde posso entender, o uso feito do termo *grau*, por Castilho (1993: 214) para denotar o tipo de noção quantificado em construções como *demasiado calor* se baseia num equívoco. A noção de grau, tradicionalmente, e mesmo nos mais recentes trabalhos, está ligada à predicação exercida por adjetivos, e é com esse sentido que o termo é utilizado nesta tese. Por outro lado, não parece nenhuma diferença importante, do ponto de vista da denotação, entre SNs como *demasiado calor* e *demasiadas proteínas* (*cf.*, acima, (195)), para ficar apenas nos exemplos citados nesta tese.

É muito fácil se perder na discussão falsamente semântica – e mais apropriadamente epistêmica – sobre se em *demasiado calor* se está falando de *quantidade* ou de *grau* de calor. Não há muito o que deduzir a partir de três exemplos muito apressados, mas digamos que a intuição subjacente às distinções de Castilho (1993) possa ser a de que *quantidade* e/ou *número* seriam “medições” do (ou no)

contínuo espaço-temporal; para todas as outras medições seria melhor falar em *grau* – ou, para recuperar um outro termo caro à gramática, em *intensidade*.

Ora, mesmo com relação ao que não é medido espaço-temporalmente se pode fazer distinções entre medições *físicas* e medições de outra natureza (cognitivas, talvez). Coisas como *calor* – ou, ainda, como *luz*, *som*, entre outras coisas, fariam parte mais tipicamente de um conjunto de coisas medidas fisicamente, enquanto coisas como *amor*, *amizade*, *compreensão* etc. teriam uma medição de grau, ou de intensidade, feita em parâmetros não físicos. Para o primeiro grupo se poderia aventar a possibilidade de utilizar a denominação *quantidade*, já que são passíveis de uma quantificação do ponto de vista físico. Observe-se, a esse respeito, que a distinção entre quantidade de calor e o grau ou intensidade de calor já é bastante estável na física (Oliveira, 2006: 15):

Em 1760, Black observou que, na mesma temperatura, um bloco de ferro parecia mais quente que um bloco de madeira de igual volume, concluindo, então, que o ferro tinha mais **capacidade** de armazenar calor do que a madeira. Em vista disso, afirmou: *Devemos, portanto, concluir que diferentes corpos, embora de mesmo tamanho ou do mesmo peso, quando reduzidos à mesma temperatura ou grau de calor, podem conter diferentes quantidades de matéria de calor*. Assim, os resultados das experiências de Black indicavam que havia uma diferença entre "grau de calor" (hoje, temperatura - T) e "quantidade de matéria de calor" (hoje, quantidade de calor - Q); e mais ainda, que a essa "quantidade de calor" e a conseqüente elevação do "grau de calor" são influenciados por suas propriedades físicas.

Além disso, *calor* pode ser interpretado como uma medida física, como em (269), ou como a uma medição em termos "perceptivos", como em (270):

(269) Uma pesquisa publicada na revista Science prova o que cientistas defendem na teoria há anos: a Terra recebe **mais calor** do que é capaz de emitir para o espaço, em um processo que aquece o planeta e pode causar efeitos nefastos.

[<http://ecofalante.terra.com.br/sub/noticias.old.php?set=404>]

(270) É comum a mulher na menopausa, por variações hormonais, sentir **mais calor** e transpirar mais.

[[http://www.galderma.com.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=40&Itemid=1](http://www.galderma.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=40&Itemid=1)]



*Calor*, em (269), denota de um fenômeno físico, mensurável e, a princípio, independente de qualquer sujeito; *calor*, em (270), denota uma sensação, e depende de um determinado estado (físico, psicológico) do sujeito que o experimenta: mulheres com menopausa podem sentir calor numa mesma temperatura em que outras mulheres sentiriam frio. Porém, mesmo no que diz respeito aos sentimentos, há tantos motivos para se falar em quantidade quanto em grau ou intensidade; ao menos o uso, na língua natural, permite ambas as coisas, talvez até para referir-se à mesma situação:

(271) Deus importa a **quantidade de amor** com que fazemos ou oferecemos.

[[http://www.pimenet.com.br/noticias.inc.php?&id\\_noticia=6513&id\\_sessao=2](http://www.pimenet.com.br/noticias.inc.php?&id_noticia=6513&id_sessao=2)]

(272) Nessa hora da primeira Sexta-feira Santa, Jesus dilatou o seu coração e conseguiu chegar ao máximo **grau do amor** divino e humano quando perdoou a todos.

[<http://jdia.leiaonline.com.br/index.pas?codmat=23606&pub=1>]

(273) A **intensidade do amor** que senti era tão grande que saí de lá muito impressionada.

[<http://www.constelacaofamiliar.com.br/depoimentos.html>]

Nenhuma dessas distinções importa para a língua natural, do ponto de vista do que é relevante semanticamente. A distinção entre contável e não contável é relevante para a língua natural; *mais vinhos* é diferente de *mais vinho*. A discussão de se *muito amor*, por exemplo, denota mais a quantidade ou o grau do amor não revela, porém nada de relevante para a construção, mesmo porque essa expressão pode denotar as duas coisas, às vezes simultânea e ambigualmente:

(274) Sou feliz porque tive **muito amor** para dar em minha vida.

[[http://www.abem-educmed.org.br/rbem/pdf/volume\\_29\\_2/cinema\\_para\\_estudante.pdf](http://www.abem-educmed.org.br/rbem/pdf/volume_29_2/cinema_para_estudante.pdf)]

Pode-se discutir se a senhora em questão sempre teve *um amor em grande grau*, ou *bastante intenso* para dar em sua vida, ou se ela sempre teve *amor em grande*

*quantidade* para dar. De qualquer forma, não se trata de se objetos no universo do discurso (ou no mundo representado por ele) podem receber os predicados *é quantidade* ou *é grau*, mas do tipo de distinção relevante do ponto de vista dos recursos semânticos para expressar determinados tipos de predicação. A distinção entre grau e quantidade, nos casos apontados acima, parece residir na natureza das “entidades” denotadas pelos nomes que formam o núcleo dos SNs quantificados. Assim, quando as entidades parecem ter partes contínuas no espaço – de preferência sólidas ou líquidas – pode-se falar em *quantidade*; nos outros casos – os substantivos “abstratos” das antigas classificações escolares – pode-se falar em *grau*.

Ora, a língua não tem, necessariamente, esse tipo de compromisso com relação à natureza das coisas que as palavras significam. As palavras nomeiam os objetos, e a “natureza” desses objetos (ou a nossa apreensão dela) pode mudar de acordo com o que ficamos sabendo sobre eles. O nome comum *sol*, por exemplo, designa há pelo menos 2.500 anos a estrela em torno da qual nosso planeta gira; a concepção que temos dele mudou, ao menos desde que ficamos sabendo seu diâmetro e sua distância da Terra, mas talvez ainda hoje há quem acredite se tratar mesmo de uma bola de “fogo”, ou de penas de arara. Em todo caso, a denotação de *sol* continua permitindo que ele seja utilizado em construções como:

(275) Próximos dias terão **muito sol**, tardes amenas e madrugadas frias.

[[http://www.metsul.com/secoes/visualiza.php?cod\\_subsecao=1&cod\\_texto=354](http://www.metsul.com/secoes/visualiza.php?cod_subsecao=1&cod_texto=354)]

(276) Mais da metade dos sistemas do universo têm **muitos sóis**.

[<http://www.dfi.ccet.ufms.br/gaecim/agosto95.htm>]

(277) “Muitas luas, **muitos sóis** se passaram.”

[<http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/29%20a%2031.pdf>]

A caracterização de (277) como apresentando um uso “metonímico”, já que *sol* está para “período em que o sol é visível” depende não da denotação da palavra *sol*, mas de determinada concepção sobre o universo, que não é necessariamente licenciada pela língua, e nem a única possível. Ao contrário, pode-se pensar como *sol* falando exatamente da mesma coisa, em (275) e em (277), só que no primeiro caso temos uma denotação “de massa” e no segundo uma denotação contável.

Qualquer classificação dos nomes segundo as propriedades dos objetos que eles denotem e que se queira colocar na base da distinção entre quantidade e grau não é uma classificação válida em termos semânticos e tampouco revela propriedades diferentes acerca da operação exercida pelos quantificadores. Pode-se pensar que é um problema epistêmico dos mais espinhosos entender *amor* como coisa cuja quantidade possa ser medida, mas não há porque não considerar, do ponto de vista semântico, da interpretação de sentenças em um modelo de mundo, que *muito amor* e *muita água* revelam a mesma operação do ponto de vista da expressão da quantidade. Questão epistêmica por questão epistêmica, talvez não seja tão fácil para alguém que não tenha passado pelas aulas de física entender como se pode falar em *quantidade* de calor...

Há, porém, uma distinção que parece ser muito mais utilmente reconhecida como a distinção entre grau e quantidade. É a que existe entre os dois tipos diferentes de predicação que *mais homem* parece estabelecer em (278) e (279):

(278) Ora, não pensem que minha opinião sobre esses assuntos é decisiva - parecia dizer - só porque sou mais forte e **mais homem** do que você.

[<http://biblioteca.folha.com.br/1/05/trechos.html>]

(279) MENINAS: olha que Legal, tem **mais homem** do que mulher nesse blog...hehehe

[[http://www.clube\\_dos\\_solteiros.blogspot.com.br/](http://www.clube_dos_solteiros.blogspot.com.br/)]

Em (279) existe uma medição de quantidade, que pode ser entendida da seguinte maneira: uma relação entre duas quantidades, estabelecida por *mais*, sendo que essas quantidades são quantidades de entidades que recebem um predicado (ser-homem'); a quantificação exercida por *mais* se exerce sobre as entidades de um determinado conjunto. Em (278), por outro lado, embora também se tenha entidades recebendo o predicado (ser-homem'), não existe nenhuma quantificação dessas entidades; o que é "quantificado" aqui é própria inclusão dessas entidades no conjunto, ou a predicação da propriedade definidora desse conjunto (ser-homem') nas entidades: uma das entidades está "mais incluída" ou "contém mais" a

propriedade que a outra. A predicação não é vista como uma atribuição discreta, no sentido matemático, mas como uma atribuição difusa, gradativa, graduável, que pode se apresentar em graus diferentes para indivíduos diferentes.

Essa distinção não tem tanto a ver com a natureza das coisas denotadas, mas com a maneira com que a língua representa essas denotações. *Mais homem*, em (279) está em uma posição argumental – objeto direto do verbo *ter*; em (278), está em uma posição atributiva, funcionando como um adjetivo. *Mais*, em (279), denota a quantidade de indivíduos que possuem a propriedade denotada por *homem*, enquanto que em (278) indica o grau com que a propriedade se predica dos indivíduos a que se predica. A distinção entre a quantidade de indivíduos e o grau de predicação é construído sintaticamente, ainda que o mesmo termo – *homem* – sirva para as duas coisas. Como núcleo de SN, em (279), *homem* denota um conjunto de objetos do qual *mais* dá a quantidade. Como termo atributivo, em (278), *homem* denota uma propriedade que se atribui ao objeto denotado pelo termo que serve de sujeito, do qual *mais* expressa o grau com que ela pode ser predicada.

Se nomes podem envolver tanto quantidade – quando aparecem como núcleos de SN – quanto grau – quando aparecem em posição atributiva, adjetivos são eminentemente termos predicativos, e seu uso com quantificadores sempre vai envolver expressão de grau:

- (280) [o]- se está **[muito [danificado]<sub>ADJ</sub>]<sub>ADJ</sub>**, daí precisa trocar espuma, né? pôr enchimento, então se torna **[[um pouco [mais]] [caro]<sub>ADJ</sub>]<sub>ADJ</sub>**.  
[PRCTB03/SLIN:0084]
- (281) é a mesma coisa que você está vendo ali, só que muda o material, né? é outra cor, né? muda a cor praticamente. é **[mais [marrom]<sub>ADJ</sub>]<sub>ADJ</sub>**, **[[mais [claro]<sub>ADJ</sub>]<sub>ADJ</sub> um pouco]<sub>ADJ</sub>**.  
[PRCTB03/SLIN:0536]
- (282) É preciso reconhecer que a formação social brasileira foi marcada pela miscigenação e por relações entre etnias e culturas **[mais [complexas]<sub>ADJ</sub>]<sub>ADJ</sub>** e **[menos [rígidas]<sub>ADJ</sub>]<sub>ADJ</sub>** do que aquelas que levaram os EUA a institucionalizar o racismo.  
[FSP 13.03.05]

- (283) é, aqui a vila hauer seria [um]-[um]- um pouco | a condição | (hes) a situação [de]- ("o") povo [**um pouco** [**melhor**]<sub>ADJ</sub>]<sub>ADJ</sub>, talvez (hes) seria, né? (est) | de financeiramente | .  
[PRCTB05/SLIN:0129]

Nos exemplos acima, os adjetivos “complexos” – formados por um adjetivo modificado por um quantificador – ocorrem tanto em posição de modificador em um SN (*complexo, rígido, melhor*) como em posição atributiva, funcionando como complemento de predicado nominal (*danificado, caro, claro, marrom*). Em todos esses casos, o quantificador denota o grau em que se dá a predicação denotada pelo adjetivo sobre a entidade da qual se está predicando.

O uso de termos de cores em certos contextos sintáticos, como *marrom* em (284) e (285), pode revelar, de certa forma, a situação simetricamente oposta dos dois usos de *homem* em (278) e (279):

- (284) Aparentemente as fezes estavam melhor, com menos sangue e **mais marrom** porém, ontem a noite, ela voltou a ficar como estava.  
[<http://www.nossojuan.blogspot.com.br/>]
- (285) Sigo minha caminhada até o nosso rio, o Taquari. Ele consegue ser **mais marrom** do que o oceano do litoral gaúcho.  
[<http://www.comunica.unisinos.br/~ferreira/Tecnica/atividades/Lixo.html>]

Nomes em posição atributiva são, funcionalmente falando, adjetivos, assim como adjetivos utilizados em posição de núcleo do SN são nomes. *Marrom*, em (284), denota quantidades de objeto (de massa) de cor marrom. Há especificações claras para o uso de nomes em função atributiva: ausência de determinantes (artigos, demonstrativos, possessivos), posição como complemento de verbo cópula. O uso de algum tipo de determinante automaticamente gera uma situação não de “predicação”, mas de “identidade”, em que se expressa a igualdade de referência entre os termos antes e depois do verbo cópula:

- (286) Dá pra ver que você **é um homem**, por que está tão satisfeito?

[<http://piadas.terra.com.br/0,,s35,00.html>]

(287) Enquanto o Espírito Santo não lhe convence que você pecou, que você tem uma parcela de culpa em sua própria desgraça de vida, enquanto o Espírito Santo não fizer como Natã e afirmar que você **é este homem**, você é esta mulher não vêm culpa ao seu coração!

[<http://www.ibjardimbrasil.org.br/site/mensagens.php?cod=110>]

Com relação aos contextos de ocorrência acima referidos, a distinção entre quantidade e grau parece ser bem nítida. O contexto I, de modificação de núcleo de SN é o contexto da expressão da quantidade por excelência, enquanto os contextos II e VI são os contextos mais típicos da expressão do grau. Com relação à diferença entre quantidade e grau, bem como com relação aos contexto de modificação, acima referidos, pode-se identificar os seguintes grupos de quantificadores:

a) quantificadores que podem indicar tanto quantidade (no contexto I) quanto grau (contextos II); é o caso de  *muito, pouco, mais, menos, demais, bastante, tanto, quanto e todo*, com a ressalva de que  *todo* não aparece no contexto VI, posição em que  *tudo* toma seu lugar;

b) quantificadores que expressam apenas quantidade (contexto I):  *algum, nenhum, cada, qualquer* e os  *pluralia tanta (diversos, vários, inúmeros, incontáveis etc.)*;

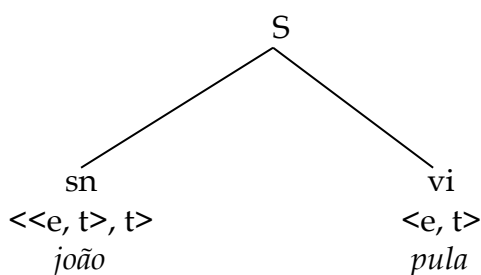
c) quantificadores que expressam somente grau de predicação (contexto II): é o caso dos advérbios de “intensidade” em  *-mente: estreitamente, imensamente, largamente etc.*

### 3.4. Quantidade e Grau na Denotação dos Verbos:

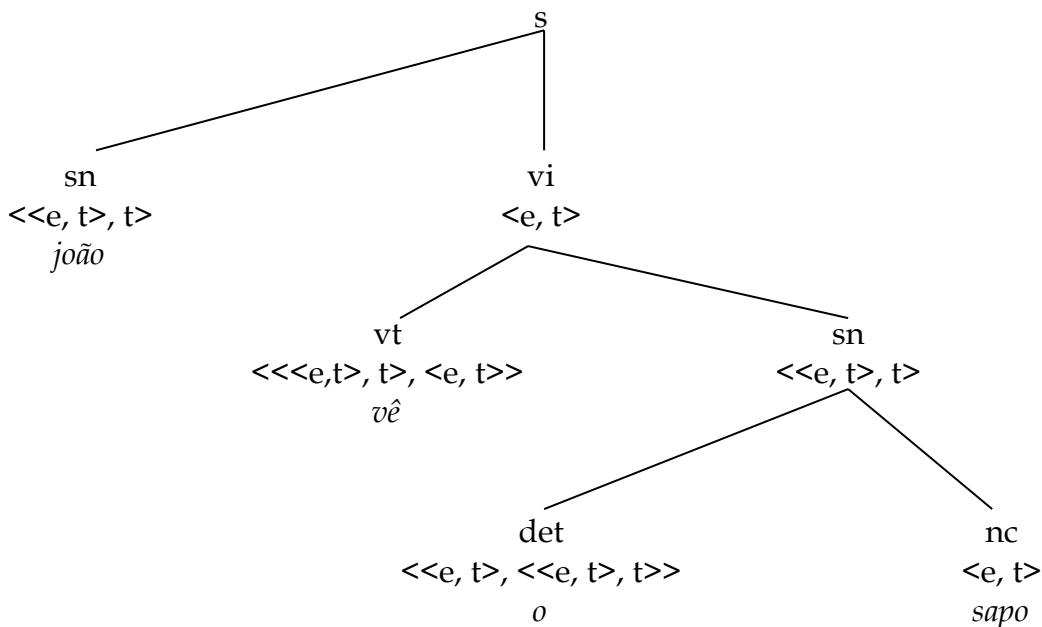
À primeira vista, verbos – ou, mais especificamente, SVs – podem ser entendidos, em sentido bem amplo, como categorias predicadoras, como os adjetivos. Por “categorias predicadoras num sentido bem amplo” eu entendo categorias que expressam “propriedades de indivíduos” ou, em modelos de mundo definidos em termos conjuntísticos – como se assume, amiúde, na semântica formal –

categorias que denotam conjuntos de indivíduos. Os diversos tipos de SV são assumidos, em muitos modelos na semântica formal, e nas gramáticas categoriais, como sendo, em termos de tipo, categorias equivalentes. Na prática, significa que todo sintagma verbal, independentemente da sua composição, equivale a um verbo intransitivo, e é assim que eles aparecem em muitas notações. É o que eu chamo de Convenção *vi*.

(288) João pula.



(289) João vê o sapo



Essa convenção pressupõe a assunção de que sintagmas verbais/verbos intransitivos denotam um mesmo tipo de função:  $\langle e, t \rangle$ , numa classificação montagueana – ou seja, funções de entidades a valores de verdade, ou conjuntos de

indivíduos, ou propriedades de indivíduos. Dessa forma, seria mais intuitivo pensar em grau no que diz respeito à modificação de verbos por quantificadores, já que temos um mesmo tipo básico de predicação. Porém, o quadro é bem mais complexo, e boa parte dessa complexidade se deve ao material que é ignorado, ou simplificado pela “convenção vi”, principalmente, a composição interna do SV, mas também outros fatores como propriedades lexicais dos verbos quantificados.

Quantificadores podem ser entendidos como expressando o grau da predicação quando modificam verbos estativos, mas não em outros casos:

(290) "Achei um filme emocionante. **Gostei mais** do filme do que do livro."

[<http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/adoraveis-mulheres/adoraveis-mulheres.asp>]

(291) Eu, em poucos anos, já **viajei mais** para a América do Sul do que todos os presidentes que passaram pelo Brasil. Já **viajei mais** para a África do que os presidentes que passaram pelo Brasil.

[[http://www.radiobras.gov.br/integras/2005/integra\\_20042005\\_1.htm](http://www.radiobras.gov.br/integras/2005/integra_20042005_1.htm)]

A diferença básica consiste no fato de que verbos estativos predicam propriedades dos sujeitos, mas não predicam o envolvimento desses sujeitos em eventos, ao contrário de, por exemplo, verbos de atividades como *viajar*, em (291). Verbos estativos, como *gostar*, em (290), podem ser entendidos como predicados cuja “intensidade” ou grau no sujeito é dada por *mais*. Nesse caso específico a predicação *gostar do filme* é mais intensa, para o sujeito, do que a predicação *gostar do livro*. Já em casos como (290), a quantificação parece se dar sobre os eventos denotados pelo verbo: *mais* está comparando a quantidade de eventos em que o sujeito se envolveu com a quantidade de eventos do mesmo tipo em que outros indivíduos (*todos os presidentes que passaram pelo Brasil*) se envolveram.

Uma das maneiras de verificar a oposição entre esses dois tipos de verbos, quando quantificados, é substituir o quantificador por uma expressão quantificada de repetição de evento mais explícita, do tipo *x vezes*, em que *x* é substituído pelo quantificador correspondente:



(292) Eu gostei do filme **mais vezes** do que do livro.

(293) Nosso Guia viajou **mais vezes** para a América Latina do que todos os presidentes que passaram pelo Brasil (inclusive Reagan e Carter).

(293) é um sinônimo exato de (291), enquanto (292) não expressa a comparação entre os graus de predicação de *gostar do filme* e *gostar do livro* para o sujeito, como em (290), antes afirma que houve várias ocasiões em que o sujeito gostou do filme, assim como várias ocasiões em que ele gostou do livro, mas que o número de ocasiões do primeiro tipo é maior do que do segundo.

Dessa forma, pelo menos três tipos diferentes de predicação podem ser reconhecidos entre os estativos. Um primeiro grupo é formado pelos verbos de experienciamento de sentimentos, como *gostar, aspirar, amar, querer*:

(294) Estes fizeram uma proposta que ficaria conhecida como Acordo Complementar, que, apesar de algumas melhorias – como a redução da área a ser explorada –, não oferecia algo a que os iranianos  **muito aspiravam**: treinamento para cargos mais elevados nas companhias e abertura dos livros da empresa para auditores iranianos.

[RSP2977: 2]

(295) Eu o **amo demais** e acho que ele não me ama na mesma proporção.

[<http://www.vaidarcerto.com.br/consultorio2.php?dcodigo=6208>]

(296) Barcelona **quer muito** o título, afirma Alex.

[<http://multimedia.terra.com.br/esportes/esportestv/interna/0,,OI85127-EI8028,00.html>]

Um segundo grupo é formado pelos verbos de relação, como *relacionar-se, consistir, implicar*:

(297) Este item **relaciona-se muito** a cargos de propaganda, secretariado executivo, e assistência.

[[http://estrelaguia.virgula.terra.com.br/loja/exemplos/exemplo\\_prod18.html](http://estrelaguia.virgula.terra.com.br/loja/exemplos/exemplo_prod18.html)]

(298) Vê-se que as qualidades em receber, oferecer e partilhar os alimentos **consiste muito mais** em qualidades de esmero, cuidado, do que no luxo das iguarias.

[HQD 3799: 12]

(299) Fabricação **implica menos a** criação e mais a. construção, elaboração de um bem.

[<http://geein.fclar.unesp.br/producao2/teses/arquivos/221106Disserta%C3%A7%C3%A3o-Carolina%20Andrade.pdf>]

Finalmente, o terceiro grupo é o dos verbos que poderíamos chamar de “qualitativos”, ou “valorativos”, como *contar, importar, valer*:

(300) Partidos tradicionalistas, sobretudo os de corte religioso, não **contariam muito**, pois não incorporam muitas mulheres e não dão relevância a essa questão.

[RSP 2972: 6]

(301) Parece que para todos os góticos entrevistados, o visual **importa bastante**, mas ao contrário do que a maioria das pessoas costumam pensar, ele é apenas uma maneira de exteriorizar o que esse pessoal tem dentro de si.

[<http://www.por.com.br/?page=noticias&noticia=336&caderno=1>]

(302) Santiago **vale mais** que um "pit stop" rumo às estações de esqui.

[<http://www1.folha.uol.com.br/folha/turismo/noticias/ult338u5150.shtml>]

No primeiro grupo, pode-se entender o sentimento como algo cuja concentração (intensidade, grau) no sujeito (experienciador) é dado pelo quantificador. Da mesma forma, no segundo grupo, a relação específica denotada pelo verbo entre os dois termos (representados pelos SN à esquerda e à direita do verbo) são graduadas, têm o seu grau demonstrado pelos intensificadores. E, no terceiro caso, a quantificação expressa o grau da qualificação que é feita sobre o sujeito por esses verbos – sempre intransitivos, por sinal.

Essa propriedade de expressar predicação, por parte dos verbos estativos, pode ser pensada através de uma equivalência entre o predicado cujo núcleo é o verbo e um predicado em que o verbo é substituído pela cópula mais um adjetivo correspondente. Assim, (303), (304) e (305) representariam esse tipo de equivalência com (295), (298) e (301), respectivamente:

- (303) Eu sou **afeiçoada demais** a ele e acho que ele não me ama na mesma proporção.
- (304) As qualidades em receber, oferecer e partilhar os alimentos **é formada muito mais** por qualidades de esmero, cuidado, do que no luxo das iguarias.
- (305) Parece que para todos os góticos entrevistados, o visual **é bastante importante**.

Embora se possam reconhecer muitos verbos como estativos, a estatividade não parece depender exclusivamente das propriedades lexicais do verbo. Em Guimarães (2002), argumentei que sentenças no presente simples – habituais, genéricas ou disposicionais – são estativas. Nesses casos, não importa muito a classe aspectual “intrínseca” (o que quer que signifique isso) do verbo utilizado; a sentença no presente simples não denota necessariamente eventos efetivos. Assim, (306) não faz referência necessariamente a qualquer evento particular:

- (306) Nosso Guia viaja para a América Latina.

Na verdade, excluindo-se a interpretação mais imediata de futuro, (306) tem uma interpretação nômica: significa principalmente que o presidente admite viajar para a América Latina. Com a presença de um quantificador, a interpretação parece ser mais habitual do que nômica, e parece ligar-se muito mais a uma generalização sobre evidências:

- (307) Nosso Guia viaja mais para a América latina que outros presidentes.

(307) quase tem uma leitura eventiva, já que necessariamente tem de predicar a existência de eventos para que a comparação se torne válida. Pelo fato de que o presente simples sempre deixa aberta a disposição para novos eventos, no entanto, não há como entender essa sentença como eventiva.

Em Guimarães (2002: 207), eu fiz uso da distinção entre disposicional e eventivo para caracterizar a diferença entre sentenças com construções progressivas e sentenças sem essas construções. Por eventividade entendi “a leitura de um predicado conforme o envolvimento do sujeito em eventos de um determinado tipo” e a disposicionalidade como “a leitura de um predicado como atribuindo uma propriedade a um sujeito”. Sentenças no progressivo predicariam sempre a existência de eventos do tipo denotado pelo predicado verbal, ao contrário do que ocorre com sentenças não-progressivas. Ao que parece, no entanto, a presença de um quantificador modificando o verbo parece pressupor também para a sentença não-progressiva a predicação necessária de eventos. No entanto, ainda existem diferenças entre a forma progressiva e não progressiva:

(308) Nosso Guia está viajando mais para a América Latina que outros presidentes.

Pode-se dizer que a diferença está em que (308) não predica nenhuma nomicidade, quer dizer, não predica a possibilidade de que os eventos vão continuar a ocorrer, nem que vão continuar a ocorrer na proporção (mais para Nosso Guia do que para os outros presidentes), como (307) o faz.

Muito embora o presente simples caracterize uma leitura mais habitual – e portanto, mais estativa do que eventiva, a leitura estativa não está excluída mesmo com verbos de atividade e tempos mais eventivos, como o pretérito:

(309) não, eu quase não ia porque eu não **jogava muito**, então, tinha, vamos supor, nós tínhamos nosso timinho [de]- de piazzada, né?

(PRCTB01/SLIN:0913)

À primeira vista pode parecer estranho que a relação seja *não ia porque não jogava muito* e não *não jogava muito porque não ia* – afinal os eventos do tipo *jogar* teriam mais chance de se repetir quanto mais fossem as oportunidades para tanto – marcadas pelos eventos de tipo *ir*. Mas o que se predica não é que o evento não se repetia muito porque as oportunidades não se repetiam: o que se predica é que o evento de *ir* (para jogar) não se repetia porque a propriedade de *jogar* tinha uma intensidade relativamente baixa (*não muito*) para o sujeito. *Jogar muito*, aqui, não significa *jogar muitas vezes*, ou *jogar muito tempo*, mas *jogar bem* ou, mais especificamente *jogar propriamente*. O significado de (309) poderia ser assim descrito: a propriedade de *jogar* não era predicada em muita quantidade (ou em quantidade *muita*) do sujeito, por isso ele não era tão chamado para se envolver em eventos do tipo jogar.

Desse modo, a assunção feita em Guimarães (2002) de que os verbos devem ser entendidos não só como expressões predicadoras – mas como denotando o envolvimento dos sujeitos (e/ou objetos) envolvidos em eventos – não deve ser entendida como um critério para distinguir entre verbos estativos e eventivos. Muito embora alguns verbos sejam mais caracteristicamente – ou predominantemente – estativos e outros eventivos, a escolha da denotação de predicação ou de envolvimento em eventos não é totalmente inevitável para nenhum deles.

As diversas leituras com relação à quantificação, no que se refere aos verbos, podem ser direcionadas composicionalmente por outros elementos no co-texto das sentenças. Assim se o falante enunciador de (309) tivesse dito:

(310) Eu não **jogava muito**, mas jogava todo dia, oito horas por dia.

Seria o caso de se afirmar que *eu não jogava muito* era verdadeiro do falante em termos de intensidade da predicação, ao mesmo tempo que *eu jogava muito* era verdadeiro em termos da quantidade de eventos do tipo *jogar* em que o falante se envolvia, e do tempo em que ele se envolvia nesses eventos. Da mesma forma, em (311) se pode ter a diferença entre a quantificação sobre eventos e sobre quantidade

de tempo, muito embora a sentença pudesse pressupor também algo como *pouco por dia, mas muito no fim das contas*:

- (311) Eu jogava pouco, pois embora jogasse todo dia, jogava só cinco minutos por dia.

Assim como certos verbos e construções direcionam para leituras de quantificação sobre predicação, a quantificação sobre eventos parece ser predicada sempre, ou ao menos preferencialmente, quando se trata de verbos de *achievement*, ou construções de *accomplishment*:

- (312) não, eu freqüento muito missa, eu **vou muito** na igreja também, né?  
(PRCTB04/SLIN:0493)

- (313) Então fui fazer um levantamento das idéias prévias dos alunos... idéias prévias ou concepções prévias, a gente **encontra muito** esta expressão na literatura de ensino de Ciências, de Física, de Biologia, de Química, de Geologia, tá?

[<http://libdigi.unicamp.br/document/?view=vtls000219689>]

- (314) Na época do 1.3 /1.3b , quem me conhece sabe, que mesmo com modem eu jogava em server gringo. Ping entre 300/450. **Morria bastante...** mas matava tb.

[<http://forum.hardmob.com.br/archive/index.php/t-81502.html>]

- (315) bom, portugal **dominou mais** a bola, **chutou mais**, recebeu muitas faltas, são indícios que estava melhor no jogo... mas eu nem vi o jogo hehe, pelos numero eu deduzo isso.

[<http://forum.hardmob.com.br/archive/index.php/t-252460.html>]

- (316) Mesmo com seus mais de cem quilos, ele já **fez muito** o papel de Lara Croft.

[[http://games.aol.com.br/especiais/materias\\_aol/2003/10/0003.adp](http://games.aol.com.br/especiais/materias_aol/2003/10/0003.adp)]

- (317) **Joguei muito** o Bomberman Online (nick Bino) e hoje sou um campeão, de verdade, venci um Campeonato Mundial no servidor europeu/USA  
[<http://forum.jogos.uol.com.br/viewtopic.php?p=16284446&sid=e10600d77dd112b2aac8ae7539497990>]
- (318) Eu **uso bastante** isso pra fazer sites => eh muito bom memso...  
[<http://www.webtutoriais.com/forum/index.php?showtopic=9076>]

Dado que verbos de *achievement* denotam eventos pontuais, um quantificador em uma tal sentença só pode denotar a quantificação sobre a reiteração desses eventos. Por outro lado, o ponto final demarcado nas construções de *accomplishment* também faz com que o quantificador denote a quantificação sobre a reiteração de eventos. De uma certa forma, esse ponto de mudança de estado bem marcado, no caso dessas duas construções, de uma certa forma imuniza os quantificadores para as outras leituras.

Uma das maneiras de verificar uma leitura de quantificação sobre eventos, como já disse acima, é a de substituir o quantificador por uma expressão do tipo *x vezes* em que *x* seja ocupado pelo quantificador. Isso se dá porque expressões do tipo *x vezes* são marcadores explícitos de reiteração de eventos. Por isso não podem co-ocorrer com quantificadores quando em leitura de quantificação de eventos ((321) e (320)), embora possam co-ocorrer com quantificadores quando em outras leituras (321):

- (319) \*Joguei muito cinqüenta vezes o Bomberman Online.  
(320) \*João Gordo já fez muito vinte vezes o papel de Lara Croft.  
(321) Dormi demais muitas vezes esta semana.

Da mesma maneira, os quantificadores não podem ocorrer com outras expressões e locuções que marcam freqüência e/ou reiteração de eventos (aspectualizadores):

- (322) \*Eu vou muito diariamente na igreja.  
(323) \*Eu vou muito toda semana na igreja.

(324) \*Eu vou freqüentemente bastante na igreja.

Observe-se que os asteriscos nas formas acima dizem respeito aos quantificadores e aspectualizadores quando co-ocorrendo na mesma sentença e no mesmo âmbito de modificação. A prosódia admite, no entanto, que essas expressões co-ocorram em situações que a expressão/locução de freqüência, funcione como explicativo do quantificador; algo como o que é indicado, na escrita, por vírgulas:

(325) Eu vou muito, diariamente, na igreja.

(326) Eu vou muito, toda semana, na igreja.

Em construções progressivas, o quantificador necessariamente barra a leitura semelfactiva, uma vez que expressa a reiteração de eventos:

(327) Eu estou indo na igreja.

(328) Eu estou indo muito na igreja

(327) pode indicar tanto a leitura semelfactiva, de um evento só e do “evento (necessariamente) em curso”, quanto a leitura habitual, enquanto que (328) mantém apenas a leitura habitual.

A oposição clara entre verbos que têm uma leitura de quantificação sobre predicação e os que têm uma leitura de predicação sobre quantidade de eventos só se dá se o contraste for feito entre verbos claramente estativos e de *achievement*. Com outros tipos de verbos, se a leitura de quantificação sobre o grau de predicação não é possível por se tratar de propriedade exclusiva dos verbos estativos, outros tipos de quantificação parecem ocorrer.

Um outro componente do modelo de interpretação que deve ser implementado para a descrição do comportamento dos quantificadores no SV é a estrutura de referência temporal. Não só a denotação de eventos e a interação com o aspecto pode exigí-la, mas também o fato de que certas construções com quantificadores no SV parecem expressar uma leitura de quantificação sobre a



duração dos intervalos de tempo do evento predicado, e mesmo certos verbos parecem selecioná-la naturalmente. Alguns desses verbos são naturalmente predicadores de duração temporal, como *demorar* (329) ou *durar* (330) – ou, ainda, *levar* (331) e *ficar* (332), no sentido “durativo” – ou indicam uma “atividade” ou “estado” implicitamente estendidos ao longo do tempo, como *esperar* (333), *conviver* (334), *viver* (335) ou *dormir* (336):

(329) A reforma ministerial que o governo está parindo **demorou mais** para se concretizar do que os habituais nove meses de gestação.

[<http://clipping.planejamento.gov.br/Noticias.asp?NOTCod=206517>]

(330) Ae amigo Pinta Não... Vai numa Cromeadora e pede os cara pra polir eles pra vc, que[m] ja poliu roda sabe como e, o aluminio vai ficar Brilhando ai vc manda um verniz so de leve que e para o brilho durar mais tempo. Fiz isso no meu e **durou bastante**

[<http://comunidadetuning.com.br/forum/viewtopic.php?p=41640&sid=e6507fb2198f7625052e08e1c83f0f0f>]

(331) depois eles logo não me lembro que ano foi, mas acho que uns dois, três anos sanepar puxou água e depois **levou mais**, não sei, não me lembro agora quanto tempo, aí eles instalaram o esgoto, né?

[SLIN:0199]

(332) Mas **fiquei pouco** lá né... mudei na segunda e na quarta já estava aqui.

[<http://www.luanamercurio.blogger.com.br/>]

(333) Quem não é jogador de futebol ou patinador famoso espera **muito** para ser reconhecido como bom para a França.

[<http://diplo.uol.com.br/2002-06,a322>]

(334) **Convivi pouco** com meu pai, e o que assimilei deste entrecortado relacionamento foi a imagem de um homem autoritário, ausente e instável – tinha lá seus dias de maior carinho, daí ser instável.

[[http://www.submarino.com.br/business/i\\_firstchapter.asp?pid=147320&prodtypeid=1](http://www.submarino.com.br/business/i_firstchapter.asp?pid=147320&prodtypeid=1)]

(335) No confronto entre uma criança de 7 anos de idade e um idoso de 65 anos de idade, vítimas de acidente de carro, a criança foi privilegiada

por 287 (72,7%) pesquisados, [...] "Porque a criança precisa mais e o idoso já **viveu bastante**".

[[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-42302002000200031&script=sci\\_arttext&tlng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-42302002000200031&script=sci_arttext&tlng=en)]

(336) nas ferias eu **durmo demais** haha eu praticamente n vejo o sol, pq qndo ta sol eu to durmindo ehauhauha

[<http://forum.cifraclub.terra.com.br/forum/11/96012/>]

Verbos de duração temporal, como *demorar* e *durar* parecem se comportar como outros verbos de medida que pedem como complemento “SNs de medida” especificados por seus traços lexicais (*cf. medir, pesar, gastar*) – neste caso específico SNs que expressem descrições de intervalos de tempo. Porém, o mesmo não pode ser dito de *esperar* e *viver*, em que claramente há a possibilidade de ocorrer o quantificador mesmo quando o complemento interno do verbo está preenchido, como em (337) e (338):

(337) A senhora **esperou muito** o governador Roriz, entregou seu destino político a ele.

(338) Às vezes, acho que **vivi pouco** a fase da lagartinha, mas... talvez ela ainda esteja presente em várias situações que eu só percebo agora...

[<http://www.flogao.com.br/bethtrakininha/foto/16/9081417>]

*Dormir*, no entanto, embora não seja um operador de duração temporal, como *durar*, *demorar* etc., tem essa duratividade como traço inerente. Talvez isso indique que tenhamos os mesmos motivos para considerar os quantificadores, quando aplicados a *dormir*, como argumentos internos de medida, como ocorre com os verbos de duração temporal. Observe-se que *dormir* é um daqueles verbos intransitivos, como *morrer*, citado por Perini (1998: 160, para os exemplos (339) e (340)), que eventualmente aceitam um objeto direto. Perini também observa que alguns verbos que possuem traços lexicais muito semelhantes não aceitam objetos diretos, como em (339):

- (339) Ele morreu uma morte tranqüila.
- (340) \*Ele nasceu um nascimento tranqüilo.
- (341) Mãezinha, não fique pensando que eu sofri no instante da morte, pois eu não vi nada, antes do golpe fatal senti como que um desmaio e vi vovó ao meu lado mandando eu repousar. Me achei ao colo dela e dormi um sono tranqüilo.
- [<http://www.espirito.org.br/portal/palestras/irc-espirtismo/palestras-virtuais/pv130401.html>]

Esse tipo de objeto direto, menos que um verdadeiro objeto da ação ou processo denotados pelo verbo, podem ser entendido como uma espécie de descrição – uma espécie de nominalização do evento ou processo descrito pelo verbo realizada no interior da própria estrutura de sentença nominalizada. A presença desse objeto direto preenchido parece bloquear a ocorrência de quantificador no SV, ou impor uma leitura de quantificação sobre eventos, como ocorre em outras construções com SN preenchido:

- (342) ?Ele morreu muito uma morte tranqüila.
- (343) ?Eu dormi muito um sono tranqüilo.

Em outros verbos em que a leitura durativa não é especificada por traços lexicais, ela pode ocorrer, embora seja uma das leituras possíveis, dentre outras:

- (344) Enquanto estive no Brasil, **corri bastante** na parte mais quente do dia para habituar-me ao calor da Malásia.
- [[http://quatorrodas.abril.com.br/grid/noticias/0302/14\\_01.shtml](http://quatorrodas.abril.com.br/grid/noticias/0302/14_01.shtml)]
- (345) Como **trabalha bastante**, Lelei é caseira e gosta de se ocupar com os tarefas do lar em seu tempo livre.
- [<http://www.coletiva.net/perfilDetalhe.php?idPerfil=206>]
- (346) Vestibulando **estudou mais** que seus pais. [...]Mais de 70% dos estudantes que concluíram o ensino médio no ano passado têm escolaridade superior à de seus pais.

Nos exemplos acima, outros elementos textuais parecem selecionar – ou direcionar para – as leituras de quantificação sobre a duração, desambigüizando as sentenças. Não fosse isso, e outras interpretações seriam possíveis. (344) pode ter uma leitura de argumento nominal exigido/permitido pela semântica do verbo, em que *bastante* represente a distância percorrida, ou mesmo uma leitura de quantificação sobre eventos (= *corri bastante vezes*). Também *tempo livre*, em (345) pode sugerir uma leitura de quantificação sobre intervalos, embora nesse mesmo exemplo uma leitura de concentração do evento/atividade no intervalo de tempo não esteja excluída. E em (346) a explicação de que se trata de “maior escolaridade” força a leitura durativa para *mais* – e conseqüentemente sua interpretação como modificador do verbo, e não seu argumento.

Semelhantemente ao que ocorre com os quantificadores que selecionam leitura de quantificação sobre eventos e que podem ser substituídos por locuções do tipo *x vezes*, quantificadores que selecionam leitura de quantificação sobre a duração do intervalo de tempo do evento/estado podem ser substituídos por locuções do tipo *x tempo*:

- (347) Vivi **pouco tempo** a fase da lagartinha.
- (348) A reforma ministerial demorou **mais tempo** do que os nove meses de gestação.
- (349) Mas fiquei **pouco tempo** lá, né?
- (350) A senhora esperou **muito tempo** o governador.

Uma terceira possibilidade dos quantificadores como modificadores de verbos/SVs é a expressão daquilo que eu chamo de densidade ou concentração de eventos em seus intervalos de tempo de evento:

(351) Quem foi que **estragou mais** o planeta Terra, tirou mais proveito e deu menos em troca do que recebeu?

[<http://paginas.comentarios.ig.com.br/ig/01/35/99/comentarios/2006/07/23/99248.xml>]

(352) Não quando tinha 3 anos meu braço atravessou a porta de vidro, **rasgou muito** dava para ver até o osso.

[<http://forum.hardmob.com.br/boteco-hardmob/t-hm-page4-280657.html>]

(353) Uma colega que estava comigo gastou diversos guardanapos e ainda **sujou bastante** o chão propositalmente...

[<http://www.overmundo.com.br/guia/comer-e-subir-ladeira/>]

*Estragar, rasgar, sujar* são verbos processuais: expressam uma ação do sujeito que acaba mudando um estado do objeto – ou, melhor ainda, acaba criando um estado nesse objeto. Tanto mais intenso for esse processo, maior será o grau da predicação do estado resultante. Isso pode ser visto pela correspondência entre os adjetivos participiais em (354)-(356) e os verbos processuais em (351)-(353):

(354) O planeta está mais estragado.

(355) O braço ficou muito rasgado.

(356) O chão ficou bastante sujo.

Ao lado desses verbos processuais transitivos (ou ergativos), existe uma série de outros verbos da mesma natureza – expressando a produção de estados, de predicções, mas no próprio sujeito/experienciador, com ou sem controle da mudança de estado experienciada:

(357) Saber de pessoas e mais pessoas que levam a vida como uma grande representação teatral (no mau sentido da coisa) **desanima muito**.

[<http://www.muitosuspeito.blogspot.com.br/>]

(358) Outras explicações, menos plausíveis que a vinculação direta com o regime político, fundamentam-se em vários aspectos do processo

emancipacionista (causas sociais e políticas) e **variam muito** quanto à abordagem teórico-epistemológica adotada.

[RSP 2968: 3]

- (359) \*então, quer dizer, o bairro **evoluiu muito**, mas não aquela evolução total porque, você vê, hoje nós temos rua aqui sem saída.

[PRCTB01/SLIN:0171]

- (360) \*não, (hes) a armação, né? de madeira [do sofá] não **muda muito**.

[PRCTB03/SLIN:0552]

Os verbos acima não denotam uma “ação”, e tampouco um estado. Ao contrário: a principal característica dos verbos estativos é denotar a conservação ou permanência de um estado ao longo do intervalo de tempo a que a sentença se circunscreve. O que ocorre aqui é a denotação de uma mudança de estado – daí que talvez possamos falar em verbos “anti-estativos” ou “desestativos”.

Uma leitura de densidade/concentração de eventos em um dado intervalo de evento é possível, igualmente, para verbos que não sejam processuais e/ou de mudança de estado:

- (361) **Viajei intensamente** e participei das mais importantes feiras e eventos relacionados ao mercado de Turismo, objetivando divulgar a empresa e conhecer o mercado consumidor local.

[<http://www.guiadeempregos.com.br/db/mostrar.php3?p=guiadeempregos&tipo=c v&area=Turismo&numero=82612>]

- (362) Levei só as aquarelas porque os óleos não foram permitidos, não puderam ir, já que tinham que ser registrados no Patrimônio Histórico. **Trabalhei muito** lá, fiz muitas telas, trabalhos incríveis como “Luna Piena” que tinha um metro e vinte de altura.

(<http://www.revista.agulha.nom.br/ag52francisco.htm>)

- (363) Quando saí para o sexto lançamento, **corri muito** e saquei muito forte.

[<http://www.boliche.com.br/cronicas.htm>]

Em (361) e (362), o que se predica não é tanto a quantidade de eventos, mas a intensidade da repetição deles no intervalo de tempo a que a sentença se circunscreve. Em (363), *muito* não quantifica a distância (argumento), a repetição de eventos ou o tempo, mas a velocidade – o que se poderia entender como um evento mais intenso, mais concentrado no mesmo intervalo de tempo.

A quantificação, no âmbito do SV, parece envolver uma dessas três modalidades, ainda que a leitura de uma determinada sentença possa ficar ambígua com relação a qual das três deve ser escolhida. A seleção de uma dessas leituras pode depender de diversos fatores, como se viu acima, mas não depende do quantificador, ao menos em se tratando daqueles quantificadores de espectro amplo – os que também ocorrem em outros âmbitos sintáticos de modificação, como *muito, pouco, mais, menos, demais, bastante, tanto* etc.

O mesmo não se pode dizer dos advérbios quantificadores (ou intensificadores) terminados em *-mente*. Alguns deles selecionam necessariamente construções – ou leituras – de grau, seja com verbos estativos, como (364) a (366), ou verbos que selecionam uma leitura de densidade de predicação, como (367) a (368):

- (364) E eu conheço pouco de bandas italianas, mas **gosto imensamente** do Jacula, o vocal do Antonio Bartoccetti falado, bem grave, é muito bonito, e tem exatamente o tom que eles queriam passar.

[<http://www.soundchaser.com.br/phpBB2/viewtopic.php?t=11&postdays=0&postorder=asc&start=40&sid=ed4364a0f585f2901215bb0fa5d19171>]

- (365) Que o coro desempenhe uma parte na ação e um papel pessoal; não fique cantando entre os atos matéria que não condiga com o assunto, nem se **ligue** a ele **estritamente**.

[[http://www.ufrgs.br/proin/versao\\_1/textos/artes.doc](http://www.ufrgs.br/proin/versao_1/textos/artes.doc)]

- (366) O sistema atual **consiste grandemente** nas lojas conhecidas manterem filiais em todas as boas cidades e é o que acontece aqui também.

[<http://www.hoteisemniteroi.hoteis.com.br/>]

- (367) A razão é- valores de mão **flutuam grandemente** dependendo do número das pessoas no pote.  
[[http://portugues.softpicks.net/list/index4\\_4\\_0i.htm](http://portugues.softpicks.net/list/index4_4_0i.htm)]
- (368) Por aqui muita coisa aconteceu:  **aumentou enormemente** o número de moradores (...).  
[<http://www.agenciariodenoticias.com.br/noticias.asp?cod=4929>]
- (369) Estima-se que ocorram, anualmente, 3.000 óbitos de mulheres no ciclo gravídico-puerperal, **variando largamente** os coeficientes entre os diversos Estados e Regiões.  
[<http://www.social.org.br/relatorio2004/relatorio029.htm>]

Também quantificam apenas sobre grau advérbios como *totalmente* e *completamente*, que expressam o grau máximo da escala – o equivalente a *todo* e *tudo*, no caso da quantificação sobre grau de predicação e sobre densidade de eventos:

- (370) Porém eu a amo muito e sei que ela me **ama completamente**.  
[<http://www.chabad.org.br/interativo/FAQ/magoa.html>]
- (371) De resto, a Missão **consiste totalmente** nisto, em levar aos outros Jesus Cristo, o Vivente, o "Pão partido para a salvação do mundo", o sinal incruento do sacrifício de Cristo na cruz, para a redenção eterna de todos os homens, de todas as gerações.
- (372) Os mesmos testes que nós evocamos antes puseram em evidência que a taxa de aminoácidos **varia totalmente** em função das variedades.  
[[http://www.kokopelli-seed-foundation.com/actu/new\\_news.cgi?id\\_news=115](http://www.kokopelli-seed-foundation.com/actu/new_news.cgi?id_news=115)]
- (373) Elaine **mudou completamente** sua vida: eliminou 30 quilos, separou-se e voltou a estudar.  
[[http://boaforma.abril.com.br/edicoes/192/fechado/eu\\_consegui/conteudo\\_406.shtml](http://boaforma.abril.com.br/edicoes/192/fechado/eu_consegui/conteudo_406.shtml)]



Mesmo com verbos mais “eventivos”, esses advérbios parecem selecionar uma leitura de quantificação sobre densidade de eventos:

(374) O protesto, que começou por volta das 4h30m, **fechou totalmente** a pista central da Presidente Vargas da esquina da Avenida Passos até a esquina com a Rio Branco.

[<http://clipping.planejamento.gov.br/Noticias.asp?NOTCod=242817>]

(374) predica apenas um evento, e diz que a densidade desse evento é máxima – ou atingiu seu ponto máximo. A predicação de densidade de evento pode causar estranheza em casos em que a ocorrência dos eventos não admite uma gradação:

(375) Nosso Guia **foi totalmente** para a América Latina.

A presença de um sujeito atômico (contável) impede que o evento *ir* seja visto como graduável. A mesma estranheza não se dá quando o sujeito é não contável, situação em que a possibilidade de gradação permite a expressão dos graus intermediários:

(376) O carregamento não foi totalmente para a América Latina.

Um segundo grupo é composto de advérbios que denotam predominantemente quantificação sobre eventos:

(377) O senador disse levar uma vida caseira, **raramente vai** ao cinema e privilegia os filmes na TV com a mulher.

[<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u81799.shtml>]

(378) Luz explicou que não **encontrava frequentemente** o diretor do pátio do centro de serviço, tendo de passar as ordens para o chefe de divisão.

[<http://www2.uol.com.br/debate/1198/regiao/regiao03.htm>]

(379) Nosso site tem um sistema de video conferencias Flash Chat , temos instalado um servidor dedicado FlashCom, mais nao sei o que acontece

com o sistema, ele **trava constantemente** e **cai**, me deixa na sala de chat sem audio nem video tenho que entrar no server e reiniciar o flash

[<http://www.flashcom.com.br/forum/viewtopic.php?p=31&sid=decda7b9c4616fa7a556eb3b7814e7ea>]

*Constantemente* pode aparecer com leitura de quantificação sobre grau de predicação, e com verbos de mudança de estado:

- (380) O líder cubano Fidel Castro "**melhora constantemente**" e "não está morrendo", afirmou nesta quarta-feira seu irmão Raúl, provisoriamente no poder, em uma mensagem enviada a uma revista cubana.

Em casos como (380), *constantemente* é uma espécie de quantificador "progressivo", expressando não um grau, mas um movimento na escala de graus – a direção desse grau, em direção à região do muito ou do pouco vai depender de propriedades semânticas lexicais do verbo:

- (381) Esta combinação não é facilmente encontrada em sistemas de produção nos quais o desempenho animal **diminui constantemente** com o aumento nas taxas de lotação, uma vez que nestas circunstâncias não é sensato fixar taxas de lotação restritas ao ponto de máximo desempenho por animal (Hodgson, 1984).

[[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-90162001000100002&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-90162001000100002&script=sci_arttext&tlng=pt)]

*Gradualmente* à semelhança de *constantemente*, também denota variação progressiva de grau (382), mas não tem a mesma possibilidade de apresentar leituras de quantificação sobre eventos. (383) expressa que a culminação dos eventos descritos por *travar* e *cair* se dá de maneira gradual, e não pontual:

(382) Conclusão: o comprimento do colo do útero **diminui gradualmente** durante a gestação gemelar, mas as mudanças parecem ser mais significativas na segunda metade da gestação.

[[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-72032002000600004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-72032002000600004)]

(383) O sistema trava gradualmente/cai gradualmente.

Já *raramente*, mesmo com verbos estativos, conserva seu sentido de quantificador sobre eventos. (384) predica que foram raros (= “muito poucos”) os eventos em que o sujeito melhorou:

(384) O líder cubano raramente melhorou desde que foi internado.

Um terceiro grupo de advérbios parece selecionar predominantemente leituras de quantificação sobre intervalos de tempo:

(385) À tarde **conversamos longamente** com o Archimedes Carpentieri, principal historiador regional.

[<http://www.brasiloste.com.br/diarios-nova-xavantina.php>]

(386) O reitor ressaltou a disposição da universidade em cooperar com as ações do ministério e **falou brevemente** sobre projetos relevantes da universidade, como o Tecbor e o Amazônia do Brasil.

[<http://www.unb.br/acs/unbagencia/ag0204-10.htm>]

Finalmente, existe um grupo de advérbios que, apesar de modificadores do verbo, parecem expressar quantificação sobre o conteúdo argumental do SV, como *abundantemente*, *copiosamente*, *escassamente*.

(387) Cárie dentária, para prevenir a: **Comer** maçã **abundantemente**.

[<http://www.portalnatural.com.br/mostramateria.asp?codigodamateria=67>]

- (388) Aí me meto a pensar: alguém que está de regime mas **come copiosamente, bebe copiosamente** e, no final, toma um cafezinho com aspartame está fazendo uma refeição com hipocrisil.  
[<http://revistatrip.uol.com.br/143/negras/06.htm>]
- (389) "O público **compareceu escassamente** — diz Belisário — ao I Salão.  
[<http://almanaque.folha.uol.com.br/semana10.htm>]

### 3.5. Quantificadores Modificando Numerais.

Como já vimos, apenas *mais* e *menos* modificam numerais. Pode-se citar três contextos de ocorrência de quantificadores modificando numerais, conforme o tipo de construção, e também o tipo de operação que esses quantificadores exercem:

- (390) Só este ano já morreram **mais de cinco** pessoas no trecho”, declarou.  
[<http://www.camarablu.sc.gov.br/noticias/novojournal/tribuna/tribuna02.htm>]
- (391) Dos 29,1% de consumidores nordestinos, 9,4% ganha **menos de três** salários mínimos (R\$ 1.050,00) (...)  
[<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=400838>]
- (392) Catanduvas recebe **mais cinco** presos de alta periculosidade.  
[<http://www.estadao.com.br/ultimas/cidades/noticias/2007/jan/26/204.htm>]
- (393) As mulheres têm **menos quatro milhões** de neurônios do que os homens.  
[[http://www.cidade.usp.br/educar2002/modulo8/alunos/paulete.kuperszmit/0003/tpl\\_annotacao.html](http://www.cidade.usp.br/educar2002/modulo8/alunos/paulete.kuperszmit/0003/tpl_annotacao.html)]
- (394) Capacidade: **1** piloto **mais cinco** ou seis passageiros.  
[<http://www.helibras.com.br/detRelease.asp?codigo=17>]
- (395) Dois. Porque **quatro menos dois** é dois.  
[[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2004000100016&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2004000100016&script=sci_arttext)]

Em construções como (392) a (395), *mais* e *menos* se ligam diretamente aos numerais; já em construções como (390) e (391), essas expressões se ligam aos

numerais com o auxílio de *de*, *que*, ou *do que*. Podemos resumir essas ocorrências de acordo com as fórmulas abaixo:

contexto 1 : QF[LIG[NUM]]

contexto 2: QF[NUM]

contexto 3: [NUM] QF [NUM]

em que:

LIG: DE/DO QUE/QUE

Tanto *mais* quanto *menos* são essencialmente expressões comparativas. Significa que elas não só indicam uma quantidade, mas sempre estabelecem uma comparação entre a quantidade indicada e uma outra quantidade. A quantidade denotada por *mais* e *menos* nem sempre é definida no discurso. Assim, em (390), tudo o que sabemos sobre o número de pessoas que morreram em certo trecho entre os números 3.000 e 5.400 da rua Progresso, em Blumenau, é que ele é maior que cinco, mas não o número exato. Isso é o que tem levado as gramáticas a classificarem *mais* e *menos* entre os quantificadores *indefinidos*.

Numa construção comparativa completa, os dois termos de comparação podem ser identificados. Senão vejamos:

(396) Mais pessoas morreram no trecho este ano.

A fim de maior explicitação, vou reconstruir em (397) a parte do segundo termo que costuma ser (obrigatoriamente, aliás) elidida por que repete os elementos do primeiro:

(397) Mais pessoas morreram este ano do que pessoas morreram no ano passado/em outros anos.

Identificando as partes de cada termo teríamos:

(398) Mais<sub>Q</sub> [pessoas morreram este ano]<sub>TC1</sub> do que [pessoas morreram o ano passado]<sub>TC2</sub>

De maneira geral, a estrutura de uma construção comparativa pode ser dada, em linhas gerais, da seguinte maneira:

*mais*:  $Q[TC1] > Q[TC2]$

*menos*:  $Q[TC1] < Q[TC2]$

Pode-se utilizar o mesmo recurso de reconstruir as partes elididas para as construções de quantificadores comparativos, a fim de lhes entender a estrutura. Já que essa reconstrução terá resultados diferentes, vejamos caso a caso. Em primeiro lugar, os quantificadores com numerais no contexto 1:

(399) Mais de cinco pessoas morreram este ano.

(399) ficaria, com a reconstrução das partes elididas, como:

(400) Mais [pessoas] de [que cinco pessoas] morreram este ano

TC1: pessoas morreram este ano

TC2: cinco pessoas

Aplicando-se as fórmulas, e substituindo-se a quantidade do segundo termo ( $Q[TC2]$ ) pelo seu valor, que é 5, teríamos:

(401)  $Q[TC1] > Q[TC2]$

$Q[TC1] > 5$

que é exatamente o que a sentença expressa: que o número de pessoas que morreram no dado trecho da referida rua é maior que cinco.

Esse esquema não funciona para construções em que o quantificador modifica numerais sem o elemento de ligação. Assim, em uma sentença como (402):

(402) Mais cinco pessoas morreram este ano.

não se pode pensar que o termo imediatamente após o quantificador seja primeiro termo de quantificação em uma estrutura comparativa, pois isso daria o resultado em (403), nem que seja o segundo termo em uma estrutura comparativa, pois isso daria o resultado em (404):

(403)  $Q[TC1] > 5$

(404)  $5 > TC2$

Quer dizer, a quantidade de pessoas que morreram este ano não é maior que (5), como diz (403) – aliás ela é exatamente igual a 5; tampouco se está expressando que a quantidade 5 de pessoas que morreram este ano é maior que qualquer outra quantidade de pessoas. *Mais cinco pessoas morreram este ano* claramente predica que o número total de pessoas (as que morreram este ano e as que morreram em outros períodos) é maior que cinco, mas não necessariamente que o número de pessoas que morreram em outro períodos é igual, menor ou maior que cinco – na verdade todos os três cenários são possíveis.

A solução consiste em entender que expressões que comportam um quantificador modificando um numeral sem elemento de ligação têm a mesma forma que construções como (394) e (395) – construções adição/subtração. Nessas construções, a fórmula que parece estar pressuposta não envolve a comparação entre quantidades, mas a simples adição:

(405) Neste helicóptero cabe um piloto mais cinco passageiros.

tem como fórmula:

(406)  $Q[TA1] + Q[TA2]$

correspondendo o quantificador *tão* somente ao sinal de adição. Nesse caso, *mais cinco pessoas*, em uma sentença como (402), corresponderia à mesma fórmula em (407):

(407) [TA1]: pessoas que morreram em outros períodos  
[TA2]: pessoas que morreram este ano

Apenas que na sentença (402) não se esclarece o primeiro termo de adição. Digamos que a situação, no caso do trecho da Rua Progresso, fosse a seguinte:

(408) Três pessoas morreram no trecho no ano passado, este ano mais cinco pessoas morreram.

posto na fórmula, em (406), teríamos:

(409) [TA1]: pessoas que morreram no ano passado  
Q[TA1]: 3  
[TA2]: pessoas que morreram este ano  
Q[TA2]: 5

Como a língua natural não é aritmética, que a soma final seja de oito pessoas não interessa diretamente. Pelo contrário, dependendo do contexto em que a afirmação em (402) estiver inserida, talvez interessasse mais alguma implicação do tipo “pessoas continuam morrendo”.

Esse uso de adição de *mais* – e de subtração de *menos* – não necessariamente expressa apenas relação entre quantidades. Também pode expressar um tipo de relação de inclusão/exclusão, dentro da circunscrição de SNs, por exemplo:



(410) Uma lástima, porque **eu mais o Paulo** e turma lá da Casa da Banha tínhamos a idéia de escrever um manifesto alternativo, no qual teríamos como principal libelo as roupas, os caretas e as caretas moganguentas que os caretas faziam só porque não usávamos desodorante.

[<http://www.nao-til.com.br/nao-66/bau-emoc.htm>]

(411) Toda a turma **menos 5** pessoas mudaram de lugar, eu fui po pé da senhora nogueira, visto k a cota de geografia não a deixava sair do lugar, então, foi tagarelice redobrada...

[<http://www.everguilty.weblogger.terra.com.br/index.htm>]

Esse uso de operadores de adição/subtração muito certamente pode ser relacionado ao uso de operadores de inclusão/exclusão de *mais* e *menos*, e também certamente pode revelar que o estudo da expressão da inclusão/exclusão nas línguas naturais deve incluir alguma reflexão sobre os recursos para a expressão da quantidade.

### 3.6. Quantificadores em Posição de Modificação de Advérbios

Até aqui esta tese tem trabalhado com a tese muito cândida e superficialmente formulada de que os quantificadores modificam advérbios. Isso pressuporia a existência de uma classe dos advérbios, o que não é garantido que seja o caso. Considerado em sua circunscrição tradicional, o conjunto de palavras em geral caracterizado como advérbios é bastante heterogêneo em suas propriedades sintáticas e semânticas, e muito difícil de ser reduzido a uma classe circunscrita a partir de critérios razoavelmente precisos - e a própria "classe" dos "advérbios intensificadores" pode servir de exemplo.

As dificuldades em dotar a classe dos advérbios, tal como ela é tradicionalmente circunscrita, de uma caracterização satisfatória aparecem em

CSOA, ainda que o assunto não tenha sido suficientemente explorado naquele texto, e os autores se desobriguem explicitamente desse encargo:

Todas as evidências apontam para o fato de que o advérbio *não* é uma classe de palavras com características morfossintáticas uniformes. Por isso, seria um contra-senso propor ou até mesmo ensaiar neste trabalho uma definição geral de advérbio – mesmo que nossa exposição possa ter criado essa expectativa no leitor; o que parece necessário é, ao contrário, aprofundar as distinções que acabam de ser esboçadas, tentando organizar a heterogeneidade das palavras que a tradição gramatical tem lançado acriticamente nessa classe. (CSOA: 80)

A equipe que elaborou CSOA estava dividida a respeito dessa questão (Ilari, 2006, comunicação pessoal), e talvez isso tenha impedido um melhor aprofundamento dessa questão.

CSOA exclui da classe dos advérbios toda a categoria dos dêiticos de lugar e de tempo – readmitidos por Neves (2000: 256-81) no seio da classe dos advérbios, basicamente por não serem encarados como modificadores em uma construção endocêntrica, mas como argumentos, dentro de uma estrutura de sentença inspirada na análise de Reichenbach (1947). Assim, o dêitico temporal *ontem*, em uma sentença como (412), representaria, em sua forma lógica (representada aqui em (413)), um argumento da função denotada pelo verbo *saiu*, junto com o indivíduo *Pedro*:

(412) Pedro saiu ontem.

(413)  $\exists f[\sigma(f) \wedge f(p, o)]$

De maneira semelhante, expressões circunstanciais de lugar e de tempo – sobretudo os dêiticos – têm sido interpretadas como argumentos em descrições estruturais mais complexas de sentenças em algumas propostas<sup>42</sup>.

Do ponto de vista da modificação por quantificadores, os dêiticos raramente aceitam essa modificação, sendo poucos tanto os quantificadores quanto os dêiticos que aparecem nesse tipo de construção:

---

<sup>42</sup> Ver, a esse respeito, Davidson (1967), Dowty (1979) e Bartsch (1988) e (1992).

- (414) Eu estou **bem aqui**. [abaixo da sentença há uma foto por satélite do bairro em que o falante mora, com um círculo em torno da sua casa]  
[<http://issamu.blog.com/818194/>]
- (415) **Bem agora**, em nossa vida diária, não temos controle, não temos divertimento.  
[<http://www.dharmanet.com.br/khyentse/oito.htm>]
- (416) Acho que é **mais aqui** nos EUA mesmo que a gente anda precisando de blogs para descobrir que o governo anda torturando pessoas do outro lado do mundo, espionando diplomatas de outros países, falsificando documentos para justificar guerras, etc.
- (417) Preciso sair daqui o mais rápido possível... Qualquer lugar... **Menos aqui**, dentro de mim...
- (418) Ai veio o lançamento do DMS4 E.Z.I. Pro que ainda não deu as caras, de fato, por aqui e eu me interessei muito por ele. Lendo os posts antigos deste fórum assustam bastante... **menos agora** porque a bola da vez é série 700XX slim.  
[<http://forum.playstation2.com.br/index.php?showtopic=31669>]

Observe-se que apenas *bem*, *mais* e *menos* ocorrem nesse contexto de modificação, e apenas com os mostrativos de lugar e com o mostrativo de tempo *agora*. Nesses casos, no entanto, esses termos não expressam quantificação, mas mais exatamente focalização, com *mais* e *bem* ((414), (415) e (416)) e exclusão, com *menos* ((417) e (418)).

Afora isso, termos qualificativos de distância temporal – como *antes* e *depois*, e *cedo* e *tarde* – ou espacial, como *longe* e *perto*, aceitam vários tipos de quantificadores:

- (419) **Bem antes** de Gibson, Fellini planejou filme sobre América pré-colombiana.  
[<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u67848.shtml>]
- (420) Uma noite, **bastante tarde**, Lev Lvovitch me disse: "Quero que conheças alguém. Vem comigo".  
[<http://www.horuseditora.com.br/unicoalento.htm>]

(422) Saber se este clima de denúncias, com mais ou menos fundamento (às vezes sem fundamento algum) será bom ou não para a Instituição é **algo cedo** para se dizer.

[[http://www.imperioalviverde.com.br/noticia\\_coluna.php?tipo=col&id=151](http://www.imperioalviverde.com.br/noticia_coluna.php?tipo=col&id=151)]

(423) Sempre gostei de Literatura, mas só **muito depois** de formado em Direito é que resolvi fazer Letras.

[<http://www.cronopios.com.br/site/colunistas.asp?id=802>]

(424) Você escreve muito bem, com certeza se tornara uma grande autora, e isso não está **nada longe!**

[<http://www.recantodasletras.com.br/contos/59055>]

(425) Casais gays podem estar **mais perto** de garantir o direito à adoção.

[<http://oglobo.globo.com/pais/mat/2007/01/08/287334950.asp>]

Como expressões de distância, esses qualitativos são igualmente expressões de tamanho, e não é de se estranhar que eles aceitem quantificação. Propostas que considerem a construção de significação em línguas naturais envolvendo modelos de interpretação com índices temporais e espaciais podem entender esses qualificativos como expressões que denotam o tamanho de distâncias temporais e/ou espaciais. No caso específico dos marcadores temporais, uma questão interessante que se coloca é a da interação entre esses qualitativos e a expressão do tempo e do aspecto, que também envolvem distâncias temporais.

Além dessas expressões circunstanciais, cuja inclusão entre os advérbios é contestada em CSOA, também várias classes dos advérbios propriamente ditos – se é possível qualificá-los assim – podem ser modificados por quantificadores. No entanto, não se tem um comportamento homogêneo por parte dos quantificadores com relação a essas classes, de maneira geral, de modo que a afirmação de que os quantificadores modificam os advérbios tem os mesmos problemas de outras afirmações feitas para os advérbios acerca da ordem livre ou variável, e portanto há que se considerar o comportamento dos quantificadores com relação a cada uma das subclasses, o que, obviamente, será feito aqui de maneira muito esquemática.

A classificação dos advérbios em CSOA parece sugerir timidamente que os advérbios predicativos compreendem um grupo com relativa homogeneidade, e que

os advérbios não-predicativos talvez sejam um grupo de palavras artificialmente reunido. De maneira geral, todas as subclasses de advérbios predicativos parecem aceitar quantificação, inclusive os próprios quantificadores em função “adverbial” (caso que deixarei para o final desta seção); há alguns exemplos de advérbios qualitativos modificados por quantificadores (*p. ex.*, (36), (38), (108)). Abaixo acrescento exemplos de advérbios predicadores sentenciais – *hedges* (426) e (427), quase-modais (428), aspectualizadores (429) e de atitude proposicional (430):

- (426) Embora alguns ativistas sejam, às vezes, agredidos e detidos, os principais dissidentes estão em liberdade e recebem, **muito oficialmente**, a maioria dos dirigentes estrangeiros que visitam a ilha.  
[<http://diplo.uol.com.br/2002-04,a284>]  
[<http://www.perguntascretinas.com.br/index.php?p=671>]
- (427) Na realidade, os indivíduos haviam de aceitar um dever moral, baseado, de forma normativa, em critérios transcendentais, mas **muito praticamente** a serviço de um entendimento funcional da vida social.  
[[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302001000300014&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302001000300014&script=sci_arttext)]
- (428) Enquanto estivermos aqui, há algo para aprendermos e, **muito possivelmente**, alguém pra aprender conosco.  
[<http://www.flogao.com.br/carmelinha>]
- (429) Não costumo ver filmes "históricos" porque **muito normalmente** nada têm de histórico.  
[<http://www.montfort.org.br/index.php?secao=cartas&subsecao=papa&artigo=20040815003100&lang=bra>]
- (430) Em primeiro lugar, felizmente, **muito felizmente**, trago muitos resquícios, em meus modos espontâneos de comportamento e expressões, de quando eu era um garotinho e adolescente razoavelmente dócil, cordial, amigável, realmente simpático, que cativava as pessoas que gostavam de alguém bonzinho; principalmente as mulheres.

[<http://overmundo.com.br/overblog/sou-brasileiro-sou-todos-e-nenhum-e-nao-sou-bom>]

Na seção 1.1. sugeri que os quantificadores que modificam advérbios são um problema se se pensar nos advérbios predicativos como predicadores de ordem superior porque parecem sugerir uma predicação de ordem ainda mais elevada. Ora, parece-me que, no caso desses advérbios, o que se tem é uma quantificação feita com relação ao grau de predicação do adjetivo que forma o advérbio. Ou seja, ainda que do ponto de vista gráfico o *-mente* esteja reunido ao adjetivo base, a conexão do quantificador com o adjetivo antecede a conexão do adjetivo com o sufixo “adverbializador”. Seria como se *muito possivelmente* fosse um advérbio derivado do adjetivo complexo *muito possível*:

(431) [[muito [possível]<sub>ADJ</sub>]<sub>ADJ</sub> mente]<sub>ADJ</sub>

Do ponto de vista da estrutura do significado, uma sentença com um modalizador como *possivelmente* pode ser entendida como contendo a expressão de uma predicação com relação ao seu valor de verdade. Dessa maneira, a forma lógica de uma sentença modificada por *possivelmente* seria:

(432) É **possível** que  $\phi$  seja verdadeira.

em que  $\phi$  é a proposição da sentença. Ora, uma sentença com *muito possivelmente* teria a seguinte forma lógica:

(433) É **muito possível** que  $\phi$  seja verdadeira.

Isso significaria que a estrutura interna dos advérbios em *-mente*, ao menos de alguns deles, não é opaca do ponto de vista da construção do significado da sentença.

Os advérbios alocados, em CSOA, como advérbios não-predicativos dividem-se em quatro classes: negativos, afirmativos, focalizadores e de inclusão/exclusão.

Negativos e afirmativos não são quantificados. Aliás, poucos são os modificadores de expressões negativas - modalizadores (*provavelmente não*), aspectualizadores (*normalmente não*) e *quase*. Já focalizadores (434) e advérbios de inclusão/exclusão((435) e (436)) terminados em *-mente* aceitam quantificação:

- (434) Esta definição, porém, tem o inconveniente, apontado por Chomski, de se aplicar **muito exatamente** à chamada guerra de baixa intensidade, inventada e praticada em larga e mortífera escala pelos Estados Unidos.  
[<http://www.unicamp.br/nee/Ogrande%20imperio.htm>]
- (435) E - **muito principalmente** - que a Verdade Oculta nunca será transmitida através de discursos.  
[[www.dominiosfantasticos.hpg.ig.com.br](http://www.dominiosfantasticos.hpg.ig.com.br)]
- (436) Esses dias não sei quem participou da discussão daquele pessoal que **muito exclusivamente** constrói projetos e as escolas se apropriam deles para desenvolvê-los.  
[<http://www.faced.ufba.br/~bonilla/dissertacao/capitulo4.htm>]

Fora os advérbios terminados em *-mente*, focalizadores e advérbios de inclusão/exclusão parecem não aceitar quantificação:

- (437) \*Ele [[**muito [apenas]**]<sub>INC</sub>]<sub>INC</sub> aproveitou a oportunidade]<sub>SV</sub>
- (438) \*Nós estávamos [**muito [mesmo]**]<sub>FOC</sub>]<sub>FOC</sub> falando nesse assunto.

Muito embora eu tenha conseguido localizar um exemplo com advérbios desse tipo:

- (439) Talvez, **muito talvez**, aquele lugarejo ganhou o nome de “Jagaron” devido a este episódio.  
[<http://overmundo.com.br/banco/uma-historia-quase-magica2-conto>]

Finalmente, os próprios quantificadores podem aparecer modificados por outro quantificador. Porém, não é o caso que qualquer quantificador possa modificar

qualquer outro quantificador (ou a si próprio). Os casos possíveis estão resumidos no quadro abaixo:

Modificador	Núcleo	Exemplo
muito	mais	(61) (298) (304)
	menos	(440)
	pouco	(257)
pouco	mais	(236)
	menos	(441)
bem	mais	(442)
	menos	(443)
	pouco	(444)
bastante	mais	(445)
	menos	(446)
	pouco	(447)
demais	pouco	(448)
meio	muito	(449)
	pouco	(450)
	bastante	(451)
	demais	(452)

(440) O Brasil poderia gastar **muito menos** dinheiro no combate à Aids sem nenhum prejuízo para a eficiência do programa que virou referência mundial.

[[http://www.abiaids.org.br/cgi/public/cgilua.exe/web/templates/htm/\\_abia/printerview.htm?user=reader&editionsectionid=28&inford=11583](http://www.abiaids.org.br/cgi/public/cgilua.exe/web/templates/htm/_abia/printerview.htm?user=reader&editionsectionid=28&inford=11583)]

(441) Então, aí estou eu andando com um carro velho, popular e fodido atrás de atravessadores que tentam me empurrar um outro carro velho (**pouco menos** velho que o meu), popular (tanto ou mais que o meu) e fodido (pouco menos fodido que o meu) - ao menos assim espero, caso os espertos não consigam me vender um carro detonado.

[<http://overmundo.com.br/overblog/carros-populares-e-a-espertice-nacional>]

(442) A edição atual está com informações **bem mais** atualizadas.

[<http://www2.uol.com.br/oviajante/europa.htm>]

(443) O Brasil cresceu **bem menos** que o resto do mundo, dizem as estatísticas.

[[www.votebrasil.com.br/convidado.asp?id=1983](http://www.votebrasil.com.br/convidado.asp?id=1983)]



- (444) E a razão disso é que fosse lá a forma que o regime assumisse, monarquia, oligarquia, tirania ou democracia, a correlação social entre pobres e ricos **bem pouco** se alterava.  
[<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/mundo/2002/07/19/000.htm>]
- (445) Por outro lado, permitem a avaliação de aspectos específicos, em maior profundidade e com qualidade **bastante mais** monitorável.  
[[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232006000400004&lng=en&nrm=&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232006000400004&lng=en&nrm=&tlng=pt)]
- (446) Por exemplo, se a mesma página é realizada por um desenvolvedor independente que trabalha em sua casa, poderá cobrar **bastante menos** que uma empresa, que tenha seus escritórios alugados e tenha seus departamentos de administração, direção, comercial, etc.  
[<http://www.criarweb.com/artigos/629.php>]
- (447) Definitivamente foram muito importantes as aulas expositivas e o ambiente moodle para a minha prova, pois aprendi bastante em ambos, mesmo se uso **bastante pouco** o Moodle.  
[<http://aprender.unb.br/blog/index.php?userid=13419&courseid=1>]
- (448) Outro aspecto importante a ser colocado é que como são dois fatores que andam paralelos e não num contínuo pode-se deduzir que em determinados casos pode haver alguém muito satisfeito, pois gosta muito do que faz, tem autonomia, etc.... mas está insatisfeito, pois ganha **pouco demais** e já não tem condições de dar a sua família o padrão de vida que razoavelmente o agrada.  
[<http://www.sav.org.br/?system=news&action=read&id=302&eid=86>]
- (449) Quando dá, eu sempre vou junto, mas 10 dias é **meio muito** pra parar de trabalhar e ficar por conta do "rock and roll" dele...  
[[http://paginas.terra.com.br/arte/mundalua/2002\\_11\\_01\\_planetamenina\\_archive.html](http://paginas.terra.com.br/arte/mundalua/2002_11_01_planetamenina_archive.html)]

- (450) Amigo, 128 Mb DIMM com um P4 1.4 é **meio pouco** pra rodar Windows 2000 Pro...  
[<http://www.babooforum.com.br/idealbb/view.asp?pageNo=1&topicID=55744&num=20>]
- (451) Pellizzari: Confesso ser **meio bastante** chato bragarái com poesia.  
[[www.estatedelivros.blogspot.com.br/2003\\_02\\_01\\_archive.html](http://www.estatedelivros.blogspot.com.br/2003_02_01_archive.html)]
- (452) Enfim, parece **meio demais** dizer agora que é a oposição que quer guerra, não?  
[[http://www.e-agora.org.br/comentar.php?id=2871\\_0\\_27\\_80\\_C30](http://www.e-agora.org.br/comentar.php?id=2871_0_27_80_C30)]

De maneira geral, encontram-se dois padrão evidentes nos casos de quantificadores compostos de dois quantificadores:

- um quantificador nunca modifica a si mesmo;
- quantificadores comparativos não modificam outros quantificadores comparativos;

Pode-se dizer que, nos quantificadores compostos, as duas instâncias modificativas, para mais e para menos, são representadas, respectivamente, por  *muito*  e seus prepostos e por  *meio* . Porém, ao invés de puxarem para cima ou para baixo da escala em termos absolutos, esses “quantificadores quantificantes” puxam para os extremos internos ou externos da escala, respectivamente. *Muito pouco*  aumenta a intensidade da quantificação de  *pouco* , mas para baixo:  *muito pouco*  é menos que pouco. O similar para  *muito*  seria  *muito muito* , que talvez a língua exclua pela repetição – tanto mais que existe uma instância “mais intensa” para  *muito* , que é  *demais* . O intensificador para baixo –  *meio*  – puxa a denotação de  *muito*  (e seus prepostos) e  *pouco*  para o centro da escala:  *meio muito*  é menos que  *muito* ;  *meio pouco*  é mais que pouco (para uma representação gráfica desses casos na escala de quantificação, cf. 3.6). Uma análise mais completa da significação dos quantificadores terá que incluir a possibilidade efetiva que quantificadores de julgamento de valor, como  *muito* ,  *pouco* ,  *demais* ,  *bastante*  têm de modificar outros quantificadores.

Em todo caso, o que existe, nos quantificadores complexos, não parece ser uma predicação de quantificação a ser feita sobre a predicação de quantificação –

uma predicação de nível superior, mas uma só predicação, do mesmo nível da predicação normal dos quantificadores, apenas mais detalhada – ou mais restrita – do que a predicação simples.

Dado que incluí, entre os intensificadores, os advérbios em *-mente* que expressam “intensidade”, muito caracteristicamente (mas não exclusivamente) formados por adjetivos “de medida”, seria interessante citar que eles também se encontram modificados por quantificadores:

- (453) Apesar de se defrontarem com as mesmas dificuldades das cônjuges, as chefes de família participam **mais intensamente** do mercado de trabalho, provavelmente em razão da responsabilidade de prover o sustento da família.

[<http://www.seade.gov.br/produtos/mulher/index.php?bole=04&tip=01>]

- (454) Acontece que os países da África, que representam 94% da população da ACP, têm, **muito abundantemente**, o francês como língua veicular.

[<http://diplo.uol.com.br/2005-02,a1062>]

- (455) São **menos largamente** distribuídos que os alifáticos halogenados e é menos conhecido sobre a sua toxicidade em ambiente aquático.

[<http://www.enq.ufrgs.br/cursos/grad/EngAmb/caracte%E1guasresidApostila.doc>]

### 3.7. Conclusão

Há dois tipos de operação básica denotadas pelos quantificadores: operações sobre quantidades de objetos e operações sobre graus de predicação. O tipo de quantificação exercida, bem como natureza dos objetos predicados e da predicação quantificados, dependem da posição do quantificador como modificador ou argumento e, neste último caso, do núcleo da categoria sintática em que o quantificador figura como modificador. Quantificadores em posição argumental ou como modificadores de nomes quantificam entidades, em posição de modificadores de verbos, os quantificadores podem, entre outras coisas, quantificar eventos ou a duração de intervalos de tempo. Quantificadores modificando adjetivos – o que

inclui os adjetivos que servem de base para advérbios – e em alguns contextos de modificação verbal (com verbos estativos e processuais, *p. ex.*) podem denotar quantificação sobre o grau de predicções. Quantificadores que modificam outros quantificadores (aí incluindo os quantificadores definidos, os numerais) dão origem a quantificadores complexos, em que a operação de quantificação do núcleo é modulada pela do modificador.

As noções de quantidade e grau estão sendo consideradas, aqui, como sendo de uma mesma natureza – o que equivale a dizer que a noção de grau está sendo considerada aqui como uma espécie de quantidade. Sob um ponto de vista mais purista, a denominação de *quantificador* deveria ser dada apenas às expressões que denotam operações sobre *quantidade*; para as expressões que denotam operações sobre grau, talvez se devesse dar o nome de *operadores de grau*, ou de *intensificadores*, a se aceitar a minha sugestão de que *grau* e *intensidade* são sinônimos. A estreita relação entre a quantidade e o grau é o que justifica, no meu entender, que se chame aos dois de quantidade; talvez um outro nome fosse mais conveniente, talvez algo como *quantização* – que então se dividisse em quantificação e grau ou intensificação. No entanto, ao longo deste trabalho procurei não inflacionar demais o vocabulário técnico pela criação de novos termos, e tentei reaproveitar ao máximo as terminologias já consagradas.

Essa descrição mais completa da esfera da quantidade/grau é pressuposto para a descrição da denotação dos quantificadores em um modelo teórico de interpretação de sentenças – que é basicamente o assunto do próximo capítulo. É com base nessa descrição que se podem ler os trabalhos da tradição dos estudos da quantificação e do grau, na semântica formal. É com base nela que se pode pretender unir em um mesmo campo abordagens que têm estudado os fenômenos de quantificação e grau como fenômenos absolutamente dissociados, apesar do fato lingüístico de as mesmas expressões servirem para uma e outra coisa.

Considero a distinção entre quantidade e grau, bem como a identificação dos contextos de referência de cada uma delas, e dos diversos objetos que podem ser quantificados, como a principal contribuição desta tese aos estudos dos fenômenos de quantificação no português do Brasil. A tentativa de formalização da expressão da

quantificação no português do Brasil, tendo em vista as distinções feitas neste capítulo, se coloca apenas como a apresentação de um campo de estudos que se descortina após a limpeza de terreno – a arrumação da casa, para se usar uma metáfora mais doméstica. A formalização com detalhes é algo que demanda muitos trabalhos, e transcende aos objetivos e possibilidades de realização desta tese.

#### 4. ESBOÇO DE UMA ANÁLISE DA QUANTIFICAÇÃO NO PB

---

Se é possível identificar a diferença entre *quantidade* e *grau*, ou *intensidade*, conforme caracterizadas no capítulo 3, não é possível reconhecer a diferença entre quantificadores de quantidade e quantificadores de grau. De maneira geral, as mesmas expressões que denotam operações sobre quantidade figuram denotando as mesmas operações sobre grau de predicação de algumas expressões.

Nesta tese, quantidade e grau são vistas como instâncias de uma mesma noção geral, ao contrário do que tem predominado na literatura, que é tratá-las isoladamente. A literatura também tem associado a quantificação a alguns quantificadores e a expressão do grau a outros. Assim, *todo*, *algo*, *muito* e *pouco* têm sido apontados como operadores de quantidade, enquanto *mais* e *menos* têm sido apontados como operadores em construções de expressão de graus. Também a expressão de grau tem sido restrita ao domínio dos adjetivos, enquanto a de quantidade ao domínio do SN.

Uma análise mais completa do domínio da quantificação no português do Brasil, e em qualquer língua natural, terá necessariamente que entender como um só - ou, ao menos, como intimamente relacionados - esses domínios habitualmente encarados como disjuntos, e mais: dado que a quantificação foi caracterizada como sendo expressa em outros domínios além dos clássicos domínios da quantidade de indivíduos e do grau dos adjetivos, sobretudo o domínio dos eventos e da estrutura aspectual e temporal das línguas naturais, essa análise mais completa terá que se estender também a esses domínios.

Nesta seção, será abordada uma série de questões que se colocam na direção dessa perspectiva de unificação de campos e estudo de fenômenos em regiões de

interação entre campos diferentes. Em primeiro lugar (4.1.), uma caracterização mais geral dos tipos de quantificação será proposta, com especial menção aos quantificadores de julgamento de valor e comparativos. Em 4.2., será apresentado um rápido esboço das duas linhas de estudo da quantificação estabelecidas no interior da lingüística formal: as teorias da quantificação e do grau. Finalmente, em 4.3., um esboço de proposta de formalização é tentado, com um levantamento de algumas das questões que se colocam nesse empreendimento.

#### 4.1. Tipos de Quantificação e Relações entre os Quantificadores

Na final da seção 3.1., classifiquei os quantificadores conforme eles possam expressar quantidades contáveis ou não-contáveis, e conforme essas quantidades sejam definidas (passíveis de serem expressas por algum número natural?) ou indefinidas. Na seção 2.2., porém, vimos que, tradicionalmente, na expressão de quantidades tem se estabelecido uma série de distinções, algumas delas ainda bastante relevantes. Dentre as mais citadas, e mais importantes: universais *vs.* particulares; negativas *vs.* positivas; coletivas *vs.* distributivas.

Tradicionalmente, as distinções entre tipos de quantidades se fazem tendo em mente quase que exclusivamente os quantificadores mais clássicos, representados pelo quantificador universal e particular ou existencial. Essa distinção oporia *todo/tudo*, e seus quase-equivalentes *cada* e *qualquer* a *algum* e suas instâncias argumentais *alguém/algo*. A oposição entre quantificadores positivos e negativos foi citada na seção 1.2., porque é reconhecida por Castilho (1993) – ela opõe todos esses quantificadores, que são positivos, a *nenhum* e suas instâncias argumentais *nada* e *ninguém*. Finalmente, o coletivo *todo* (ou talvez fosse *todos*) se opõe aos eminentemente distributivos *cada* e *qualquer*.

Por outro lado, aos universais se opõem, amiúde (cf. Quadro 4), os partitivos, que seriam todas as expressões que denotassem quantidades que não esgotassem o gênero quantificado – quantidades que denotem *partes* de inúmeros tamanhos, mas não o todo. É nessa classe que entrariam *muito*, *pouco*, *diversos* etc.

Ora, essa classificação tradicional se fazia sobre as expressões colocadas sob a circunscrição da classe dos adjetivos de quantidade (quantitativos). Dado que, ao longo do capítulo 2 desta tese a classe dos termos que expressam quantidade foi bastante aumentada, talvez fosse interessante delimitar algumas outras subclasses importantes. A primeira dessas subclasses é a dos quantificadores de julgamento de valor, que inclui *muito* e seus sucedâneos (*bastante, demais, diversos* etc.) e *pouco*; a segunda é a dos quantificadores comparativos. Vejamos cada uma delas.

#### 4.1.1. Quantificadores de Julgamento de Valor

Keenan e Stavi (1986) caracterizaram quantificadores como *many* e *few* como quantificadores – ou melhor, determinantes<sup>43</sup>,– de julgamento de valor (*value judgement determiners*) em oposição aos determinantes lógicos que expressam a quantificação universal e existencial. Quantificadores de julgamento de valor não denotam as mesmas quantidades ou proporções de qualquer conjunto, independente do tamanho do conjunto, como ocorre com os quantificadores “lógicos” ou definidos. Na verdade, mais do que denotar quantidades ou proporções, eles denotam avaliações sobre quantidades e proporções de conjunto.

Assim, em sentenças como (456) e (457):

(456) **Muitas pessoas** reclamaram da organização do evento.

(457) **Poucas pessoas** reclamaram da organização do evento.

está se expressando não o número ou quantidade exato (com cardinalidade definida) de pessoas que reclamaram do evento, mas se está predicando dessa quantidade, que permanece indefinida, que ela é *muito* ou que ela é *pouco*. A rigor, as proposições em (456) e (457) poderiam ser verdadeiras para uma mesma situação e, igualmente, num mesmo modelo de mundo; elas poderiam fazer parte de um enunciado complexo como (458):

---

<sup>43</sup> A partir deste ponto, *determinante* começa a ser usado em seu estilo mais clássico, de expressão que aparecem na periferia esquerda de um SN, e que não é um simples modificador; esse sentido difere do sentido dado a esse termo por Castilho (1993) e Perini (1998), que foi o sentido com que o termo foi predominantemente empregado até aqui.



- (458) O número de pessoas que reclamou da organização do evento foi pouco com relação ao número total de pessoas que compareceu ao evento, mas foi muito com relação ao número de pessoas que reclamou no ano passado.

Há várias maneiras de se conviver – ou de se evitar a convivência – com essa característica dentro de uma semântica formal; em 4.2 citarei algumas delas. O que interessa no momento é fixar essa caracterização dos quantificadores de julgamento de valor como expressões que operam avaliações (julgamentos) acerca de quantidade. Num certo sentido, essas avaliações de valor correspondem a um tipo de comparação. A descrição do significado das sentenças (456) e (457) poderia ser expressa, em termos um tanto grosseiros, em (459) e (460):

- (459) O número de pessoas que reclamou do evento é maior do que era esperado/do que era considerado razoável.
- (460) O número de pessoas que reclamou do evento é menor do que era esperado/considerado razoável.

As perífrases acima, se não são equivalentes razoáveis para (456) e (457), pelo menos isolam um componente importante de seu significado que é a avaliação do que é *muito* e do que é *pouco* em termos de um limite. Que esse limite seja caracterizado como *esperado*, *razoável*, *ponderável* ou *suportável* é questão apenas de achar uma descrição que seja minimamente intuitiva. Que ele possa, e deva, ser entendido como totalmente dependente de contexto, parece-me evidente e admirável que alguém possa pensar o contrário. O que interessa aqui é que (459) e (460), no que tem em comum com (456) e (457) revelam que os quantificadores de julgamento de valor expressam uma comparação entre a quantidade que eles predicam e uma quantidade limite, utilizada como referencial para definir o que é e o que não é muito, ou pouco. Essa comparação intrínseca aparecerá na formalização (*cf.* adiante, 4.2.1).

Uma outra característica digna de nota dos quantificadores de julgamento de valor é a existência de dois campos polares, opostos, como ocorre com os quantificadores “lógicos” existencial e universal. A representação dos campos de expressão de quantidade/grau dos dois grupos de quantificador pode ser vista no quadro 6, na forma de uma escala, em que pressupõe-se que os valores sejam crescentes de baixo para cima. Os valores da escala podem representar quantidades em número crescente ou graus crescentes. Os valores máximos da escala são representados pela maior quantidade possível – aquela que contenha todas as partes do conjunto representado, – ou o grau máximo de concentração/intensidade, no caso da referência a graus. Abaixo do valor mínimo da escala está o valor nulo, correspondendo à quantidade zero ou ao grau zero.

No quadro 6.1. se representa a circunscrição dos quantificadores correspondentes aos quantificadores lógicos do português, aqui tipificados por *todo* e *algum*. Observe-se que *algum x* pode ser entendido como se circunscrevendo também com relação a região de *todo x* – se algo é verdadeiro para *todo x* também o será para *algum x*.

Do ponto de vista da situação de outros quantificadores, além dos tipificados no gráfico, *tudo*, bem como os distributivos *cada* e *qualquer* teriam basicamente a mesma distribuição de *todo x*. *Algo* e *alguém* teriam a mesma distribuição de *algum x* e *nada* e *ninguém* a mesma distribuição de *nenhum x*. Do ponto de vista da quantificação sobre grau, o ponto máximo seria ocupado por *todo*, bem como pelos advérbios “de grau” *totalmente*, *inteiramente*, *integralmente*, *completamente* etc. *Algo* e *nada* teriam a mesma distribuição que têm como modificadores em SN.

No quadro 6.2. se apresenta a mesma divisão do campo das quantidades/graus com relação aos quantificadores de julgamento de valor. *Muito* ocupa os valores mais altos da tabela, enquanto *pouco* ocupa os valores mais baixos. Ao contrário do que ocorre com os quantificadores “lógicos” a divisão dos campos não se dá de forma tão rigorosa – nem mesmo se dá da mesma forma. O grau máximo, *p.ex.*, aqui é representado como contido na esfera de *muito*, mas em alguns casos ele pode estar contido na esfera de *pouco* – *p.ex.*, todos os mamíferos ovíparos são poucos mamíferos, dado que existem apenas três espécies de mamíferos com essa

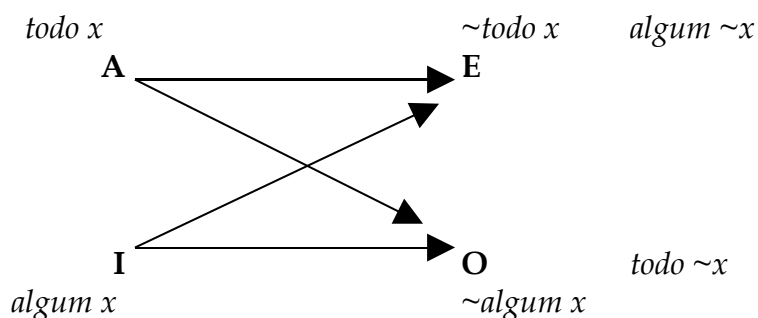
característica. Digamos que a escala apresentada em 6.2. expresse de maneira muito geral as potencialidades de divisão dos campos com relação à polarização entre *muito* e *pouco*. Assim, por exemplo, a circunscrição de um campo de valores que não corresponda a *muito* nem a *pouco* (ou que corresponda a *nem muito nem pouco*, ou a *mais ou menos*) não é necessariamente obrigatória.

Esse pouco rigor na representação da divisão do campo de valores entre *muito* e *pouco* revela a principal característica dessas expressões que é a sua dependência do contexto - ou de dependência de critérios de comparação não intrinsecamente fixados. A escala em 6.2. é flexível em todos os sentidos.

Em 6.3., uma outra escala que também deve ser encarada como flexível, representa a situação de expressões como *demais* e os quantificadores compostos com os quantificadores de julgamento de valor e *meio*. E em 6.4. se representa a possibilidade de *todo* (e também *algo*) serem utilizados como quantificadores de julgamento de valor, correspondendo grosseiramente a *muito* e *pouco*, respectivamente.

Com relação à situação de outros quantificadores na escala de valores, expressões como *bastante*, e os *pluralia tanta*, cobririam *todo*, ou quase *todo* (talvez também dependendo do contexto), o raio de ação de *muito*, enquanto *mais ou menos* talvez cobrisse a região de sombra entre os raios de ação de *muito* e *pouco*. Do ponto de vista da expressão de grau, corresponderiam à região do *muito* expressões como *intensamente*, *extremamente*, *grandemente* etc., e à do *pouco*, expressões como *ligeiramente*, *levemente* etc.

Uma outra maneira de se pensar a oposição entre os quantificadores que ocupam pólos opostos em uma escala está representada pelo Quadrado de Apuleio, que é visto abaixo:



A e E são contrárias:  $\sim(A \wedge E)$

A e O

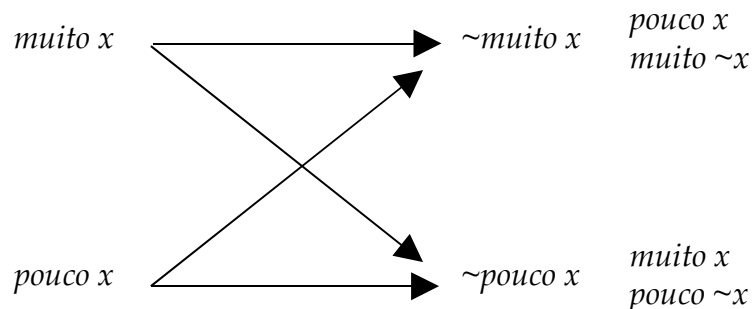
I e E são contraditórias:  $\sim(A \leftrightarrow O)$ ,  $(A \leftrightarrow \sim O)$ ,  $(E \leftrightarrow \sim I)$ ,  $(I \leftrightarrow \sim E)$

I e O são subcontrárias:  $\sim(\sim I \wedge \sim O)$

A e I

E e O são alternas:  $(A \wedge I)$ ,  $(E \wedge O)$

A aplicação a mesma relação para os quantificadores de julgamento de valor não dá os mesmos resultados:



Em um modelo em que *muitos x* seja necessariamente mais do que a metade dos *x*, e em que *poucos x* seja necessariamente menos do que a metade do *x*, *~muitos x* não pressupõe *poucos ~x*, mas o contrário: *poucos x* e *muitos ~x*; similarmente, no mesmo modelo, *~poucos x* não pressupõe *muitos ~x*, mas o contrário. De qualquer forma, nenhuma dessas implicações é necessária. Pode ser o caso, por exemplo, que haja *muitos x* e *muitos ~x*, num modelo em que o limite acima do qual uma quantidade é considerada *muito* seja bem abaixo da metade. A única característica dos quantificadores de julgamento de valor que se mantém em todos os contextos é a relação da quantidade denotada como os valores que servem de critério para o julgamento de valor; como esses valores variam não apenas com relação ao tamanho dos conjuntos quantificados, mas são sempre em si dependentes de contexto, não se

pode estabelecer nenhuma implicação como a que há para os quantificadores lógicos. Em 4.2.1. se discutirão algumas outras características dos quantificadores de julgamento de valor.

#### 4.1.2. Quantificadores Comparativos

Os quantificadores comparativos se distinguem, como já foi visto, por introduzirem estruturas comparativas que expressam uma relação (comparação) entre duas quantidades. Numa construção comparativa completa, os dois termos podem ser identificados. Caso contrário, a construção está incompleta e é ambígua.

Como os quantificadores de julgamento de valor – e ao contrário dos quantificadores definidos, por exemplo, – os quantificadores comparativos não denotam valores de quantidade, mas predicções sobre valores de quantidade – nomeadamente relações entre valores de quantidade. Mas, ao contrário dos quantificadores de julgamento de valor eles denotam relações entre valores de quantidade que independem de contexto – e nisso eles se aproximam tanto dos quantificadores definidos quanto dos quantificadores universal e existencial.

O raio de ação dos quantificadores comparativos pode ser visto no quadro 6.5. Como eles não denotam partes de conjunto, mas relações entre quantidades, é irrelevante graduar a escala de valores em termos de *todo x*, *algum(ns) x* ou *nenhum x*, já que os comparativos podem se referir a valores acima ou abaixo dos extremos dessa escala:

(461) Bendito serás **mais do que todos** os povos; não haverá estéril no meio de ti, seja homem, seja mulher, nem entre os teus animais. (Deut. 7:14)

[<http://www.judaismo-iberico.org/interlinear/tanakh/0507pt.htm>]

(462) Vocês começarão com **muito menos do que zero**, pois irão começar com uma dívida de quase meio milhão de reais por casal.

[<http://www.kanitz.com.br/veja/futuro.asp>]

Qualquer análise dos quantificadores comparativos falhará se considerá-los como iguais, em comportamento, aos outros quantificadores. Quantificadores comparativos, como já disse em mais de um lugar nesta tese, introduzem estruturas comparativas, que são estruturas complexas que supõem dois termos, introduzidos cada um por um operador. Em 3.4., anteriormente, já adiantei a fórmula mais geral do significado das construções comparativas:

*mais*:  $Q[TC1] > Q[TC2]$

*menos*:  $Q[TC1] < Q[TC2]$

As fórmulas acima foram apresentadas quando da análise da modificação exercida pelos quantificadores comparativos; nestes casos não era relevante falar-se do grau neutro da escala – aquele que cobre relações entre valores que não são maiores nem menores. Não que essa relação não exista para os comparativos quando modificam numerais – nesses casos a relação pode ser expressa por modificadores como *exatamente*, *precisamente*, *nem mais nem menos que* entre outros. Em outros contextos, o grau neutro é representado por expressões como *tanto quanto*, *igual*. Essas fórmulas também são abstrações das construções efetivas da língua, dado que alguns dos seus elementos costumam ser elididos nas construções efetivas. O número de elementos elididos pode ser maior ou menor – em geral aquilo que é recuperado pelo contexto, ou que está no co-texto, é elidido. Às vezes está apenas pressuposto:

(463) Chuva deixa **mais pessoas** desalojadas.

[<http://jornalnacional.globo.com/Jornalismo/JN/0,,AA1438390-3586-629515,00.html>]

(463) pressupõe que além das pessoas que ficaram desalojadas pela chuva na situação “atual” existe uma quantidade de pessoas que ficaram desalojadas pela chuva em situações ulteriores, independente tanto do contexto quanto do co-texto. Essa quantidade “pressuposta” é o segundo termo de comparação da estrutura comparativa.

As fórmulas introduzidas em 3.4. e reproduzidas acima estão, obviamente incompletas e são descrições bastante abreviadas da estrutura do significado de construções comparativas. Em primeiro lugar, pode-se completar o conjunto das relações comparativas com a introdução de uma fórmula para o termo médio de comparação – correspondendo ao comparativo de igualdade, e também distinguindo Qf de Q; Qf é **quantificador**, um conjunto de expressões da língua natural, enquanto Q é uma expressão que significa *quantidade de*:

Qf: {*mais (do que), menos (do que), tanto (quanto)*}

*mais... do que...: Q[TC1] > Q[TC2]*

*menos... do que...: Q[TC1] < Q[TC2]*

*tanto... quanto...: Q[TC1] = Q[TC2]*

Ou seja, *mais... do que...* denota uma relação tal que a quantidade (grau) no primeiro termo de comparação é maior que a quantidade (grau) no segundo termo de comparação; *menos... do que...* denota uma relação tal que a quantidade (grau) no primeiro termo de comparação é menor que a quantidade (grau) no segundo termo de comparação; *tanto... quanto...* uma relação tal que a quantidade (grau) no primeiro termo de comparação é igual à quantidade (grau) no segundo termo de comparação.

Em segundo lugar, a estrutura comparativa nas fórmulas acima pode indicar melhor a configuração da estrutura sintática presente nos enunciados efetivos. Aqui será melhor trabalhar com um enunciado que seja o mais explícito possível com relação aos componentes da comparação. (23) é um exemplo maravilhosamente adequado para isso:

(23) Atualmente existem [**mais [crianças]<sub>N</sub>**]<sub>SN</sub> no mundo em conflito do que em todos os séculos.

[<http://www2.uol.com.br/oviajante/estucri.htm>]

Grosseiramente, o primeiro termo de comparação [TC1] é introduzido pelo quantificador, enquanto o segundo termo é introduzido pelo elemento de ligação

[LIG] (*do*) *que*. O segundo termo de comparação costuma estar reduzido a apenas ao componente de significado em que ele difere do primeiro termo. E o quantificador faz mais do que apenas introduzir o primeiro termo: ele explicita o tipo de relação de comparação que existe (*superioridade, inferioridade* ou *igualdade*) entre as quantidades dos dois termos. Como um *Gedankenexperiment*, podemos substituir em (23) os elementos elididos do segundo termo, o que nos daria a sentença em (464), o que nos permite identificar os termos de comparação explicitamente:

(464) Atualmente existem mais crianças no mundo em conflito do que  
[existem crianças no mundo em conflito] em todos os séculos.

[TC1]: crianças que existem no mundo em conflito atualmente

[TC2]: crianças que existem no mundo em conflito em todos os séculos

Neste ponto, salta aos olhos o elemento que marca a diferença entre os dois termos. Observe-se que, em (23), o segundo termo está reduzido somente a esse termo. Chamo-o de **restritor** [RESTR]; à parte comum entre os dois termos chamo de **base** [BASE]. (23) tem uma disposição, dos elementos de composição da estrutura comparativa, que pode ser resumida em (465); sua estrutura reconstruída, em (464) pode ser vista em (466):

(465) Qf[BASE RESTR1]<sub>TC1</sub> LIG[RESTR2]<sub>TC2</sub>

(466) Qf[BASE RESTR1]<sub>TC1</sub> LIG[BASE RESTR2]<sub>TC2</sub>

[TC1]: [BASE] + [RESTR1]

[TC2]: [BASE]+ [RESTR2]

[BASE]: crianças que existem no mundo em conflito

[RESTR1]: atualmente

[RESTR2]: em todos os séculos

Como *atualmente* é um advérbio (aspectualizador) sentencial, nós o licenciámos para ocupar qualquer uma das posições licenciadas para advérbios sentenciais.



A base, por sua vez, pode ser decomposta em dois elementos predicadores: *crianças* e *(que) existem no mundo em conflito*. Chamarei a esses termos de **predicador núcleo** [PN] e **predicador satélite** [PS]. O predicador núcleo não é só um predicador entre outros; ele é o núcleo a que os demais predicadores se apõem. E, mais do que isso, ele é o termo que expressa que tipo elemento que é quantificado – se é o grau de uma predicação ou algum tipo de objeto no universo do discurso, e neste último caso, de que tipo de objeto se trata. **Predicador**, aqui, é um termo bastante vago. Entendo-o como uma espécie de variável para qualquer expressão da língua natural da qual se possa indicar a quantidade de objetos de discurso no conjunto denotado por ela, ou o grau de predicação com que ela se predica sobre os indivíduos a que se predica<sup>44</sup>:

[BASE]:      [[PN] PS]  
                   [PN]: crianças  
                   [PS]: existem no mundo em conflito

Note-se que, em (23), o predicado satélite pode ser decomposto em pelo menos dois predicados: *existem* e *no mundo em conflito*. Não existe, além dos limites normais de enunciação, um limite para o número de predicados que pode ser aposto ao predicado núcleo:

(467) Atualmente existem mais crianças trabalhando em condições precárias e fora da escola do que em todos os séculos.  
                   [PN]: crianças  
                   [PS]: trabalhando  
                           em condições precárias  
                           fora da escola

---

<sup>44</sup> Essa definição, ainda um pouco rudimentar, pressupõe que toda expressão da língua natural expressa uma predicação, *i.e.*, uma espécie de função sobre algum tipo de indivíduo. Sua real extensão ainda não é totalmente definida, mas pode-se entender que diferentes expressões, em uma sentença, predicam diferentes objetos do discurso envolvidos no que a sentença expressa: intervalos de tempo, eventos, entidades, índices espaciais.

A formalização acima apresentada pode ser estendida para outros exemplos de estruturas comparativas, por exemplo, para outros casos em que se quantifique objetos no universo do discurso, como eventos (468) e intervalos de tempo (469). A ordem dos termos sintáticos não é rigorosamente a mesma dos exemplos decompostos acima, em que a quantificação se dava sobre o núcleo nominal, mas podemos apresentar os elementos decompostos na mesma ordem:

(468) Nosso guia viajou mais para a América Latina do que FFHH.

Qf: *mais*

LIG: *do que*

[BASE]: viajou para AL

[PN]: viajar

[PS]: para AL

[RESTR1]: Nosso Guia

[RESTR2]: FFHH

(469) Mariazinha viveu menos a fase da lagartinha do que Clarinha.

Q: *menos*

LIG: *do que*

[BASE]: viveu a fase da lagartinha

[PN]: viveu

[PS]: a fase da lagartinha

[RESTR1]: Mariazinha

[RESTR2]: Clarinha

A fórmula prevê que o predicador núcleo seja o verbo; como o predicador núcleo indica o tipo de objeto de cuja quantidade se está predicando, a fórmula prevê que verbos tenham que denotar eventos e, ao mesmo tempo intervalos de tempo. Esses intervalos de tempo são especificamente intervalos em que o evento, ou a predicação, se circunscreve; por isso o que se predica é não a quantidade de intervalos de tempo, mas a sua duração.

O esquema proposto nesta seção consegue captar as diferenças de escopo da quantificação, conforme mudem o restritor, e mesmo o escopo do quantificador:

(470) Nosso Guia viajou mais para a América Latina do que o cara da Revista *Mad* viaja para o Oriente Médio.

Qf: *mais*

LIG: *do que*

[BASE]: viajou

[PN]: viajar

[RESTR1]: Nosso Guia; para a AL

[RESTR2]: O cara da Revista *Mad*; para o OM

(471) Nosso Guia mais viaja pela América Latina do que sobe a rampa do Congresso.

Qf: *mais*

LIG: *do que*

[BASE]: Nosso Guia

[PN]: Nosso Guia

[RESTR1]: viajar para AL

[RESTR2]: subir a rampa do Congresso

Em (470), os elementos de circunscrição do evento – ou seja, o destino das viagens, – entram no cômputo dos restritores. Em (471), o predicado núcleo da quantificação sobre eventos é *Nosso Guia*, não o verbo. O SN é entendido, dessa forma, como denotando um conjunto de eventos. Essa formulação expressa melhor o significado de (471) como alguma coisa do tipo “entre os eventos que Nosso Guia se envolve a quantidade de eventos do tipo *viajar para AL* é maior do que a quantidade de eventos do tipo *subir a rampa do Congresso*”.

O mesmo esquema de decomposição pode ser utilizado para a quantificação sobre o grau da predicação. Nesse caso, substitui-se o Q que indica quantidade de objetos no universo do discurso a que se refere o predicador núcleo, na fórmula geral

dos quantificadores, por um D, que indica não a quantidade de objetos predicado mas o grau (*degree*) com que essa predicação é feita.

*mais... do que...: D[TC1] > D[TC2]*

*menos... do que...: D[TC1] < D[TC2]*

*tanto... quanto...: D[TC1] = D[TC2]*

Os dois exemplos abaixo representam os casos mais conspícuos de quantificação sobre grau de predicação, nomeadamente a quantificação sobre adjetivos (472) e a quantificação sobre densidade de eventos (473):

(472) A formação social brasileira foi marcada por relações entre etnias e culturas **mais complexas** e **menos rígidas** do que aquelas nos EUA.

Qf: *mais*

LIG: *do que*

[BASE]: complexas

[PN]: complexas

[PS]: relações entre etnias e culturas

[RESTR1]: no Brasil

[RESTR2]: nos EUA

Qf: *menos*

LIG: *do que*

[BASE]: rígidas

[PN]: rígidas

[PS]: relações entre etnias e culturas

[RESTR1]: no Brasil

[RESTR2]: nos EUA

(473) O Reboças evoluiu mais do que o Prado Velho.

Qf: *mais*

LIG: *do que*

[BASE]: evoluiu

[PN]: evoluiu

[RESTR1]: Reboças

[RESTR2]: Prado Velho

Na análise das sentenças, em (472) e (473) entenda-se que a relação se dá entre o grau de predicação seja dos adjetivos *complexas* e *rígidas* (ou do adjetivo composto por conjunção *complexas e rígidas*), seja pelo verbo de “mudança de estado” *evoluiu*, para as entidades representadas pelos nomes a que se predicam.

Uma das diferenças interessantes que esse esquema permite visualizar diz respeito à interação entre a quantificação do grau da predicação e os diferentes esquemas temporais dos diferentes verbos de ligação:

(474) O Reboças é mais perigoso do que o Prado Velho.

Qf: *mais*

LIG: *do que*

[BASE]: perigoso

[PN]: perigoso

[RESTR1]: Reboças

[RESTR2]: Prado Velho

(475) O Reboças está mais perigoso.

(476) O Reboças ficou mais perigoso.

Qf: *mais*

LIG: *do que*

[BASE]: perigoso

[PN]: perigoso

[RESTR1]: Reboças: AT ( $t'$ , Reboças:  $t'^{*}t$ )

[RESTR2]: Reboças: AT ( $t''$ , Reboças:  $t''<{*}t$ )

Utilizo, aqui, uma versão informal da função *AT* de Davidson (1967), que situa objetos em intervalos de tempo, bem como as relações  $<$  (antecede propriamente);  $^{\circ}$  (coincide totalmente); [RESTR1] se lê “em um intervalo de tempo  $t'$ , tal que *Rebouças* é considerado em  $t'$ , e  $t'$  coincide totalmente com o intervalo de tempo de fala ( $*t$ )”; [RESTR2] se lê “em um intervalo de tempo  $t''$ , tal que *Rebouças* é considerado em  $t''$ , e  $t''$  antecede totalmente o intervalo de tempo de fala ( $*t$ ).

A rigor, as condições de verdade são as mesmas para (475) e (476), ambas marcam uma relação entre o grau de predicção de *perigoso* para o objeto *Rebouças* no intervalo de tempo de fala ( $*t$ ) e em um intervalo passado. Observe que o fato de *estar* estar no presente, em (475), e *ficar* estar no pretérito perfeito, em (476), permite que as duas sentenças tenham as mesmas condições de verdade. Com o verbo no presente, a sentença, que não é totalmente autônoma (precisa de um circunscritor temporal como *toda semana* ou *a cada dia que passa*), simplesmente indica que com o passar do tempo o grau de predicção de *perigoso* para *Rebouças* vai aumentando:

(476) O *Rebouças* fica mais perigoso.

Qf: *mais*

LIG: *do que*

[BASE]: perigoso

[PN]: perigoso

[RESTR1]: *Rebouças*: AT ( $t_1$ , *Rebouças*)

[RESTR2]: *Rebouças*: AT ( $t_2$ , *Rebouças*)

em que  $t_2 < t_1$

Esse tipo de fenômeno só vem a confirmar a tese de que o estudo da quantificação precisa se estender para a estrutura temporal/aspectual das sentenças.

## 4.2. Das Teorias da Quantificação e Grau

De maneira geral, as análises do funcionamento das expressões da quantidade e/ou grau nas línguas naturais não considera a possibilidade da ocorrência dessas expressões em todos os contextos de I a VII. Isso pode refletir, em parte, o fato de que em nem todas as línguas um mesmo item lexical pode aparecer em mais de um contexto de ocorrência. Assim, por exemplo, em inglês – língua “materna” de boa parte das análises clássicas da semântica formal na última metade de século – as ocorrências correspondentes às ocorrências de *muito* nos contextos de I a VII pertencem a itens lexicais diferentes:

- (477) a. Eu conheço **muitos** estudantes de Santa Catarina.
- b. I know **many** students from Santa Catarina.
- (478) a. A gente bebe **muito** vinho na casa do Paulo.
- b. One drinks **much** wine at Paul’s house.
- (479) a. Ele está **muito** triste com os resultados.
- b. He is **very** sad with the results.
- (480) a. Ele trabalhou **muito**.
- b. He worked **a lot**.
- (481) a. Ele se sentou **muito** tranquilamente.
- b. He sat **very** calmly.
- (482) a. Isso é **muito** para mim.
- b. That’s **too much** for me.
- (483) a. Ele falou **muito** sobre esse assunto.
- b. He talked **much** about this subject.

Assim, em inglês, uma análise de *many* não tem que considerar todos os contextos de modificação acima, já que os outros contextos são, na verdade, ocorrências de outras palavras. Isso, por outro lado, explica apenas parcialmente as análises feitas de *more*, em inglês. Embora *more* ocorra em todos os contextos de I a

VII, em inglês, há tratamentos isolados para as ocorrências I (como “quantificador”) e II (como expressão de “grau”), mas quase nenhuma proposta de unificação<sup>45</sup>.

As razões para isso são em parte históricas, mas talvez também em parte lingüísticas. Os estudos de quantificação começaram com os quantificadores “lógicos” – o universal e o particular, que na maior parte das línguas européias ocidentais é expresso por determinantes que só ocorrem (ou ocorrem predominantemente) no contexto de modificação I. Assim, a quantificação tem sido entendida, classicamente, como uma operação que sobre conjuntos de indivíduos. Ao mesmo tempo, como muitas línguas européias ocidentais – e também o grego e o latim – expressam a comparação de maneira diferente nos adjetivos do que em outras instâncias sintáticas, os estudos sobre o grau têm se restringido a esses contextos de ocorrência.

Nesta seção, farei uma extremamente breve apresentação de algumas análises dos quantificadores, apontando algumas das principais dificuldades para sua aplicação na descrição dos fenômenos de quantificação no português do Brasil, tal como eles foram vistos nos capítulos anteriores. A seção se divide em duas subseções, conforme têm se dividido os trabalhos referentes aos fenômenos que ora estudamos na literatura: 4.2.1. trata das teorias da quantificação, que – como já frisei em outros pontos desta tese – têm entendido como quantificação apenas as operações sobre quantidades de entidades no âmbito do SN; 4.2.3. trata das teorias de grau (*degree*), que – como também já frisei – entendem grau como uma propriedade da predicação expressa pelos adjetivos – sobretudo adjetivos de medida.

#### 4.2.1. Teorias da Quantificação

A distinção entre termos universais e particulares provém de Aristóteles<sup>46</sup>, mas a apreensão dos quantificadores como operadores individuais – e sua identificação com expressões das línguas naturais como *todo* e *algum* é obra da lógica mais moderna. A notação clássica dos quantificadores, fixada por Frege, representa-

---

<sup>45</sup> Uma exceção digna de nota é Kennedy e McNally (1999).

<sup>46</sup> Cf., especialmente, *Categorias*.



os como “ligadores de variáveis”, i.e., expressões que permitem que variáveis apareçam em construções bem-formadas:

$$(484) \quad \forall x F(x)$$

$$(485) \quad \exists x F(x)$$

Mostowski (1957) é apresentado como um dos principais trabalhos a generalizar a noção de quantificador, ou seja, criar uma categoria  $Q$ , que pode aparecer em fórmulas tais como

$$(486) \quad Qx\psi$$

em que  $\psi$  é uma fórmula de predicado com variável, e em que  $Q$  pode ser não só um operador lógico como  $\forall$  ou  $\exists$ , mas qualquer outra expressão com um escopo especificado de interpretações. Outra característica da proposta de Mostowski é a de propor a interpretação dos quantificadores em modelos abstratos de interpretação, de inspiração tarskiana.

O trabalho de Mostowski é a base daquilo que foi denominado, sobretudo a partir de Barwise e Cooper (1981), de teoria dos quantificadores generalizados. Na versão de Barwise e Cooper, a noção de quantificadores generalizados, porém, tem uma interpretação diferente da formulação clássica. Assim, uma sentença contendo um “determinante”, seria interpretada da forma:

$$(487) \quad [D(A)]B$$

em que o quantificador seria equivalente não ao determinante – aqui notado como  $D$ , na fórmula – mas à sentença toda. Quantificadores são relações entre dois conjuntos de indivíduos, os determinantes são apenas os sinais da relação; a quantificação, i.e., a relação em si, é expressa pela sentença toda. Assim, uma sentença como:

(488) Todos os alunos espirraram.

pode ser entendida como uma relação entre dois conjuntos – um denotado pelo núcleo do SN (conjunto dos alunos), outro denotado pelo predicado (conjunto dos que espirraram) – digamos,  $A$  e  $B$ , respectivamente. A quantificação expressaria que a intersecção entre  $A$  e  $B$  está totalmente contida em  $B$ , o que implicaria que todo elemento de  $A$  seria também um elemento de  $B$  (mas não vice-versa, o que garantiria que todo aluno espirrou, mas que nem todo aquele que espirrou é um aluno).

Barwise e Cooper reconhecem como determinantes, além dos quantificadores “lógicos”, outras expressões como *many, most, the* etc. Uma formulação de alguns dos principais determinantes do inglês, fortemente inspirada na teoria de Barwise e Cooper, encontrada em Westerståhl (1989: 44), é reproduzida abaixo:

**$\text{all}_M AB \Leftrightarrow \text{every}_M AB \Leftrightarrow \text{each}_M AB \Leftrightarrow A \subseteq B$**

**$\text{some}_M AB \Leftrightarrow \text{a}_M AB \Leftrightarrow A \cap B \neq \emptyset$**

**$\text{no}_M AB \Leftrightarrow \text{zero}_M AB \Leftrightarrow A \cap B = \emptyset$**

**$\text{most}_M AB \Leftrightarrow |A \cap B| > |A - B|$**

**$\text{both}_M AB \Leftrightarrow \text{all}_M AB \ \& \ |A| = 2$**

**$\text{neither}_M AB \Leftrightarrow \text{no}_M AB \ \& \ |A| = 2$**

**one = some**

**$\text{two}_M AB \Leftrightarrow |A \cap B| \geq 2$**

**$\text{three}_M AB \Leftrightarrow |A \cap B| \geq 3$**

**several = three**

**a few = some**

em que o índice  $M$  significa que os quantificadores devem ser interpretados em um modelo de mundo.

Determinantes como *many* e *few* são excluídos de algumas análises extensionais, com base no fato de suas denotações serem consideradas “vagas” (ou dependentes de contexto). Esses quantificadores são entendidos<sup>47</sup> como, além de

<sup>47</sup> Cf. Westerståhl (1985) e (1989), Partee (2004)

dependentes de contexto, ambíguos em sua interpretação entre o que Partee (2004: 241) chama de uma leitura cardinal e uma leitura proporcional:

(489) Many aspens burned.

(a) Cardinal:  $|A \cap B| > n$

(b) Proporcional:  $\frac{|A \cap B|}{|A|} \geq k$ ;  $k$  é uma fração ou porcentagem

(490) Few aspens burned.

(a) Cardinal:  $|A \cap B| < n$

(b) Proporcional:  $\frac{|A \cap B|}{|A|} \leq k$ ;  $k$  é uma fração ou porcentagem

Em ambos os casos, os índices são dependentes de contexto, *i.e.*, não existe um valor invariável para  $n$  ou  $k$  em todos os contextos. A diferença entre as duas leituras se dá em que  $n$  é uma espécie de índice de quantidade para o universo do discurso; as leituras cardinais de (489) e (490) indicariam que as quantidades de choupos que queimaram são consideradas ‘muito’ ou ‘pouco’ em termos absolutos, com relação a qualquer quantidade do universo do discurso. Já  $k$  indica uma proporção, e não apenas sobre a quantidade de choupos que queimaram; em (489) e (490), a leitura proporcional expressa que a proporção de choupos que queimou é muito ou pouco com relação à quantidade total de choupos no universo do discurso.

Uma interpretação para um uso de *more* (ou, mais exatamente, de *more... than...*) como determinante é tentada em Westerståhl (1989: 53). Assim, em uma sentença como:

(491) There are *more* students who attended *than* students who stayed home.

o autor reconhece um operador *more than stayed home* que toma *students* como argumento e pode ser formulado como:

$$\begin{aligned}
(492) \quad & \text{more than stayed home}_M AB \Leftrightarrow \\
& \Leftrightarrow |A \cap B| > |A \cap \|\text{stayed home}\| | \\
& \Leftrightarrow |A \cap (A \cap B)| > |A \cap \|\text{stayed home}\| | \\
& \Leftrightarrow \text{more than stayed home}_M A A \cap B
\end{aligned}$$

Na verdade, a fórmula poderia ter sido generalizada para a obtenção de uma descrição teórica para *more*, o que não é tentado; de uma forma geral, ela não apresenta vantagens importantes sobre as descrições apresentadas nesta tese, em 4.1.2.

Dois problemas iniciais podem ser reconhecidos quando da extensão das descrições teóricas para os quantificadores de julgamento de valor, tal como elas foram elaboradas para *many* e *few*, para as expressões correspondentes no português do Brasil. O primeiro diz respeito ao fato de que *many* e *few* exigem sempre plural, e portanto pressupõe sempre quantidades contáveis – ao contrário de *muito* e *pouco*, que podem ocorrer também com quantidades não-contáveis. O segundo diz respeito ao fato de que as descrições teóricas de *many* e *few* – bem como dos outros quantificadores do inglês – foram pensadas para determinantes, ou seja, modificadores de núcleo de SN que denotam quantidades de entidades. Estender essas descrições para outros modelos vai pressupor um modelo de interpretação que conte com mais indivíduos (eventos, intervalos de tempo) além das entidades dos modelos mais clássicos.

#### 4.2.2. Teorias de Escalas de Grau

A introdução de escalas de grau são uma modalidade como parte das ontologias dos modelos de interpretação, na semântica formal, foi proposta para dar conta tanto de adjetivos de medida (*measure adjectives*), como *expensive/cheap*, *short/tall*, *big/small*. A primeira formalização desse tipo de ontologia, segundo Kennedy (2001: 34), é encontrada em Seuren (1973) e Cresswell (1976), e desde então

adotados por um número bem grande de análises de adjetivos graduáveis - *i.e.*, adjetivos que podem ser representados como tendo graus diferentes de predicação.

A proposta de Kennedy (2001) assume que graus devem ser formalizados como intervalos em uma escala, e que adjetivos graduáveis são funções que mapeiam indivíduos a graus em uma escala. Uma escala pode ser definida (Kennedy, 2001: 52) como um conjunto de pontos infinito e linearmente ordenado, associado a um tipo de medida que a escala representa (*peso, altura, comprimento, brilho* e assim por diante). Um grau, por sua vez, é definido da seguinte maneira:

### Definição de Grau

Um grau  $d$  pode ser definido como um subconjunto convexo, não vazio, de uma escala, *i.e.*, um subconjunto da escala com a seguinte propriedade:

$$\forall p_1, p_2 \in d \forall p_3 \in S [p_1 \sqsubseteq p_3 \sqsubseteq p_2 \rightarrow p_3 \in d]$$

A definição acima é, simplesmente a definição de um conjunto linearmente ordenado de pontos.

Consoante essa definição, Kennedy (2001: 54) formula como segue as condições de verdade para construções comparativas com *more*, *less* e *as*, tal como segue:

$$\forall d_1, d_2 \in D$$

$$\text{Comparativas com } more: (d_1 \text{ } \grave{h} \text{ } d_2) \Leftrightarrow ((d_1 \cap d_2) = d_2) \wedge (d_1 \neq d_2)$$

$$\text{Comparativas com } less: (d_1 \text{ } \sqsupseteq \text{ } d_2) \Leftrightarrow ((d_1 \cap d_2) = d_1) \wedge (d_1 \neq d_2)$$

$$\text{Comparativas com } as: (d \text{ } \geq \text{ } d_2) \Leftrightarrow ((d_1 \cap d_2) = d_2)$$

Entendendo-se o sufixo *-er*, dos adjetivos ingleses, como equivalente às comparativas com *more*, sentenças comparativas como (493) a (495) receberiam, teriam suas condições de verdade descritas em (496) a (498):

- (493) John is shorter than Ann.  
 (494) John is less short than Ann.  
 (495) John is as short as Ann.
- (496)  $d(\text{short}, j) \dot{h} d(\text{short}, a)$   
 (497)  $d(\text{short}, j) \sqsupseteq d(\text{short}, a)$   
 (498)  $d(\text{short}, j) = d(\text{short}, a)$

O desafio de estender a teoria com funções de grau para a quantificadores do português do Brasil, tal como eles foram descritos nos três primeiros capítulos desta tese implicará, em primeiro lugar, entender que além dos adjetivos, outras expressões (nomes em função de adjetivo, verbos) podem denotar predicação graduável em termos de escalas; em segundo lugar, implica também entender que outras expressões além dos comparativos *mais*, *menos* e *tanto* podem expressar relações de grau.

### 4.3. Esboço de um Modelo de Interpretação para a Quantificação para o Português do Brasil

O modelo que muito tentativamente proponho para a quantificação, no português do Brasil, não é uma descrição formal no sentido mais próprio. Talvez fosse melhor chamá-lo de um procedimento informal de formalização (*informal procedure of formalization*), nos termos de Thomason & Stalnaker (1973: 196):

Formalization is the procedure of translating statements of a natural language into formulas of an artificial language for the purpose of evaluating arguments using the statements, exposing ambiguities in them, or revealing their “true logical form”. The procedure is informal, since the rules for carrying it out are never made fully explicit. One must use his intuitive understanding of the content and structure of the given statements.

Este modelo pode ser entendido como um subsídio para uma descrição mais completa e rigorosamente formal da expressão da quantificação no português do Brasil, feito em condições de exequibilidade relativamente limitadas.

Na implementação desse modelo, partirei de assunções que podem ser feitas, baseadas principalmente nos fatos apresentados nos três primeiros capítulos desta tese. Também levarei em consideração as descrições dos quantificadores abordadas neste capítulo, o que significa que elas serão avaliadas com relação a se correspondem – e em que grau – aos quantificadores do português do Brasil.

As três primeiras assunções que faço são as seguintes:

### **Assunção 1**

Quantificadores sempre denotam as mesmas funções sobre quantidades em qualquer contexto típico de ocorrência.

### **Assunção 2**

Expressões quantificadas (formadas por um quantificador mais a expressão modificada por ele) podem denotar: quantidades de entidades, quantidades de evento, duração de intervalos de tempo, graus de predicação de adjetivos, graus de predicação de verbos.

### **Assunção 3**

O tipo de coisa quantificada depende da categoria do item lexical que é modificado pelo quantificador: nomes denotam conjuntos do tipo entidade; verbos podem denotar conjuntos do tipo evento, intervalos de tempo e predicados de entidades e adjetivos denotam predicados de entidades.

Com base nas três assunções denotadas acima, pode-se apresentar a seguinte definição de um quantificador:

### Quantificador – Definição 1.0

Um quantificador denota uma determinada relação  $R$  sobre quantidades  $Q$  de um tipo  $T$ , tal que  $T$  pertence ao conjunto  $\mathbf{T}$  de conjuntos de tipo do modelo  $M$ , e  $T$  é o tipo característico de cada categoria  $C$  que o quantificador modifica.

A Definição 1 nos dá a estrutura geral de um quantificador – aqui chamada **grade** –, que pode ser esquematizada na tabela abaixo:

Qf	<b>Relação: R</b>				
	<b>Tipo: T</b>				
	<b>Categoria: C</b>				
	C1	C2	C3	C4	C5

O esquema acima pode ser entendido como um esquema geral de uma matriz de propriedades. Cada célula à direita representa uma propriedade não especificada – cada letra maiúscula representa uma espécie de variável de propriedade a ser especificada. Observe-se que, no que diz respeito a categorias, a variável  $C$  representa a categoria que o quantificador modifica na construção em que aparece – a matriz  $[C1, C2, C3, C4, C5]$  representa as categorias que podem ser modificadas pelo quantificador. Apenas uma categoria pode ser modificada pelo quantificador em cada construção.

Dado um quantificador qualquer – digamos, *muito* – na estrutura geral do quantificador, a princípio são especificadas a **relação** e as **categorias** de modificação (a formulação de *muito* pode ser vista no quadro 7.1.). Dado que existe uma certa indefinição sobre quantas e quais são as classes tradicionalmente denominadas “advérbios”, dado que a maior parte dos advérbios modificados pelos quantificadores são derivados de adjetivos com o “sufixo” *-mente*, e dado que nesses casos o quantificador parece modificar o adjetivo e não o advérbio propriamente, eu incluirei esse tipo de modificação sob o rótulo geral de Ad (= adjetivos). Observe-se que o esquema distingue uma categoria  $Qf$  que é formada por quantificadores – com a ressalva de que pode não se tratar de uma classe de palavras com o mesmo status das outras classes, conforme visto em 2.2.



As especificações de T e de C são dadas pelas categorias. Os esquemas gerais das estruturas de nomes, verbos e adjetivos podem ser vistos através da representação do nome *pessoa* (quadro 7.2.), do verbo *ir* (quadro 7.3.) e do adjetivo *triste* (quadro 7.4.). Nesses esquemas, a coluna da esquerda estabelece o valor categorial – *i.e.*, a classe a que o termo pertence. Rótulo é o valor lexical de cada item, um conjunto de propriedades privativo de cada item; tipos são os tipos de objetos no universo do discurso que o termo pode denotar; categoria é o tipo de categoria que ele exige na construção da sentença – a sua conexidade sintática: assim a categoria N, no caso dos adjetivos, indica que ele é um funtor do tipo N/N (ou seja, toma nomes como argumentos); as categorias SN e SP, no caso do verbo *ir*, significa que ele é um funtor do tipo SN\S/SP (ou seja, toma um SP à direita e um SN à esquerda, como argumentos); assume-se que N só tem valor, nunca argumento. No caso dos tipos, cada letra maiúscula corresponde a um conjunto de objetos do universo do discurso, no modelo de interpretação:

#### Modelo M:

Conj.	Descrição	Variável	Constantes
X	Conjunto das entidades em UD	x	{ $x_1, x_2, x_3 \dots x_n$ }
E	Conjunto dos eventos em UD	e	{ $e_1, e_2, e_3 \dots e_n$ }
T	Conjunto dos intervalos de tempo em UD	t	{ $t_1, t_2, t_3 \dots t_n$ }
D	Conjunto dos graus	d	{ $d_1, d_2, d_3 \dots d_n$ }

Um tipo  $Q^*$  é o tipo básico de quantificação de uma classe de palavras, é o tipo que ele denota obrigatoriamente ou preferencialmente em contextos de quantificação – no caso dos nomes são as entidades, no caso de verbos como *ir* são eventos, no caso de adjetivos como *triste*, são os graus (pode ser entendido como a “predicatividade” da expressão). Estou assumindo que nomes podem também denotar entidades e também eventos, da mesma forma que verbos, mas entidade nunca será o tipo Q de um verbo, nem E será o tipo Q de um nome. Através dessa assunção pode-se capturar um interessante dado intuitivo, que é que a relação mantida pelo quantificador *muito* tanto modificando nomes quanto modificando verbos. Dada uma

sentença em cada contexto – digamos, (499) e (500) – teremos para ambas, considerando só o *muito*, “cardinal”, uma interpretação do tipo dada em (501):

(499) Muitas pessoas foram para São Paulo.

(500) João foi muito para São Paulo.

(501)  $|A \cap B| > n$

Aparentemente, é possível manter a interpretação em (501) tanto para (499) quanto para (500). Em (500) teríamos: a (cardinalidade do conjunto representado pela) intersecção do conjunto de entidades denotado por *pessoas* e do conjunto de entidades denotado por *foi para São Paulo* é maior que uma taxa  $n$  no universo do discurso. Em (501) teríamos: a intersecção entre o conjunto de eventos denotado por *foi para São Paulo* e o conjunto de eventos de *João* é maior que uma taxa  $n$  no universo do discurso.

No caso da leitura proporcional, dada em (502), talvez não seja possível manter a mesma relação – ou a mesma ordem da relação:

$$(502) \frac{|A \cap B|}{|A|} \geq k; \text{ } k \text{ é uma fração ou porcentagem}$$

Por (502), (499) se interpreta assim: a quantidade das pessoas que foram para São Paulo atinge uma proporção  $k$  da quantidade total das pessoas. Por outro lado, (500) se interpretaria assim: a quantidade total dos eventos do tipo *ir para São Paulo* e do tipo “eventos de *João*” atinge uma proporção  $k$  da quantidade total de eventos do tipo *ir para São Paulo* (dado que o SV, não o SN é o núcleo da quantificação). Seria desejável que a ordem dos conjuntos fosse diferente: a quantidade total dos eventos do tipo *ir para São Paulo* que é evento de João atinge uma proporção  $k$  da quantidade total de eventos que é evento de João. Isso talvez fosse conseguido fixando ao A, da fórmula, aos conjuntos denotados pelo SN, em qualquer situação.

Uma outra dificuldade diz respeito ao fato de que todas as fórmulas de *many* e *few* em (489) e (490) fazem comparações acerca da cardinalidade dos conjuntos; isso

impede que sejam utilizadas, tal como estão, para denotarem quantidades de conjuntos não-contáveis. Talvez fosse interessante substituir o sinal de cardinalidade por um operador de soma, que ao invés da cardinalidade, indica uma soma de partes de um conjunto:

- (503) (a) Absoluta:  $\Sigma(A \cap B) > n$   
 (b) Proporcional:  $\frac{\Sigma(A \cap B)}{\Sigma(A)} \geq k$ ;  $k$  é uma fração ou percentagem
- (504) (a) Absoluta:  $\Sigma(A \cap B) < n$   
 (b) Proporcional:  $\frac{\Sigma(A \cap B)}{\Sigma(A)} \leq k$ ;  $k$  é uma fração ou percentagem

A cardinalidade pode ser mantida para *muitos* e *poucos*, uma vez que é garantida pelo morfema plural, em português. Mas, daí, não precisa ser indicada no quantificador.

Um problema adicional da proposta que é veiculada nesta seção diz respeito à quantificação sobre graus. A aplicação do quantificador *muito*, tal como ele está definido no quadro acima, sobre um adjetivo, como *triste*, em (505), gera uma leitura diferente da que seria desejada:

(505) João está triste.

Por uma leitura absoluta de (505), através da fórmula de *muito*, em (503), tem-se que o grau da intersecção do predicado *ser João* e *ser triste*, é maior que um valor  $k$  na escala de graus – ou seja, que o individual é *muito João-triste*, ou coisa parecida. Na verdade, o que se quer é algo mais simples – que o grau de tristeza em João é maior que um valor  $k$  na escala, ou seja, condições de verdade no estilo das descrições das abordagens de grau, como a de Kennedy (2001):

(506)  $d(\text{short}, j) \hat{h} k$

Dentro de uma tal abordagem, as condições de verdade de sentenças com os operadores de grau do português do Brasil ficariam assim:

<i>mais:</i>	$(d_1 \text{ } \grave{h} \text{ } d_2) \Leftrightarrow ((d_1 \cap d_2) = d_2) \wedge (d_1 \neq d_2)$
<i>menos:</i>	$(d_1 \text{ } \sqcap \text{ } d_2) \Leftrightarrow ((d_1 \cap d_2) = d_1) \wedge (d_1 \neq d_2)$
<i>tanto...quanto:</i>	$(d \geq d_2) \Leftrightarrow ((d_1 \cap d_2) = d_2)$
<i>muito:</i>	$d \text{ } \grave{h} \text{ } n$
<i>pouco:</i>	$d \text{ } \sqcap \text{ } n$
<i>todo:</i>	$d_t : \neg \exists d (d \geq d_t)$
<i>nada:</i>	$d_n : d_n = 0$

Outras características talvez apontem para o fato de que o quantificador, quando opera sobre grau, tem características diferentes do quantificador que opera sobre quantidades. A quantificação de grau parece dizer respeito unicamente à inclusão de uma entidade em um conjunto de entidades – ela expressa que essa inclusão não se dá de maneira discreta (com apenas dois valores do tipo está incluído/não está incluído), mas de maneira gradual, que pode ser representada através de uma escala. Além disso, ela pode ser expressa no que diz respeito às três categorias predicativas principais – nomes, verbos e adjetivos. As três categorias podem aparecer com quantificação sobre grau: adjetivos, sempre; nomes em construções atributivas (do tipo [cópula + N]; e quanto aos verbos, alguns parecem expressar exclusivamente (ou ao menos predominantemente) predicções graduáveis, enquanto os demais também admitem esse tipo de leitura (*cf.* exemplos (309) e (361) a (363)) – significativamente, o tipo D ('grau') figura em todos eles. Além disso, mais adiante se sugerirá que os quantificadores, quando em SVs ou SNs, fazem operações diferentes (de *determinante*), o que não acontece quando ocorrem com adjetivos (e, provavelmente, com as outras categorias).

Uma das soluções possíveis para essa diferença seria pressupor que o quantificador possua dois valores de modificação: um valor Q, de operação sobre quantidades, e um valor D, de operação sobre graus. A reformulação do

quantificador *muito*, sob esse ponto de vista, bem como das demais categorias lexicais pode ser vista no Quadro 8.

O tipo D pode ser retirado, já que se pressupõe que ele exista e possa ser quantificado em qualquer categoria lexical; além disso, os graus não são exatamente objetos no universo do discurso, mas relações entre valores de funções e índices em uma escala. Foram introduzidas modificações para dar conta da diferença entre três tipos básicos de verbos: os estativos, que não denotam evento, e não têm tipo Q\*; os verbos eventivos, que exigem como argumentos SNs com o traço [+temporal] – SNs que denotem intervalos de tempo “medidos”, como *uma hora*, *uma semana* etc., e finalmente verbos como *dormir*, em que o quantificador pode quantificar sobre eventos e sobre um tempo intrínseco de duração.

Essa formulação captura algumas intuições interessantes sobre a quantificação no que diz respeito aos verbos. Em primeiro lugar, o fato de que para verbos não-eventivos quantificadores explícitos de *eventos* parecem ser elementos externos tanto ao significado do verbo quanto à própria estrutura da sentença. Assim, *muito*, com *gostar*, nunca significa *muitas vezes*, ainda que *muitas vezes* possa ocorrer em sentenças com *gostar*:

(507) Gostei do filme muitas vezes.

Em (507), se predica a existência de uma série de situações, e em cada situação dessa se predica o estado *gostar do filme*; essas situações cuja existência é pressuposta em (507) podem ser entendidas como possíveis de serem explicitadas como ocorre em (508), que tem um significado muito próximo ao de (507):

(508) Gostei do filme em muitas das vezes em que fui assisti-lo.

Em (508) se caracteriza a quantificação dos eventos do tipo *eu assistir o filme*, para os quais se faz – ao menos em parte deles (= “muitos”) a predicação do estado *eu gostar do filme*. Além disso, essa quantificação sobre as situações é independente da expressão de quantificação sobre o grau:

(509) Gostei um pouco do filme muitas vezes.

Esse mesmo tipo de fenômeno ocorre com aqueles verbos em que a quantificação se faz sobre o intervalo de tempo denotado por seu objeto direto, como *demorar*, por exemplo. Também nesses casos a natureza externa da predicação sobre as situações permite que surjam, na mesma sentença, expressões de quantificação sobre o grau da predicação e sobre a quantidade de situações em que a predicação se repete:

(510) Ele demorou muito algumas vezes.

Finalmente, essa quantificação externa, independente de uma quantificação interna ao SV, parece ser possível com qualquer tipo de verbo, inclusive os eventivos. Nesse caso, se tem uma dupla quantificação: sobre os eventos que o verbo denota, e sobre o número de situações em que o estado de coisas descrito se repete:

(511) Muitas vezes eu ia pouco para São Paulo durante o mês.

Um dos problemas da representação do léxico feita no Quadro 8 é a falta de elegância na representação da denotação do valor dos quantificadores, devido a se postularem especificações diferentes para a quantificação sobre quantidades e a quantificação sobre graus.

Essas especificações, é claro, capturam a característica importante da natureza não-relacional da quantificação sobre graus – e, complementarmente, a característica relacional da quantificação sobre quantidades – denotada pelos quantificadores de julgamento de valor. Isso é o que pressupõe que as quantificações sobre entidades e sobre eventos envolvam sempre que a relação com  $n$  ou com  $k$  se dê não sobre a soma do conjunto de entidades denotada pelo nome que está sendo modificado pelo quantificador (ou sobre a soma do conjunto de eventos denotado pelo verbo que está

sendo modificado), mas sobre a soma do conjunto-intersecção dos conjuntos (de entidades, de eventos) denotados pelo nome e pelo verbo.

Algum tipo de mecanismo deve ser encontrado para generalizar as especificações sobre quantificação de grau e de quantidades em uma só especificação – e talvez também generalizar as duas leituras (cardinal ou absoluta e proporcional) dos quantificadores de julgamento de valor. Uma das possibilidades seria a de situar, de alguma forma, essa relação entre dois conjuntos no âmbito do SN e/ou do SV, já que é onde ela parece estar – ou, mais especificamente, no âmbito do “determinante” do SN ou do determinante do SV. Seria como propor que tanto o SN quanto o SV teriam uma instância – uma posição a ser preenchida – de determinante (cf. discussão adiante). A essa posição de determinante é que pertenceria o traço da relação entre os dois conjuntos. O quantificador só o assumiria quando estivesse na posição de determinante – *i.e.*, quando modificasse um nome ou um verbo eventivo. Em outras situações (verbos não eventivos, adjetivos, nomes em posição atributiva), ele permaneceria como um simples modificador.

A postulação de uma categoria do tipo determinante, para o SV, é algo que pode ser deduzido dessa assunção de que, em uma sentença que denota quantificação sobre eventos marcada por um quantificador de julgamento de valor, como ocorre em (500), a relação com o índice  $k$  ou  $n$  se faz do valor da soma de eventos no conjunto intersecção dos eventos do SV e do SN. Ora, a postulação equivalente para o SN pressupõe que o SN seja um funtor exotípico, não um argumento, e que seja cabeça da sentença, no lugar do verbo.

Para explicar essa diferença, preciso explicitar uma série de noções correntes em algumas versões de gramáticas categoriais<sup>48</sup>. A primeira dela é a assunção de que toda construção sintática é formada pela junção de um **funtor** com um **argumento**. Numa gramática categorial clássica, existem apenas duas categorias que são **argumentos**: Nomes e Sentenças; todas as demais são funtores. Um **funtor** é uma categoria que toma uma outra como argumento e dá como resultado uma categoria complexa formada pelo funtor e seu argumento. Assim, toda categoria complexa em qualquer linguagem, teria a forma em (512):

---

<sup>48</sup> Para a versão empregada aqui, cf. Hoeksema (1984) e Bouma (1988)

(512) F[A]

Numa gramática categorial, os funtores seriam as categorias com barras (/,\) – ou seja, tudo o que não é N, nem V. Nas gramáticas categoriais, as descrições de funtores indicam qual é o (valor) argumento dos funtores, bem como o valor do resultado da construção formada pelo funtor e seu argumento. Categorias essencialmente argumentais, como N e S só têm indicado o valor (já que não tomam argumentos). Abaixo, identifico o valor e argumentos de algumas categorias básicas das línguas naturais:

<b>Categoria na Língua</b>	<b>Tipo</b>	<b>Valor</b>	<b>Argumento</b>
nomes	N	N	
verbos intrans.	N\S	S	N
adjetivos	N\N	N	N
verbos trans.	N\S/N	S	[N/], [\N]
“advérbios”	(N\S)\(N\S)	(N\S)	(N\S)

Pela lista acima, vemos que é possível distinguir entre operadores que têm o mesmo valor que seus argumentos e operadores que têm um valor diferente de seus argumentos, os primeiros são funtores endotípicos, ou modificadores, os segundos são funtores exotípicos:

**Definição de Exo-/endotipicidade:**

$X/Y, Y\X$  é endotípico se  $X=Y$ ; de outra forma é exotípico.

A partir da definição acima, e da definição de cabeçade uma construção sintática (abaixo), pode-se distinguir entre modificadores e complementos:



### Definição de CABEÇA

Em uma construção consistindo de um funtor F e um argumento A, a cabeça constituinte é F, a menos que seja endotípico (isto é, que F não seja da forma  $X/X$  ou  $X\backslash X$ ); neste caso A é a cabeça.

### Definição de COMPLEMENTO

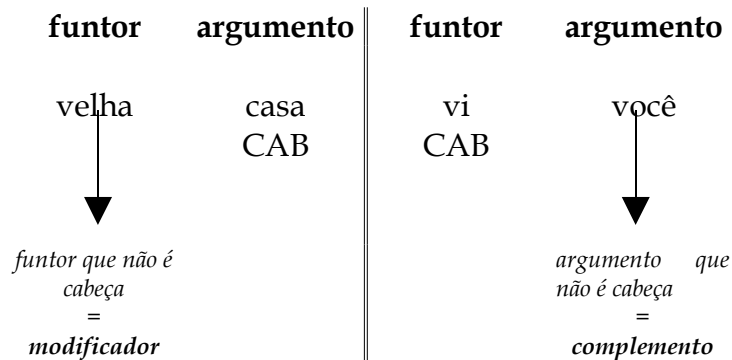
Um argumento que não é cabeça é complemento.

### Definição de MODIFICADOR

Um funtor que não é cabeça é modificador.

Em (513) pode-se ver dois exemplos de funtores: endotípicos, como *velha*, e exotípicos, como *vi*; também pode-se ver argumentos que são cabeça, como *casa*, e argumentos que não são cabeça, como *você*, em alguns de seus contextos de ocorrência:

(513)



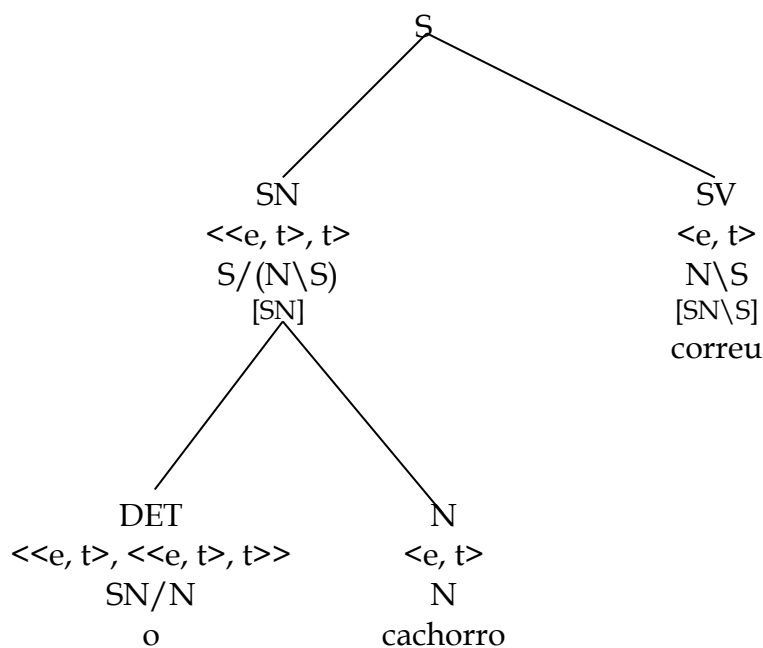
Nas versões mais antigas das gramáticas categoriais, os verbos eram entendidos como funtores exotípicos (cabeças) das sentenças:

(514) O      cachorro      correu  
N/N N                      N\S

A conexão do sujeito (*o*) *cachorro* com *correu* representaria a fregeana assunção de que a conexão de um sujeito com um predicado equivale à pertinência de uma entidade a seu conjunto – assim, o que se estaria predicando, em (514), é que o indivíduo *o cachorro* pertence ao conjunto dos *x* tal que *x correu*.

Nas gramáticas de quantificadores generalizados – a gramática de Montague entre elas – os verbos continuam sendo entendidos como conjuntos de indivíduos (funções de indivíduos a valores de verdade, aqui), mas os SN são entendidos como conjuntos de conjuntos de indivíduos (funções de conjuntos de indivíduos a valores de verdade, aqui):

(515) O cachorro correu.



A conexão sintática, na sentença, não é mais vista como a relação entre o elemento denotado pelo nome/sintagma nominal e o seu conjunto, denotado pelo verbo, mas pela relação entre um conjunto de indivíduos, denotado pelo verbo, com o conjunto de conjuntos denotado pelo nome. Dessa forma, o SN não é mais um simples argumento de um funtor-cabeça representado pelo verbo: ele é o funtor cabeça, e o verbo (ou o SV) é o argumento. E os determinantes, como o artigo, não são mais vistos como modificadores – funções que vão de indivíduos a indivíduos,

no universo do discurso, como nas gramáticas clássicas (*cf.* (513)), mas como funções entre conjuntos de indivíduos e conjuntos de conjuntos de indivíduos – em outras palavras, não como modificadores, mas como funtores-cabeça do SN, da mesma forma que o SN é o funtor cabeça da sentença. Sendo a base das teorias dos quantificadores generalizados, essa assunção está também na base da formalização de determinantes apresentadas ao longo da seção 4.2.1. Todos os determinantes ali representados, são encarados como estabelecendo relações que são ou podem ser reduzidas à intersecção entre dois conjuntos (A e B), que são os conjuntos de indivíduos (<e, t>) representados pelo nome que é núcleo do SN e pelo verbo (ou SV).

A caracterização dos quantificadores como determinantes no sentido dos determinantes das teorias de quantificadores generalizados os transformaria nos funtores exotípicos dentro do SN – portanto, funções entre conjuntos de indivíduos e conjuntos de conjuntos de indivíduos.

Aparentemente, os quantificadores podem desempenhar tanto esse papel quanto o papel de modificadores em SNs em que os determinantes são outros:

(516) Com o conhecimento que tenho, consigo me movimentar muito bem e encontrar soluções adequadas para **os muitos** problemas que aparecem", assinala.

[<http://www.ufmg.br/diversa/7/administracao.htm>]

(517) O presidente Luiz Inácio Lula da Silva criticou hoje, no discurso no Congresso após tomar posse pela segunda vez, **os poucos** avanços obtidos no mundo para resolver grandes problemas como as desigualdades econômicas ou o terrorismo

[<http://noticias.uol.com.br/ultnot/efe/2007/01/01/ult1808u82727.jhtm>]

(518) Mas, antes de começarmos a imaginar que esse é de fato um problema, penso que devemos considerar essa nova tendência mundial como uma ótima e oportuna sugestão de aceitação das diferenças entre as pessoas e entre **esses tantos** estilos de Yoga em voga - quer sejam considerados expressivos e atuantes, como fossilizados e resistentes, e, porque não

admitirmos, até mesmo os estilos totalmente oportunistas têm sua razão de ser e de existir.

[<http://www.yoga.pro.br/artigos.php?YogaId=27ef07cc5d32eb28a3b1c5f13c33216e&cod=498&secao=3022>]

Em construções como (516) a (518), os quantificadores não seriam determinantes (funtores-cabeça), posição que seria ocupada pelo artigo definido, em (516) e (517) e pelo demonstrativo *esses* em (518). Uma olhada mais cuidadosa talvez demonstre que essa é uma explicação um pouco apressada para a estrutura desses SNs. Em primeiro lugar, parece que os SNs em que um artigo, ou um outro determinante (no sentido de Castilho (1993) e Perini (1998)), aparece à esquerda do quantificador têm uma configuração toda especial. Observe-se que os SNs em (516) e (517) têm termos restritores de significado à sua direita (*que aparecem e obtidos no mundo para resolver...*, respectivamente). Com efeito, sintagmas nominais com artigo, ou um demonstrativo, mais um quantificador, parece que exigem necessariamente um elemento restritor:

(519) ?As muitas pessoas reclamaram do evento.

(520) ?Os muitos livros estão molhados

(520) e (521) são agramaticais, a não ser que o elemento restritor esteja elidido porque subentendido no contexto, ou no co-texto:

(522) As muitas pessoas que chegaram atrasadas reclamaram do evento

(522) Os muitos livros de Lourival estão molhados.

Esse é exatamente o caso em (518) – os restritores de *estilos de Yoga* são dados no texto anterior à ocorrência dessa expressão – lugar para onde aponta o dêitico *esses*. Isso parece sugerir que, sim, o artigo (e o demonstrativo), nesses casos, é o funtor-cabeça de um SN, mas que o argumento desse funtor é um outro SN, com também um funtor-cabeça, representado pelo quantificador.

Além disso, nem todo determinante pode figurar em SNs que servem de núcleo para outro SN:

(523) \*Os **bastante** livros de Lourival estão molhados.

(524) \*Os **alguns** motivos que eu tinha me impediram de fazer isso.

Alguns, por outro lado, ocorrem em construções que estão entre o raro e o desusado:

(525) O Ouvidor que eu fôr servido nomear para esta nova Comarca, procedendo ás averiguações necessarias sobre as commodidades locaes, me proporá a Villa que deve ser a Cabeça da Comarca, attendendo á situação, de modo que fique no meio della, podendo ser; e designando **os mais** motivos por que lhe parece apropriada e mais commoda aos meus fieis vassallos habitadores daquelles districtos.

(Alvará de criação da Comarca do Sertão de Pernambuco, 1810)

[[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/revista/Rev\\_62/Alvara.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/revista/Rev_62/Alvara.htm)]

A assunção que fiz, no começo desta seção, de que quantificadores modificando verbos (ou SVs) denotam quantificação sobre quantidades de eventos nos termos de (503) e (504) traz como consequência o compartilhamento, pelos SVs, de algumas das propriedades reconhecidas como privativas do SN pelas teorias dos quantificadores generalizados. Observe-se que a quantificação de eventos reproduz simetricamente a situação da quantificação sobre entidades. Assim, retomando os exemplos usados acima:

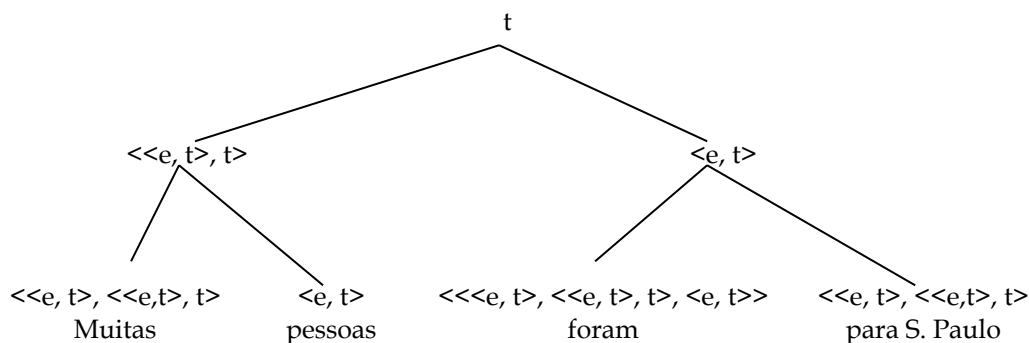
(499) Muitas pessoas foram para São Paulo.

(500) João foi muito para São Paulo.

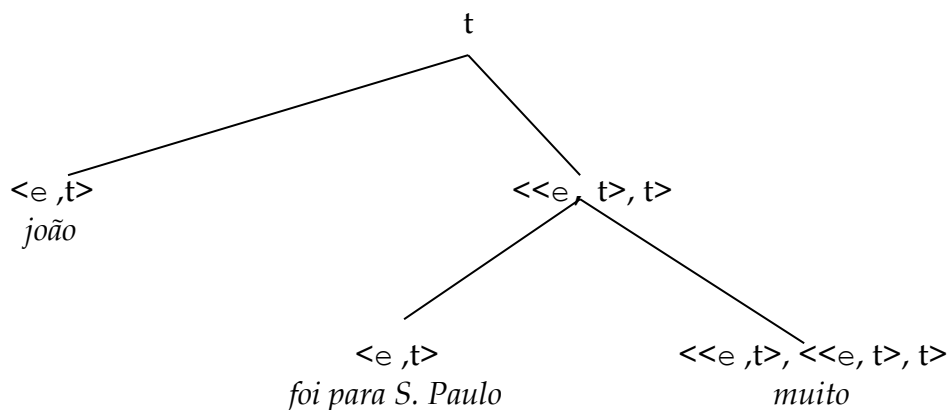
(501)  $|A \cap B| > n$

Em (499), o que se faz é dizer que a intersecção entre os conjuntos de individuais denotados por *pessoas* e por *foram* pertence ao conjunto de conjuntos de individuais denotadas pelo SN; em (500), inversamente, se diz que a intersecção entre o conjunto de eventos denotados pelo SN *João* e o conjunto de eventos denotado por *foram* pertence ao SV – que teríamos que considerar como denotando um conjunto de conjunto de eventos. Nesse caso, *muito* também faria o papel de determinante, no sentido montagueano, representando uma função entre conjuntos de eventos e conjuntos de conjuntos de eventos. Assim, a formulação montagueana de (499) é dada abaixo em (526), enquanto a formulação de “quantificadores generalizados de eventos”, é dada em (527):

(526) Muitas pessoas foram para São Paulo.



(527) João foi muito para São Paulo



Nem todas as sentenças teriam que ser interpretadas como (527), apenas aquelas que denotassem eventos – assim, os estados talvez tivessem um outro status – ou talvez outra configuração.

Essa concepção, se tem o mérito de capturar algumas intuições interessantes (ou, antes, tem a temerária propriedade de ser uma das possíveis maneiras de capturar essas intuições), tem também sobre ela o ônus de inflacionar o universo do discurso com mais objetos e, o que é mais grave, o de multiplicar as estruturas de interpretação de sentença, permitindo que as mesmas sentenças recebam estruturas diferentes e de natureza diferente.

Além disso, uma formalização completa foi sequer esboçada. Algumas condições de verdade foram formuladas, e ainda por cima utilizando dois sistemas de notação bastante distintos: o da teoria dos graus de Kennedy (2001) e o da teoria dos quantificadores generalizados. Ora, pelo menos esta segunda teoria tem sido bastante criticada por uma série de motivos<sup>49</sup> – entre eles justamente o de pressuporem quantificadores generalizados como estruturas universais. Por outro lado, na medida em que esta tese postula outras estruturas de quantificação além do eixo SN-entidades, ela vai ao encontro desse conjunto de críticas, e a favor do movimento para ampliar o espectro dos estudos dos fenômenos de quantificação nas línguas naturais.

Uma série de questões de detalhamento e de aprofundamento ainda podem ser apontadas como tendo ficado sem resposta, além das esboçadas acima:

a) não foi fornecida uma interpretação compatível com o modelo esboçado nesta seção para os quantificadores comparativos;

b) não foi aprofundada a questão das diferenças e semelhanças entre as propriedades de quantificadores de julgamento de valor como *bastante* e *demais* e o quantificador canônico *muito*, nem foi-lhes fornecida uma interpretação dentro do modelo esboçado;

c) não foi aprofundada a questão da classificação dos advérbios intensificadores em *-mente*, nem se esboçou qualquer interpretação das condições de verdades implicadas por eles nas sentenças em que figuram;

---

<sup>49</sup> Cf. a esse respeito, Bach *et alii* (1995) e Partee (1995).

d) não se tocou nem na superfície das questões envolvendo a expressão da quantificação sobre a duração de intervalos de tempo.

Além dessas questões de aprofundamento e detalhamento referentes à classe dos quantificadores, outras questões referentes à expressão da quantificação no português do Brasil (e, por extensão, nas línguas naturais) representam filões de trabalho ainda quase inexplorados:

a) a relação da quantificação e dos quantificadores com a expressão de noções como focalização e inclusão/exclusão nas línguas naturais;

b) a relação da quantificação com outros níveis da expressão de quantidade, como no caso dos adjetivos “de medida”, e outras expressões (SNs, NCs) que denotam medida;

c) a relação da quantificação com o sistema temporal/aspectual, não só no que diz respeito à quantificação sobre intervalos de tempo, mas da interação das diversas modalidades da quantificação com os diversos níveis da expressão da aspectualidade e da referência temporal na sentença.

#### **4.4. Conclusão**

O estudo de campos inteiros da construção da significação nas línguas naturais desafia o gosto e a tradição da semântica formal pelo fragmento, pelo estudo de caso. Por outro lado, essa sanha miniaturista pode fazer com que se perca de vista não só a visão do conjunto, como as grandes questões estritamente lingüísticas, a respeito da natureza da língua e da gramática, além de diminuir as perspectivas de generalização, que estão entre os objetivos mais importantes do empreendimento formalista de estudo das línguas naturais.

O trabalho com a quantificação em um horizonte mais amplo e situado ante o pano de fundo dessas questões mais gerais exigiu um trabalho bastante grande de levantamento de dados empíricos de língua, coisa que não é considerada essencial, quando não é totalmente evitada, em trabalhos formais. Porém, o contato com esses



dados propiciou o vislumbre de uma gama maior de fenômenos do que os listados nos manuais, mesmo os manuais de semântica formal.

Isso, por outro lado, ocasionou uma diminuição da densidade das formalizações lógicas. O que chamou a minha atenção, no entanto, ao longo do estudo, foi a imensa exigüidade de trabalhos, ao longo de uma tradição que cobre muito mais do que os cento e poucos anos da semântica de base lógica clássica e pós-clássica, sobre a maior parte dos tópicos abordados. Grandes áreas de uma das línguas que está entre as que têm as mais longas e férteis tradições gramaticais – e que está entre as melhores descritas – jazem, ainda, mal-descritas, ou sequer mencionadas nos mapas. A carência não afeta apenas a gramática do português: são poucos os textos que trabalham com fenômenos da quantificação fora do eixo do SN.

Acredito que um reconhecimento melhor da extensão do campo da quantificação terá sido o principal mérito desta tese, na falta de outro melhor. Em que pese os equívocos em que ela pode ter se perdido, e aos diversos e diferentes problemas e limitações que tanto o método quanto a perspectiva certamente apresente, creio que muitas das questões aqui colocadas precisarão ou ser respondidas, ou colocadas de uma maneira mais apropriada.

## REFERÊNCIAS:

---

- AJDUKIEWICZ, Kazimierz. 1935. Die syntaktische konnexität. *Studia Philosophica*, 1: 1-27.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. 1969. *Gramática metódica da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva.
- ARGOTE, Jeronimo Contador de. 1725. *Regras da lingua portugueza, espelho da lingua latina*. Lisboa: Officina da Musica.
- ARNAULD, Antoine; LANCELOT, Claude. 1992. *Gramática de Port-Royal*. São Paulo: Martins Fontes.
- AUROUX, Sylvain. 1992. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- AZEREDO, José Carlos. 2000. *Fundamentos de gramática do português*.
- BACH, Emmon *et alii*. 1995. Introduction. In: BACH, E. *et alii*. Quantification in natural languages. Dordrecht: Kluwer. p. 1-11.
- BAR-HILLEL, Yehoshua. 1953. A quasi arithmetical notation for syntactic description. *Language*, 29:47-58.
- BARBOZA, Jerônimo Soares. 1830. *Grammatica philosophica da lingua portuguesa, ou principios da grammatica geral applicados à nossa linguagem*. Lisboa: Academia Real das Sciencias.
- BARROS, João de. 1540. *Grammatica da lingua portuguesa*. Lisboa: Luis Rodrigo.
- BARTSCH, Renate. 1988. "Tenses and Aspects in Discourse." *Theoretical Linguistics* 15.133-94.
- BARTSCH, Renate.. 1992. "Scopes of Tenses and Aspects in a Flexible Categorical Grammar." *Theoretical Linguistics* 18.1- 44.
- BARWISE, J.; COOPER, R. 1981. Generalized quantifiers and natural language. *Linguistics and Philosophy* 4: 159-219.

- BECHARA, Evanildo. 2004. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BOUMA, G. 1988 Modifiers and specifiers in categorial unification grammar. *Linguistics* 26: 21-46.
- CASTEL BRANCO, João. 1643. *Grammatica latina*. Lisboa: Lourenço de Anueres.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.). 1993. *Gramática do português falado I: a ordem*. Campinas/São Paulo: Editora da UNICAMP/FAPESP.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. 1985. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- CHAPANSKI, Gissele. 2003. *Uma tradução da Tekhné Grammatiké, de Dionísio Trácio, para o Português*. Dissertação de Mestrado. Curitiba: UFPR.
- CHISHOLM, Roderick. 1964. The descriptive element in the concept of action. *Journal of Philosophy* 61: 613-624.
- COUTINHO, Ismael de Lima. 1976. *Gramática histórica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.
- CRESSWELL, M. J. 1976. The semantics of degree. In: Partee, B. (ed.) *Montague Grammar*. New York: Academic Press.
- CUNHA, Celso P.; CINTRA, Lindley. 2001. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- DAVIDSON, Donald. 1967. The logical form of action sentences. In: Rescher, Nicholas. *The logic of decision and action*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press. Reproduzido em Davidson (1980: 105-148) com críticas, comentários e defesa.
- DAVIDSON, Donald. 1980. *Essays on actions and events*. Oxford: Clarendon.
- DOWTY, David D. 1979. *Word meaning and Montague grammar*. Dordrecht: D. Reidel.
- ELSON, Benjamin; PICKETT, Welma. 1973. *Introdução à morfologia e à sintaxe*. Petrópolis: Vozes.
- GOMES, Alfredo. 1910. *Grammatica portugueza*. S. 1.
- GUIMARÃES, Márcio Renato. 1996. *Definidas genéricas: para uma abordagem mereológica*. Dissertação de mestrado. Curitiba: UFPR.
- GUIMARÃES, Márcio Renato. 2002. Alguns problemas na interpretação da progressividade no português do Brasil. *Revista Letras* 58. 185-209.

- HOEKSEMA, J. (1984) *Categorial morphology*. Dissertação - Universidade de Groningen.
- ILARI, Rodolfo. 2000. *Lingüística românica*. São Paulo: Ática.
- ILARI, Rodolfo et alii. 1993. Considerações sobre a ordem dos advérbios. In: CASTILHO (1993), p. 65-140.
- KENNEDY, Christopher. 2001. Polar opposition and the typology of 'degrees'. *Linguistics and Philosophy* 24: 33-70.
- KENNEDY, Christopher; McNALLY, Louise. 1999. From event scales to adjectival scales. *Proceedings of SALT 9*. Ithaca: Cornell.
- KEENAN, Edward L.; STAVI, Jonathan. 1986. A semantic characterization of natural language determiners. *Linguistics and Philosophy* 9: 253 – 326.
- KENNY, Anthony. 1963. *Action, emotion and will*. London: Routledge and Kegan.
- KLEIBER, Georges. 1985. Du côté de la généricité verbale: les approches quantificatíonnelles. *Langages* 79, 61-88.
- LOBATO, Antonio José dos Reis. 1770. *Arte da grammatica da lingua portugueza*. Lisboa: Regia Officina Typografica.
- LYONS, J. 1977. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MACIEL, Maximino. 1910. *Grammatica descriptiva*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- MATEUS, Maria Helena M. et alii. 1989. *Gramática da língua portuguesa*. 3. ed. Lisboa: Caminho.
- MELO, J. Nelino de. 1968. *Estudos práticos de gramática normativa portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bruno Buccini.
- MELO, Gladstone C. de. 1970. *Gramática fundamental de língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.
- MONTAGUE, Richard. 1968. On the nature of certain philosophical entities. *Monist* 53: 159-193. Reproduzido em Thomason (1974: )
- MOSTOWSKI, Andrej. 1957. On a generalization of quantifiers. *Fundamenta Mathematica* 44: 12-36.
- NEVES, Maria Helena de Moura. 2000. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora da UNESP.

- NUNES, Joaquim José. 1975. *Compêndio de gramática histórica portuguesa*. Lisboa: Clássica.
- OJEDA, Almerindo. 1998. *Linguistic individuals*. Chicago: CSLI.
- OLIVEIRA, Mário J. 2006. Planck e a emergência da quantização da energia. Disponível em: <http://fge.if.usp.br/~oliveira/planck.pdf>, consultado em 15.01.07.
- PARTEE, Barbara H. 1995. Quantificational structures and compositionality. In: BACH *et alii* (eds.). p. 541-601.
- PARTEE, Barbara H. 2004. Many quantifiers. In: PARTEE, B. *Compositionality in formal semantics*. Oxford: Blackhill. p. 241-58.
- PEREIRA, Eduardo Carlos. 1921. *Gramática expositiva*. São Paulo: "O Estado de São Paulo".
- PERINI, Mário A. 1998. *Gramática descritiva do português*. 3. ed. São Paulo: Ática.
- PESTANA, Daniel Ferreira. 1849. *Princípios de grammatica geral applicados a lingua portugueza*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- PIRES, Roberta. 2002. O menino tá todo triste: uma reflexão sobre a quantificação universal no PB. *Revista Letras* 61: 191-210.
- REICHENBACH, Hans. 1947. *Elements of symbolic logic*. New York: Free.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. 1979. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 20. ed. Rio de Janeiro: José Olympio.
- RYLE, Gilbert [1949] *The concept of mind*. New York: Barnes & Noble, 1968.
- de SWART, Henriëtte. 1993. *Adverbs of quantification: a generalized quantifier approach*. New York: Garland.
- SAID ALI, M. 1964. *Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa*. Brasília: Editora da UnB.
- SEUREN, P. A. M. 1973. The Comparative. In: Kiefer, F. & Ruwet, N. (eds.) *Generative grammar in Europe*. Dordrecht: Riedel.
- SILVA JÚNIOR, Pacheco da; ANDRADE, Lameira de. 1907. *Grammatica da lingua portugueza*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- SOUSA, Eurípedes Olímpio de Oliveira. 1957. *Noções de gramática e de língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

- von Stechow, Arnim. 1998. Some remarks on Ch. Kennedy's syntax and semantics of comparison. Comunicação apresentada no Workshop on the Syntax and Semanticx of Comparativs, Zentrum für Allgemeine Sprachenwissenschaft, Berlin, 27-28 de Novembro.
- de SWART, Henriëtte. 1993. *Adverbs of quantification: a generalized quantifier approach*. New York: Garland.
- THOMASON, Richmond H. 1974. *The selected papers of Richard Montague*.
- THOMASON, Richmond H.; STALNAKER, Robert C. 1973. A semantic theory of adverbs. *Linguistic Inquiry* 4: 195-220.
- VÁZQUEZ CUESTA, Pilar; LUZ, Maria Albertina Mendes. 1970. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Setenta.
- WACHOWICZ, Teresa Cristina. 1997. *Uma semântica de reticulados para os termos de massa*. Dissertação de Mestrado – Curitiba: UFPR.
- WESTERSTÅHL, Dag. 1985. Logical constants in quantifier languages. *Linguistics and Philosophy* 8: 387-413.
- WESTERSTÅHL, Dag. 1989. Quantifiers in formal and natural languages. In: GABBAY, D.; GUENTHNER, F. (eds.) *Handbook of philosophical logic*. Dordrecht: Kluwer.